Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N° 84 de 22.12.94 daPresidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

A Percepção da Comunicação Afetiva na Interação Pai-Filho: Estudo em Ambiente Carcerário com Autores de Violência SexualContra Crianças e Adolescentes

Marisa Trindade Pereira

Belém-Pará

2023

Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N° 84 de 22.12.94 daPresidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

A Percepção da Comunicação Afetiva na Interação Pai-Filho: Estudo em Ambiente Carcerário com Autores de Violência SexualContra Crianças e Adolescentes

Marisa Trindade Pereira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.ª Drª Daniela Castro dos Reis

Coorientadora: Prof.ª Drª Lília Iêda C. Cavalcante

Área de concentração: Ecoetologia

BelémPará

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

P436p Pereira, Marisa Trindade, 1981-
A percepção da comunicação afetiva na interação pai-filho: estudo em ambiente carcerário com autores de violência sexual contra crianças e adolescentes / Marisa Trindade Pereira. — 2023.
263 f.: il.

Orientadora: Daniela Castro dos Reis
Coorientadora: Lília Iêda Chaves Cavalcante
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2023.

1. Análise do comportamento. 2. Ecoetologia. 3. Psicologia infantil. 4.Parentalidade. 5. Violência sexual (crianças e adolescentes). 6. Comunicação afetiva. 7. Behaviorismo. I. Título.

CDD - 23. ed. 150.77

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB2/780

PPGTPC
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento UFPA

Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Defesa de Mestrado

"A Percepção da Comunicação Afetiva na Interação Pai-Filho: Um Estudo em Ambiente Carcerário com Autores de Violência Sexual."

Aluna: Marisa Trindade Pereira.

Data da Defesa: 24 de novembro de 2023.

Resultado: Aprovada.

Banca Examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
DANIELA CASTRO DOS REIS
Data: 24/04/2024 09:39:22-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Profª Drª Daniela Castro dos Reis (orientadora – UFPA).

gov.br Documento assinado digitalmente
LILIA IEDA CHAVES CAVALCANTE
Data: 24/04/2024 19:21:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Profª Drª Lília Iêda Chaves Cavalcante (co-orientadora – UFPA).

gov.br Documento assinado digitalmente
SANDRA ELISA DE ASSIS FREIRE
Data: 24/04/2024 07:44:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Profª Drª Sandra Elisa de Assis Freire (membro 1 – Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar).

_____
Profª Drª Dalízia Amaral Cruz (membro 2 – Espaço de Acolhimento de Crianças e Adolescentes de Barcarena-PA).

gov.br Documento assinado digitalmente
DALIZIA AMARAL CRUZ
Data: 22/04/2024 17:35:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N° 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor: Marisa Trindade Pereira RG: 4397980 CPF: 782.551.802-06 Fone: (91) 981404055
Vínculo com a UFPA: ( ) Servidor (x) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Tipo do documento: ( ) Tese ( ) Dissertação (x) Livro ( ) Capítulo de Livro ( ) Artigo de Periódico
( ) Trabalho de Evento ( ) Outro. Especifique: _____
Título do Documento: A Percepção da Comunicação Afetiva na Interação Pai-Filho: Estudo em Ambiente Carcerário com Autores de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes
Data da Defesa: 21/11/2023 Área do Conhecimento: Psicologia do Desenvolvimento
Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pesquisa de Nível Superior
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento.
*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?
(x) Sim ( ) Não
Permitir modificações em sua obra?
( ) Sim. (x) Não
O documento está sujeito ao registro de patente?
( ) Sim (x) Não
A obra continua protegida por Direito Autoral..

Belém, 18/02/2024

gov.br Documento assinado digitalmente
MARISA TRINDADE PEREIRA
Data: 18/02/2024 23:56:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Dedico esta dissertação ao meu pai Jesus Isidorio Pereira(*in memoria),* amigo, conselheiro, modelo de pessoa e grande incentivador da realização deste mestrado. Concretizo essa etapa de minha vida sem a sua presença física, mas com a certeza que ele é a minha estrela mais brilhante no céu.

Dedico ainda a minha mãe pelo apoio, carinho, cuidado eproteção, destinados a mim e à minha filha Bianca, que me ajudaram a vencer os obstáculos dessa trajetória acadêmica.

Agradecimentos

Expresso eterna gratidão e profundo respeito, que serão sempre poucos diantedo muito que me foi oferecido durante essa jornada de mestrado e de vida.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida e pela felicidade de realizar esse sonho. Graças ao meu Senhor por ter me guiado, ter sido minha força e meu escudo de proteção. Agradeço-te muito!

À mamãe, exemplo de mulher, que enxugou minhas lágrimas durante essa caminhada, dando-me suporte e proteção. Agradeço-lhe imensamente, mamãe.

À minha filha Bianca, amiga fiel e bem mais valiosa, gratidão pela compreensão, carinho e paciência. A sua presença em minha vida me torna mais leve.

Aos meus irmãos, Beth, Fábio, Ana e Rosana, por toda força que me deram em todos os momentos da minha vida. Vocês me mostram, a cada gesto e vivência compartilhada, a importância da família.

Aos meus sobrinhos, Sabrina, João, Sofia, Samile, Isabela, Helena, Bia e Manu, por toda alegria e energia emanada, fazendo-me sentir que viver vale a pena.

À tia, Maria Creusa, minha grande amiga e conselheira, pelos direcionamentose orações que sempre me guiam e protegem.

À minha querida orientadora Daniela Reis, agradeço o apoio, empatia, força, carinho e amizade. Obrigada por acreditar em mim, quando muitas vezes eu não acreditei e gratidão por toda a paciência de me ensinar esse caminho que quero continuar a trilhar. Amo você!

À minha coorientadora, professora Lilia Cavalcante, que segue sendo minha grande inspiração e acompanhou minha trajetória no mestrado desde o

início, obrigada pela confiança, apoio, conhecimento e orientações repassadas.

À doutoranda Maíra, pelas orientações que me auxiliaram a trilhar este caminho e à PIBIC Camille por todo o auxílio na construção do trabalhoso banco de dados.

Aos meus amigos de mestrado, pelo companheirismo e apoio mútuo, fundamentais nesta jornada.

À SEAP, nas figuras do Secretário Adjunto Coronel Artur e da Régia Sarmento, diretora de Assistência Biopsicossocial, pela liberação de carga horária quepossibilitou a realização do mestrado.

Às amigas da SEAP, por todos os nossos momentos de apoio mútuo, elas memostraram a importância da verdadeira amizade e do companheirismo.

Ao meu pai (in memoriam), que, em outro plano, deve estar muito orgulhoso de ver a conquista de mais uma etapa da minha vida acadêmica. Para sempre ele seráminha maior referência de ser humano e o amor que ele semeou no mundo continuaráa florescer no meu coração.

Ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC), pelo acompanhamento ao longo do mestrado e pela oportunidade oferecida.

E a mim, por ter me permitido viver o mestrado com toda a intensidade possível. Quando esse processo iniciou, jamais poderia imaginar seus desdobramentos, mas estou aqui, grata por encerrar este ciclo. Descobri ao longo do percurso que sou capaz de muitas coisas e apesar de saber que tive falhas, estou muitofeliz com meus acertos.

Aos demais colaboradores que contribuíram para que esse trabalho fosse concluído, expresso, meu muito obrigado!

Cumpres o teu castigo

Pagas à sociedade

E eu sofro contigo

Até à liberdade1

[1] Tradução livre de trecho da letra original da música “O filho recluso”.

Pe reira, M. T. (2023). A Percepção da Comunicação Afetiva na Interação Pai-Filho: Estudo em Ambiente Carcerário com Autores de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-PA, 256 p.

RESUMO

O conceito de violência apresenta elementos consensuais na literatura tais como presença de coerção e/ou uso força, além do dano que se produz. Das suas múltiplas formas de manifestação, o tipo de violência perpetrado contra crianças e adolescentes é considerado um grave problema de saúde pública. Caracteriza-se como um fenômeno universal, associado a uma relação assimétrica de poder. Possui a finalidade de obtençãode prazer e configura-se pela prática de qualquer ato sexual. Estudos sobre o autor da violência sexual contra crianças e adolescentes são incipientes no Brasil. Sua trajetória de vida constitui-se um tema complexo e seus aspectos parentais são tratados pela literatura com reserva, apesar de evidências apontarem maior probabilidade para autoresde violência serem pai ou padrasto da vítima. Diante da escassez de literatura sobre a parentalidade de autores de violência sexual contra crianças e adolescentes e com o intuito de contribuir com as pesquisas sobre o fenômeno, este estudo propõe-se analisara percepção da comunicação afetiva na interação pai-filho, a partir de um estudo em ambiente carcerário, com pais autores de violência sexual contra crianças/adolescentes.A pesquisa quanto a sua natureza é empírica e documental, exploratória e descritiva, com delineamento de corte transversal e abordagem quantitativa de dados. É composta por 3 (três) estudos independentes e interligados. O estudo I objetivou analisar as características biosociodemográficas e da agressão perpetrada por pais autores de violência sexual contra criança/adolescente, com base em fonte documental. Delineou- se como uma pesquisa do tipo descritivo-exploratória e abordagem quantitativa dos dados. Um formulário de caracterização biosociodemográfico foi utilizado como instrumento. A coleta permitiu a construção de um banco de dados, analisado por meio de estatística descritiva simples, medidas de tendência central e de dispersão calculados pelo *software* JASP. Realizou-se, ainda, uma análise discriminante de *cluster* calculadopor meio do *software* SSPS. Nos resultados da análise descritiva, o perfil biosociodemográfico apontou para pais autores em sua maioria pretos/pardos, com idade média de 40 anos, dois filhos, com cônjuge e ocupação. Os vínculos de parentesco apareceram na maior proporção de padrasto, pai e tio, respectivamente. Ascaracterísticas da agressão confirmaram a severidade e a gravidade do ato por meio do uso de força ou coerção severa (65,02%) e os atos de esfregar-se na vítima e sexo vaginal foram os mais frequentes. Na análise discriminante de *cluster* os agrupamentos foram significativamente discriminados e a função descrita como altamente significante (98,9%). As análises do estudo I permitiram esmiuçar aspectos da caracterização da população pesquisada para intervenções futuras mais eficazes. O estudo II objetivou identificar os aspectos biosociodemográficos e da parentalidade dos pais AVSCA encarcerados, por meio de um estudo empírico. Tratou-se de um estudo com características descritivo-exploratórias e com abordagem quantitativa dos dados. Um roteiro de entrevista semiestruturada foi utilizado como instrumento. A coleta permitiu a construção de um banco de dados analisado por meio de estatística descritiva, com medidas de tendência central e de dispersão. Além disso, foi realizada uma análise discriminante de *cluster* pelo

software SSPS. Nos resultados da análise descritiva os dados de caracterização dos pais autores de violência sexual contra crianças e adolescentes apresentaram média de 3,47 filhos de diferentes relacionamentos, majoritariamente possuíam desejo de ter filhos e construir uma família, registraram seusfilhos e possuíam convívio familiar com eles, realizavam atividades lúdicas de lazer e relacionadas a rotina da escola dos filhos. Na análise discriminante de *cluster* os pressupostos foram atendidos, observou-se que as variáveis selecionadas foram significativamente discriminadas e a função significante (99,1%). A análise descritiva cruzada que verificou as relações complementares entre as variáveis, demonstrou relações entre as variáveis religião, tabagismo e realizavam atividades lúdicas com os filhos. As análises do estudo II conseguiram caracterizar aspectos parentais dos pais autores de violência sexual contra crianças e adolescentes e descrever aspectos biosociodemográficos. O estudo III objetivou analisar, por meio de um estudo empíricoem ambiente carcerário, a percepção de pais AVSCA sobre a comunicação afetiva estabelecida com os filhos. Foram mensuradas quatro dimensões da comunicação afetiva, a expressão de afeto/apoio emocional, a disponibilidade parental para a comunicação, a metacomunicação e a confiança e partilha. Tratou-se de um estudo empírico, descritivo-exploratório com abordagem quantitativa dos dados. Um roteiro adaptado da escala de comunicação na parentalidade foi utilizado como instrumento. Acoleta permitiu a construção de um banco de dados analisado por meio de estatística descritiva, medidas de tendência central e dispersão e da análise discriminante de *cluster*pelo *software* SSPS. Nos resultados, as análises alcançaram os objetivos propostos de caracterizar a percepção da comunicação afetiva em pais autores de violência sexual contra crianças e adolescentes, que sinalizam a presença dessa percepção na população pesquisada, observada nas médias próximas ao valor máximo no roteiro adaptado, pela expressão de forte emoção as perguntas do instrumento e memória afetiva ao recorrem da relação que era estabelecida com os filhos no período anterior ao encarceramento. Naanálise de *cluster* os pressupostos foram atendidos, observou-se que as variáveis selecionadas foram significativamente discriminantes e a função altamente significante(100%). As evidências dos dados analisados demonstraram que o pai autor de violênciasexual apesar de apresentar histórico de vida adverso e de vulnerabilidade social, fatores colaborativos do comportamento disruptivo, ofereceu sinais indicativos de percepção decomunicação afetiva na relação estabelecida com os filhos. Além disso, as evidencias sinalizaram que esse processo interacional com o filho pode mobilizar sentimentos de empatia, emoção, afeto e mobilizar planos de reconstrução de vida para pais, neste contexto específico. Assim, nota-se que a pratica parental de comunicação afetiva necessita de novos estudos e com novos recortes em pais AVSCA com a finalidade de esmiuçar o tema, e que seu estudo possa ser estendido em outras populações, privado ounão de liberdade.

Palavras-chaves: autor de violência sexual contra crianças e adolescentes; parentalidade; comunicação afetiva.

Pereira, M. T. (2023). The Perception of Affective Communication in Father-Child Interaction: Study in a Prison Environment with Perpetrators of Sexual Violence Against Children and Adolescents. Master's Dissertation. Postgraduate Program in Theory and Research of Behavior. Belém-PA, 256 p.

ABSTRACT

The concept of violence presents consensual elements in the literature such as the presence of coercion and/or use of force, in addition to the damage that is produced. Ofits multiple forms of manifestation, the type of violence perpetrated against children andadolescents is considered a serious public health problem. It is characterized as a universal phenomenon, associated with an asymmetric power relationship. Its purpose is to obtain pleasure and is characterized by the practice of any sexual act. Studies on theperpetrator of sexual violence against children and adolescents are incipient in Brazil Their life trajectory constitutes a complex topic and their parental aspects are treated with caution in the literature, despite evidence indicating that perpetrators of violence are more likely to be the father or stepfather of the victim. Given the scarcity of literatureon the parenting of perpetrators of sexual violence against children and adolescents and with the aim of contributing to research on the phenomenon, this study proposes to analyze the perception of affective communication in father-child interaction, based on a study in a prison environment, with parents who committed sexual violence against children/adolescents. The research in terms of its nature is empirical and documentary, exploratory and descriptive, with a cross-sectional design and a quantitative data approach. It consists of 3 (three) independent and interconnected studies. Study I aimedto analyze the bio-sociodemographic characteristics and aggression perpetrated by parents who committed sexual violence against children/adolescents, based on documentary sources. It was designed as a descriptive-exploratory research with a quantitative data approach. A biosociodemographic characterization form was used as an instrument. The collection allowed the construction of a database, analyzed using simple descriptive statistics, measures of central tendency and dispersion calculated by the JASP software. A discriminant cluster analysis calculated using the SSPS software was also carried out. In the results of the descriptive analysis, the biosociodemographicprofile pointed to author parents who were mostly black/brown, with an average age of40 years, two children, with a spouse and occupation. Kinship ties appeared in the highest proportion of stepfather, father and uncle, respectively. The characteristics of theaggression confirmed the severity and seriousness of the act through the use of force orsevere coercion (65.02%) and the acts of rubbing against the victim and vaginal sex werethe most frequent. In the discriminant cluster analysis, the groupings were significantlydiscriminated and the function was described as highly significant (98.9%). The analyzesof study I made it possible to scrutinize aspects of the characterization of the researchedpopulation for more effective future interventions. Study II aimed to identify the biosociodemographic and parenting aspects of incarcerated AVSCA parents, through anempirical study. This was a study with descriptive-exploratory characteristics and a quantitative approach to the data. A semi-structured interview guide was used as an instrument. The collection allowed the construction of a database analyzed using descriptive statistics, with measures of central tendency and dispersion. In addition, a cluster discriminant analysis was performed using the SSPS software. In the results of the descriptive analysis the data on the characterization of parents who committed sexual

violence against children and adolescents showed an average of 3.47 children from different relationships, the majority of whom had a desire to have children and build a family, registered their children and had family life with them, carried out recreational leisure activities and related to the children's school routine. In the cluster discriminant analysis, the assumptions were met, it was observed that the selected variables were significantly discriminated and the function was significant (99.1%). The cross- descriptive analysis that verified the complementary relationships between the variables, demonstrated relationships between the variables religion, smoking and carrying out recreational activities with their children. The analyzes in study II were able to characterize parental aspects of parents who committed sexual violence against childrenand adolescents and describe bio-sociodemographic aspects. Study III aimed to analyze,through an empirical study in a prison environment, the perception of AVSCA parents regarding the affective communication established with their children. Four dimensionsof affective communication were measured: expression of affection/emotional support, parental availability for communication, metacommunication and trust and sharing. This was an empirical, descriptive-exploratory study with a quantitative approach to the data.A script adapted from the parenting communication scale was used as an instrument. The collection allowed the construction of a database analyzed using descriptive statistics, measures of central tendency and dispersion and discriminant cluster analysisusing the SSPS software. In the results, the analyzes achieved the proposed objectives of characterizing the perception of affective communication in parents who commit sexual violence against children and adolescents, which signals the presence of this perception in the researched population, observed in averages close to the maximum value in the adapted script, by the expression The questions of the instrument and affective memory are filled with strong emotion when referring to the relationship that was established with the children in the period before incarceration. In the cluster analysis, the assumptions were met, it was observed that the selected variables were significantly discriminating and the function was highly significant (100%). The evidence from the data analyzed demonstrated that the father who committed sexual violence, despite having an adverse life history and social vulnerability, collaborative factors of disruptive behavior, offered signs indicating a perception of affective communication in the relationship established with his children. Furthermore, the evidence showed that this interactional process with the child can mobilize feelings of empathy, emotion, affection and mobilize life reconstruction plans for parents, in this specific context. Thus, it is noted that the parental practice of affective communication requires new studies and with new perspectives on AVSCA parents in order to scrutinizethe topic, and that its study can be extended to other populations, whether deprived of freedom or not.

***Keywords**:* perpetrator of sexual violence against children and adolescents; parenting;affective communication.

Lista de Tabelas

Tabela 1. *Dados de variabilidade* (Estudo I) 73

Tabela 2. *Resultado da Classificação das amostras* (Estudo I) 75

Tabela 3. *Teste de normalidade da amostra* 105

Tabela 4. *Medidas de variabilidade* 105

Tabela 5. *Tabulação cruzada* 110

Tabela 6. *Resultado da Classificação das amostras (*Estudo II) 113

Tabela 7. *Medidas da Confiabilidade dos itens por dimensão do instrumento* 142

Tabela 8. *Medidas de Avaliação da Confiabilidade por itens* 143

Tabela 9. *Medidas da Adequação da Análise Fatorial para o instrumento* 145

Tabela 10. *Cargas Fatoriais, Comunalidades, Autovalores e Variância* 147

Tabela 11. *Médias e desvio-padrão das dimensões do Roteiro Adaptado* 162

Tabela 12. *Resultados da Classificação da amostra (*Estudo III) 163

Lista de Figuras

Figura 1. *Mapa dos Municípios onde foi aplicado o instrumento.* 67

Figura 2. *Mapa Discriminante dos pais autores (Estudo I)* 76

Figura 3. *Mapa da localização das unidades penais* 94

Figura 4. *Quadro de Critérios de inclusão e exclusão* 95

Figura 5. *Mapa de caracterização das cidades onde se identificou incidência* 103

Figura 6. *Mapa Discriminante dos pais autores (Estudo II)*..... 114

Figura 7. *Mapa Discriminante dos pais autores (Estudo III)*..... ..164

Figura 8. Quadro das diferenças *e semelhanças entre os grupos discriminantes* 166

Lista de siglas e abreviaturas

GEAV	Grupo de Estudo de Autores de Violência
EASCA	Grupo de Estudo do Agressor Sexual de Crianças e Adolescentes
AVSCA	Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes
AASCA	Autores de Agressão Sexual contra Crianças e Adolescentes
OMS	Organização Mundial da Saúde
VIVA	Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância
COMPA	Escala de Comunicação na Parentalidade
JASP	*Jeffreys's Amazing Statistics Program*
LIBRA	Sistema de Gestão de Processos Judiciais do Poder Judiciário
PAE	Processo Administrativo Eletrônico
SEAP	Secretaria de Administração Penitenciária
CTMABT	Central de Triagem Masculina de Abaetetuba
SSPS	*Software Statistical Package for Social Sciencies*
PEM	Presídio Estadual Metropolitano
SAGA	Secretaria Adjunta de Gestão Administrativa
INFOPEN	Sistema de Informações Penitenciárias

Sumário

Apresentação **20**

Introdução **25**

A violência 25

A violência sexual contra crianças e adolescentes 29

Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes (AVSCA) 33

Parentalidade 45

Comunicação afetiva entre pai e filho. 53

Contribuições à pesquisa da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner. 58

Problemática e hipóteses da pesquisa **63**

Objetivos **64**

Método **65**

Delineamento da Pesquisa 65

Considerações Éticas 65

Estudo I - Pais autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes: caracterização biosociodemográfica e da agressão perpetrada **66**

Objetivo geral 66

Método. 66

Delineamento da pesquisa 66

Contexto. 66

Participantes 67

Instrumento 68

Procedimento de coleta 68

Procedimento de análise 68

Considerações Éticas 71

Resultados 71

Discussão. 78

Conclusão 81

Referências 82

Estudo II – Caracterização biosociodemográfica e da parentalidade de pais autores de violência sexual contra crianças e adolescentes encarcerados 93

Objetivo geral 93

Método. 93

Delineamento da pesquisa 93

Contexto. 93

Participantes da pesquisa 93

Instrumentos 95

Procedimento de coleta 95

Procedimento de análise 96

Considerações Éticas 97

Resultados. 101

Discussão. 101

Conclusão 127

Referências 129

Estudo III – A percepção da comunicação afetiva de autores de violência sexual contra crianças e adolescentes encarcerados em seu processo interacional com o filho 138

Objetivo geral 138

Método.....138
Delineamento da pesquisa..... 138
Contexto..... 138
Participantes da pesquisa 139
Instrumentos..... 139
Procedimento de coleta 140
Análise de confirmação e confiabilidade do instrumento adaptado.....142
Procedimento de análise 149
Considerações éticas 158
Resultados 158
Discussão. 167
Conclusão..... 173
Referências..... 175
Considerações finais da dissertação..... 181
Referências..... 186
Apêndices 202
Apêndice A - Entrevista Semiestruturada com AVSCA..... 202
Apêndice B - Roteiro Adaptado do COMPA..... 203
Apêndice C - Termo de consentimento livre e esclarecido..... 205
Apêndice D - Ofício à SEAP..... 207
Apêndice E - Termo de concordância da SEAP..... 210
Apêndice F – Manual de categorização dos instrumentos..... 213
Apêndice G – Análise Fatorial..... 210
Apêndice H – Manual de caracterização Bivariado instrumento I..... 223
Apêndice I – Manual de caracterização Bivariado instrumento II..... 239

Apêndice J – Manual para categorização Bivariado COMPA(Cluster) 245

Anexos 249

Anexo A - Parecer Circunstanciado do Comitê de Ética (Estudo I)..... 249

Anexo B – Autorização da SEAP para pesquisa nas Unidades Penais..... 251

Anexo C - Declaração da SEAP de recebimento do projeto e do ofício.....252

Anexo C - Parecer Circunstanciado do Comitê de Ética (Estudo II e III) 253

Apresentação

Este estudo foi idealizado pela autora, a partir de observações sobre o processointeracional entre pais e filhos no sistema penal do estado do Pará. Por meio da vivência cotidiana, proporcionada pelo trabalho como terapeuta ocupacional na Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), percebeu-se a sensibilidade desse envolvimento, o quanto a comunicação entre pai e filho demonstra ser carregada de vários sentimentos e o quão complexo caracteriza-se esse processo interacional.

Assim, uniu-se a pesquisa sobre o autor da violência sexual contra crianças e adolescentes (AVSCA) ao elemento de expressão do afeto por meio da comunicação,observando-se o autor da violência em processo interacional com o filho. Desta forma,emergiu o interesse pela pesquisa intitulada: A percepção da comunicação afetiva nainteração pai-filho: estudo em ambiente carcerário com autores de violência sexual contra crianças/adolescentes.

Para sua construção, orientou-se por um projeto de pesquisa derivado do Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV), inscrito no Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC), da Universidade Federal do Pará (UFPA). O GEAV/LED tem inserido novos elementos na investigação do fenômeno da violênciasexual contra crianças e adolescentes e, este, é mais um trabalho de pesquisa oriundodo grupo.

Pesquisas sobre o fenômeno, na perspectiva do autor da violência sexual contra criança/adolescente, foram iniciadas no PPGTPC/UFPA pelo grupo de Estudosdo Agressor Sexual de Criança e Adolescente (EASCA), no ano de 2012. Essa linha de investigação consolidou-se a partir do ano de 2014, quando foi

aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) o projeto de pesquisa intitulado Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes na Mesorregião Metropolitana de Belém: Perfil, Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial, coordenado pela professora doutora Lília Ieda Chaves Cavalcante, docente e pesquisadora da UFPA.

A pesquisa teve continuidade na tese de doutorado da professora Daniela Castro dos Reis, por meio do tema Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de Vida, iniciada no ano de 2012 e finalizada em 2016. A tese investigou as características biopsicossociais de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCA), levando em consideração a trajetória de vida do autor da agressão desde a infância até a vida adulta, possibilitando entender melhor, as condições ecológicas geradoras do comportamento de agressão praticada contra criança e adolescente e os fatores de risco e de proteção associados.

Outro ponto importante, da tese de doutorado da professora Daniela Castro dos Reis, foi a ampliação do quantitativo de municípios estudados no estado do Pará. Além das comarcas da Mesorregião Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Santa Izabel e Castanhal), foram incluídas as cidades de Abaetetuba, Parauapebas e Altamira. Assim, parte do material coletado na referida pesquisa foi objeto deinvestigação desta dissertação, denominado Estudo I.

No ano de 2016, os pesquisadores dessa linha de investigação passaram a constituir o Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV), consolidando o grupo em diversos níveis e perspectivas, e buscando, com a proposição de novos elementos, auxiliar a compreensão das condições ecológicas que permitiram o desenvolvimento do comportamento agressivo. Nesse sentido, com o foco de

análiseampliado, foi permitido agregar mais projetos de mestrado, doutorado e planos de trabalho na iniciação científica. Desta forma, espera-se que este estudo, "A percepçãoda comunicação afetiva na interação pai-filho: estudo em ambiente carcerário com autores de violência sexual contra crianças/adolescentes", contribua com a referida perspectiva. Em termos de políticas públicas de assistência a essa população, presume-se que a presença de percepção da comunicação afetiva nos pais autores de violência sexual possa auxiliar uma compreensão contextualizada do tema parentalidade, como elemento disparador de possíveis intervenções, por mobilizar sentimentos de empatia e afeto.

Para isso, a introdução do trabalho tece considerações gerais acerca do fenômeno da violência, apontando conceituações no mundo e no Brasil. Em seguida, aborda com especificidade a violência sexual contra crianças e adolescentes. Posteriormente, expõe um aspecto importante da problemática, isto é, os autores de violência sexual contra crianças e adolescentes, buscando demonstrar a importância do estudo do fenômeno da violência sexual por completo.

Na sequência, o elemento parentalidade é inserido com suas bases conceituais, estruturadas a partir de possíveis repercussões geradas ao desenvolvimento infantil. Assume-se, nessa pesquisa que o exercício da função parental, seja ele de caráter positivo ou negativo, condiciona-se às características de quem o exerce (Manfroi, Macarini & Vieira, 2011).

Estudos como de Asscher, Hermanns e Dekovic (2008) e Schmidt, Staudt e Wagner (2016) associam algumas características referentes ao exercício de uma parentalidade negativa como preparadoras de uma ecologia favorável a situações de violência sexual. Essas pesquisas apresentam comportamentos propulsores,

como o abandono, a negligência ao falhar em proteger a criança e/ou o adolescente de situações aversivas e o próprio comportamento da violência sexual. Tais aspectos representam um dos maiores desafios no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes por se manifestarem em um contexto intrafamiliar.

O estudo da parentalidade é um elemento de extrema importância no contextoda violência sexual contra crianças e adolescentes. Primeiramente, porque práticas parentais negativas, de modo geral, expõem as crianças e adolescentes à violência sexual. Segundo, porque é evidente que a construção de uma parentalidade saudável é um fator protetor da violência sexual dentro da família. Ademais, é necessário que esse tema seja investigado como possibilidade de intervenção em autores de violência,por proporcionar vínculo e afeto.

As características do exercício parental de perpetradores de violência sexual contra crianças e adolescentes não são exploradas em pesquisas, e escassos são os estudos que tratam de aspectos parentais de quem deveria garantir o cuidado e a proteção. Desta maneira, entende-se a importância de observar e caracterizar essa parentalidade, ampliando o olhar sobre esse fenômeno, com elementos que possam auxiliar a prevenção e a assistência ao nível de políticas públicas. Para tanto, iniciar-se-á pelo processo de comunicação afetiva com os filhos, já que essa é uma dimensãoessencial do cuidado parental, por meio de onde se expressa afeto, emoção e empatia(Mendes & Pessoa, 2013).

O percurso metodológico desta dissertação inicia com o Estudo I, cujo objetivofoi analisar características biosociodemográficas de pais AVSCA, por meio de um estudo documental. Para tanto, utilizou-se um banco de dados do GEAV. Esse estudo documental teve caráter exploratório e descritivo sobre características dos pais autorese demonstrou a presença de pais (sexo masculino)

como autores de violência sexual contra crianças e adolescentes. Sua construção auxiliou na delimitação do objeto de pesquisa da presente dissertação, o que justifica sua presença como primeiro estudo (Estudo I).

Os Estudos II e III foram realizados nas unidades penais das cidades de Abaetetuba e Marituba, onde foram coletados, no período de fevereiro a maio do ano de 2023, uma amostra de 108 pais AVSCA. No Estudo II, por meio do instrumento Roteiro de entrevista semiestruturada, buscou-se identificar aspectos da parentalidade e biosociodemográficos de pais AVSCA. No Estudo III, o objetivo foi analisar, por meio de um estudo empírico no contexto de cárcere, a percepção de pais AVSCA sobre a comunicação afetiva estabelecida com os filhos, assim a investigação direcionou-se para a variável da comunicação afetiva, por meio de um instrumento adaptado da Escala de Comunicação na Parentalidade, onde foram observadas as dimensões: expressão de afeto e suporte emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação, partilha/confiança de progenitores para filhos e partilha/confiança de filhos para progenitores.

Nessa ótica, como esses dois estudos empíricos foram desenvolvidos em contexto de cárcere, utilizou-se elementos da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner por fundamentar estudos sobre o desenvolvimento humano de formacontextualizada e nos mais diversos ambientes ecológicos. Assim, tal fato permite observar fenômenos de forma multicausal e compreender as interações de risco e proteção em contextos variados. E ao final, discutiu-se os objetivos propostos nesta dissertação e os resultados alcançados

A violência

A violência é relatada desde a Antiguidade por pesquisadores e estudiosos daárea que a reconhecem como multifatorial e complexa, com consequências que afetama sociedade de modo geral (Minayo, 2014). De acordo com Dahlberg e Krug (2007),sua análise necessita ser abrangente e deve começar pela definição, de modo a facilitar a sua medição científica. Assim, seguirão algumas tentativas conceituais da literaturanacional e internacional sobre sua definição.

Para Porto (2015), a violência é um fenômeno social constituído ao longo de um processo histórico, expressando-se por meio de comportamentos de agressão em diferentes contextos. Silva, Brito, Araújo, Lima e Abath (2013) consideram-na como um fenômeno universal que atinge populações de todas as classes, religiões e culturas,com diferenciais por gênero, idade e etnia. Sacramento e Rezende (2006) destacam ofenômeno como parte da experiência humana, sendo de natureza polissêmica, na medida que reuni vários significados e utiliza muitos contextos sociais.

A definição mais utilizada na literatura consiste na proposta da Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual conceitua a violência como:

> O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio ou contra outra pessoa, grupo ou comunidade, resultando ou que tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Organização Mundial da Saúde, 2002, p.5).

Apesar da coexistência de várias definições (Minayo, Pinto & Silva, 2022; Sacramento, 2006; Silva, 2013) da violência, de acordo com Waiselfisz (2011), alguns elementos são consensuais sobre o assunto, o qual remetem à noção de coerçãoou força e o dano que se produz. Ao estimar sua ocorrência Maia, Veloso e Gonçalves (2014) mostram que, a cada ano, mais de um milhão de pessoas perdem

a vida e muitas outras sofrem lesões não fatais, como resultado de violência. Assim como seus impactos, algumas causas da violência podem ser identificadas com mais facilidade, outras estão profundamente enraizadas no tecido social, cultural e econômico da sociedade.

Estudos de Xu et al. (2010), da OMS (2014) e Malta (2021) apresentam a violência como importante causa de morbidade e mortalidade, tornando-se um grande desafio às autoridades de saúde pública. Em decorrência de toda a complexidade quecerca a problemática, a violência caracteriza-se por variados tipos, podendo ser manifestada contra crianças, adolescentes, mulheres, idosos, homens e outros (Machado, 2014).

No Brasil, em termos da Constituição Federal (1988), observa-se o entendimento ao direito a uma vida sem violência, identificado em seu Artigo 226 § 8º, destacando que o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Uma das estratégias adotadas no Brasil, em consequência do cenário de violência, foi a implantação do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), no ano de 2006, pelo Ministério da Saúde. Tal sistema objetiva a avaliação epidemiológica e a caracterização da violência em diferentes lugares do país, a fim decriar estratégias de prevenção por meio desse mapeamento (Brasil, 2011). Dahlberg e Krug (2006) mostram em seus estudos a importância de caracterizar a violência por meio de sua epidemiologia e assim adquirir medidas específicas de prevenção.

Observa-se que, no Brasil, o desenvolvimento de políticas públicas para controle e prevenção da violência é norteado por notificações. Este fato pode ser

demonstrado pelo estudo de Moreira, Soares, Farias e Vieira (2015) que retratam o ato notificatório como elemento fundamental para essa caracterização epidemiológica. Tal procedimento é entendido como integrante do comprometimentodos profissionais de saúde com o atendimento às vítimas de violência, constituindo- se como primeiro ato de cuidado institucional nestas circunstâncias (Venzi, 2015).

Essa preocupação não se limita ao âmbito nacional, de acordo com o mapa daviolência no Brasil divulgado por Waiselfisz (2013). Nele verifica-se que a segurança cidadã têm-se convertido em uma das principais preocupações no mundo todo. De acordo com Silva (2007), isso é resultante dos indicadores da violência mundial, taiscomo: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais e ao alargamento do entendimento da violência. Assim, a sociedade em geral passa a incluir e a nomear como violência acontecimentos que anteriormente eram considerados práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais, como a violência intrafamiliar contra a mulher ou contra as crianças, a violência simbólica contra grupos, categoriassociais ou etnias e a violência nas escolas.

Em virtude da complexidade do fenômeno e de sua variabilidade, a OMS (2002), didaticamente, desenvolveu uma tipologia que caracteriza os diferentes tiposde violência e as ligações entre eles. Ela é dividida em três grandes categorias de acordo com as características de quem comete o ato violento: a violência dirigida a simesmo (auto infligida), a violência interpessoal e a violência coletiva.

A violência auto infligida é observada em comportamentos suicidas e de autoagressão. A violência interpessoal é aquela identificada entre membros de uma família, parceiros íntimos e participantes de uma mesma comunidade. E a violência coletiva, ocorre entre indivíduos sem parentesco, que podem ou não se

conhecer, geralmente ocorrendo fora de casa, com ocorrência em grupos políticos, organizaçõesterroristas, milícias (OMS, 2002).

A violência sexual contra crianças e adolescentes, foco deste estudo, é considerada de acordo com OMS (2014) um tipo de violência interpessoal. Caracterizada como toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica, a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento. Pode sercometida dentro ou fora de casa, por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade. E não selimita ao espaço físico em que a violência ocorre, mas também, às relações em que seconstrói e efetua (Organização Mundial da Saúde, 2002).

Incluem-se, nesta categoria de violência, os maus-tratos à criança, a violênciajuvenil, a violência contra mulheres e a violência contra o idoso. Almeida (2015) pontua que este tipo de violência possui fortes impactos na vida das vítimas, causandoum reordenamento social, sendo esses impactos não apenas estatísticos como tambémreverberados na organização de vida da comunidade.

Quanto à natureza, este tipo de agressão pode ocorrer no meio intrafamiliar e extrafamiliar (OMS, 2002). A extrafamiliar ocorre, majoritariamente, fora da residência das vítimas. É ocasionada por um adulto sem laços de parentesco com a vítima e que pode ser conhecido ou não da família (Alves et al., 2013). Pode estar associada a crianças e adolescentes que vivem em situação de rua, e/ou ainda está relacionada à exploração sexual comercial (De Antoni, 2011)

Por sua vez a violência intrafamiliar é considerada toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física/psicológica, a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Sua ocorrência,

geralmente, se dá no ambiente doméstico (na residência da vítima ou do agressor) (Organização Mundial de Saúde, 2002). Apresenta singularidades por ocorrer em um contexto de intimidade (Lopes, 2021). É perpetrada, no caso das crianças e adolescentes, frequentemente por pessoas investidas de função parental ou parente próximo (Souzaet al., 2009).

Segundo Lopes (2021), a violência intrafamiliar repercute de forma negativa na vida dos indivíduos que a vivenciam, os quais podem reproduzir o comportamentoviolento, comprometendo relações futuras. Pode ainda, manifestar-se de várias formase com diferentes graus de severidade.

Em resumo, a violência sexual contra crianças e adolescentes não se produz isoladamente, mas faz parte de uma sequência crescente de episódios, materializando-se no espaço privado do lar. Esta envolve pais, responsáveis ou membros familiares que subjugam a criança e adolescente como propriedade e fazem uso do poder familiarpara exercer práticas de violência sexual, resultando em negligência e violação de direitos (Chaves, 1997).

A violência sexual contra crianças e adolescentes

A violência sexual contra crianças e adolescentes caracteriza-se como um fenômeno universal (Florentino, 2015), associado a uma relação assimétrica, que emerge em contexto de desigualdade de poder (Neves, 2010). Possui a finalidade de obtenção de prazer sexual e configura-se pela prática de qualquer ato sexual a criançae/ou adolescente (Ferraz, Xavier & Cabral, 2021).

Para o *American Academy of Pediatrics Committee on Child Abuse and Neglect*, o assunto é um grave problema de saúde pública é extremamente complexo (AACAP, 2012), levando à danos psíquicos, emocionais e sociais, envolvendo a vítima, a família e o perpetrador.

A violência sexual contra crianças e adolescentes pode acontecer, segundo Miranda et al. (2020), em todas as classes sociais, independente do gênero, raça ou etnia, além de envolver a família e danificar todo o tecido social dos envolvidos. Risman (2014) define-a como todo jogo ou ato em que o agressor obtém satisfação ou prazer sexual, por meio do contato com crianças e adolescentes, podendo envolver carícias, masturbação, sedução, estupro ou penetração vaginal ou anal.

Autores como Miranda et al. (2020) consideram que a violência sexual pode envolver relações de diferentes gêneros sexuais e ocorrer por meio de atos operantes.Entre os mais frequentes, destaca-se o estupro, que inclui o ato sexual com penetração, incesto, assédio, exploração sexual, pornografia, manipulação (genitália, mama ou ânus), imposição de intimidades, jogos sexuais, práticas eróticas não consentidas e impostas e transtornos tais como exibicionismo, pedofilia, além de *voyeurismo*.

Tratando-se, especificamente, da violência sexual contra crianças e adolescentes, a OMS caracteriza este tipo de violência como todo envolvimento da criança e/ou adolescente em uma atividade sexual, na qual a vítima não está preparada em termos de desenvolvimento para compreendê-la. Nos Estados Unidos esse tipo deviolência é considerado um problema para a sociedade, visto que cerca de 1 em cada4 meninas e 1 em cada 13 meninos sofrem violência sexual em algum momento de sua infância e/ou adolescência (Rodrigues, 2017).

No Brasil, a violência sexual contra crianças e adolescentes foi o quarto tipo de violência mais recorrente no ano de 2017. Em 2020 (ano marcado pela pandemia de covid-19) houve uma pequena queda no número de registros de violência sexual, foram 40 mil registros na faixa etária de até 17 anos em 2017 e

37,9 mil em 2020, período em que as medidas de isolamento social estavam mais fortes no Brasil. Esta queda, provavelmente, representa um aumento da subnotificação, não de fato uma redução nas ocorrências (Miranda, Fernandes, Melo & Meireles, 2020).

Os dados do panorama da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil da UNICEF (2021) apontaram que, entre os anos de 2017 e 2020, das vítimas 0 a 19 anos, 81% tinham até 14 anos de idade. Em números absolutos, isso significaque neste período, de um total de 179.278 dos casos registrados, em 145.086 as vítimas tinham até 14 anos.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), publicou que, no período de 2019 a 2021 no Brasil, o crime com maior número de vítimas de 0 a 17 anos foi a violência sexual contra crianças e adolescentes, com 73.442 casos identificados. A faixa etária mais atingida por esse tipo de crime está entre 10 e 14 anos. Nesse caso 85% das vítimas são do sexo feminino.

Os dados da literatura nacional sobre a violência sexual sinalizam, principalmente, informações sobre as vítimas. Os estudos de Platt et al. (2018), Moraes, Junger e Reichenheim (2020) e Santos, et al. (2018) focam-se nas ocorrências e notificações. Miranda et al. (2020) nas consequências para o desenvolvimento das vítimas.

Pode-se dizer ainda, que a discussão sobre a violência sexual infanto-juvenil no Brasil centra-se principalmente nas vítimas, conforme sinalizam Stroff e Vieira (2020). Dessa maneira, estes estudos estão focalizados nas consequências da violência, demonstrados nos achados empíricos de Ferreira e Nascimento (2019), Aguiar e Ferreira (2020) e Cruz et al. (2021).

O estudo de Florentino (2015) concluiu que não é possível generalizar ou

delimitar perfeitamente os efeitos da violência sexual, uma vez que a gravidade e a extensão de suas consequências dependem de particularidades da experiência de cada vítima. A brutalidade em que ocorre a violência sexual, muitas vezes associada a outros tipos de agressão e abuso, tais como a violência física e a violência psicológica,pode mesclar-se ao fato de que a criança não está preparada, do ponto de vista emocional e físico, para o ato sexual.

A assistência à vítima também é destacada em estudos como os de Pelisoli, Pires, Almeida e Dell'Aglio, (2010) e Hohendorff e Patias (2017) que descreveram operfil dos atendimentos realizados durante os anos de 2002 a 2006 por um centro de referência em acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Estes estudos caracterizaram as vítimas como predominantemente meninas (75%) com idades entre 5 e 12 anos, encaminhadas de diferentes serviços.

No Brasil, somente na década de 1980 é que a temática apareceu como um problema de saúde pública (Habigzang et al., 2006), sendo que as discussões em torno deste assunto ganharam maior destaque no cenário nacional após a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Este estabeleceu como dever da família, da sociedade e do Estado assegurar com absoluta prioridade a proteção decrianças e adolescentes, considerando o direito à vida, saúde, alimentação, educação,lazer, dignidade, respeito e outras formas de convivência familiar e comunitária.

Dessa forma, a percepção da infância e da adolescência passa a identificar e considerar crianças e adolescentes como sujeitos que devem estar a salvo de toda a forma de violência (Café & Nascimento, 2020). Contudo, observa-se que desde então,a sociedade brasileira em geral e a comunidade acadêmica em particular têm

focado sua atenção na vítima e pouco tem sido considerado acerca de aspectos relativos ao autor da violência, fator importante para o rompimento do ciclo de reprodução da violência (Fiorini & Boeckel, 2021).

Assim, estudar os autores de violência sexual contra criança e adolescente parece ser um aspecto essencial para a compreensão do fenômeno da agressão sexual.Contribuirá também para minimizar a perpetração da violência por meio de subsídiosque possam sustentar práticas de prevenção ou intervenção, e poderá auxiliar na diminuição da reincidência, por meio do planejamento de intervenções eficazes, amparada em dados científicos.

Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes (AVSCA)

No Brasil, as pesquisas sobre o fenômeno da violência sexual têm como focoprioritário as vítimas (Serafim et al., 2011) e os aspectos como prevalência e consequências de sua ocorrência (Oliveira et al., 2014). Em virtude disso, delongaram-se pesquisas específicas sobre os AVSCA, geralmente abordados a partirde informações secundárias nesses estudos (Platt et al., 2018).

Além disso, admite-se que o tema é complexo e permeado de tabus (Reis, Barros e Cavalcante, 2015). Isto ocorre porque a discussão sobre o AVSCA na sociedade brasileira permanece ligando essa figura a uma representação monstruosa, abominável e imoral, resultando no comprometimento do entendimento coerente do fenômeno (Reis & Cavalcante, 2019) e dificultando possíveis estratégias para reduçãoe prevenção do problema (Café & Nascimento, 2012).

Consequentemente, as medidas para resolução do problema adotadas possuem uma perspectiva meramente punitiva, medida insuficientemente para perfazer mazelas sociais como as que se apresentam no contexto desta

problemática (Davis, 2020; Taylor, 2019). A OMS, há mais de uma década, já sinaliza que a atitude perantea violência sexual contra crianças e adolescentes é reativa, em vez de ser preventiva. Sendo o momento de iniciar uma nova abordagem, substituindo a reação pela prevenção (Comunicado à imprensa da OMS em 2006).

Ademais, as pesquisas nacionais envolvendo o AVSCA, possuem um terceiro fator, não menos importante, destacado por Costa, Cavalcante e Reis (2018), que se refere à totalidade dessa população, gerada pela dificuldade de acesso direto às informações acerca desses indivíduos. Isso porque a maioria das pesquisas concentram-se em autores de agressão condenados e em cumprimento de pena, ou seja, a população carcerária.

Em paralelo, ao observar a literatura internacional (Butler et al., 2018; Hall e Hall, 2007; Jespersen, Lalumière & Seto, 2009; Poeppl et al., 2015; Smith, 2000) acerca do assunto, nota-se uma pluralidade de estudos. Esta variedade de estudos estádistribuída em diversos aspectos dos AVSCA como: história de vida; fatores de risco; distorções cognitivas; tratamento; características psiquiátricas e neurociências.

Estudos como de Kear-Colwell e Boer (2000) e Hall e Hall (2007), por exemplo, desenvolveram estudos a respeito da história de vida do AVSCA. As conclusões dos estudos de Hall e Hall (2007) foram muito importantes para o delineamento de políticas de cuidado e proteção nos Estados Unidos, porque evidenciaram que o indivíduo quando sofre algum tipo de agressão ou negligência nainfância, têm maior probabilidade de tornar-se um perpetrador na idade adulta.

Nesta perspectiva, os achados de Fazel, Sjostedt, Langstrom e Severe (2007) apontaram que fatores de risco para a perpetração de crimes sexuais,

incluem a associação de aspectos desfavoráveis relacionados ao processo do desenvolvimento evulnerabilidade social. Em sequência, Jespersen, Lalumière e Seto (2009) acrescentaram que essa probabilidade aumenta se for associada a um contexto de contingências aversivas relacionadas ao contexto de vida.

Além destes estudos, merecem destaque as pesquisas de Abel, Becker e Cunningham-Rathner (1984), Finkelhor (1984) e Marshall e Barbaree (1990), que foram os primeiros estudos a descrever o pensamento distorcido desta população (Reis e Cavalcante, 2018). A distorção cognitiva é entendida como crença disfuncional e mal adaptativa que pode estar relacionada com a visão que o indivíduotem sobre outra pessoa, sobre si mesmo e o mundo que o cerca (Nunes, 2012; Silva, 2013). Ou ainda, segundo Vieira (2010) atitudes e crenças utilizadas como justificativas para a perpetração da violência sexual contra crianças e adolescentes.

São encontrados na literatura internacional uma diversidade de estudos sobre ascaracterísticas psiquiátricas do AVSCA. Phillips, Heads, Taylor e Hill (1999), em um estudo que envolveu uma série de casos, avaliaram 15 homens com esquizofrenia, internados em hospital de segurança na Inglaterra, por causa da perpetração de crimessexuais. Eles identificaram que a maioria dos pacientes 11 (onze) estavam com sintomas psicóticos positivos no momento do crime (delírios persecutórios e alucinações auditivas), que agressão aconteceu cinco anos após o início da doença e a maioria não possuía contato regular com serviços de saúde mental.

Outro estudo importante foi o de Smith (2000), que investigou a relação entre esquizofrenia e autores de crime sexual, estudando documentos e prontuários. Foram 80 pacientes internados em hospitais de segurança na

Inglaterra, acusados de crimes sexuais (estupro, tentativa de estupro e atentado violento ao pudor), com diagnosticode esquizofrenia, cometidos na fase aguda da doença. Os achados desses estudos sugerem um papel importante dos transtornos mentais graves e os autores do crime sexual.

Os estudos Fisher, Ward e Beech (2006) apresentaram um avanço importante sobre a compreensão do AVSCA e possíveis correlações de transtornos mentais graves. Suas análises demonstram que o percentual de quadros psicóticos é extremamente reduzido se comparado a população total de AVSCA, sendo equivalente a menos de 5% dos casos. Além dos quadros psicóticos, esses autores identificaram alguns casos de Transtorno de Personalidade Anti Social, transtornos dehumor, de ansiedade e abuso de álcool.

Ademais, um aspecto importante observado nos estudos internacionais, relaciona-se aos avanços envolvendo a neurociência e a neuroimagem. Poeppl et al. (2015), descobriram que o papel funcional de regiões cerebrais estruturalmente alteradas em AVSCA relaciona-se a funções emocionais não sexuais. O resultado deste estudo que mapeou a região cerebral de abusadores sugere que alterações cerebrais estruturais afetam as redes neurais para o processamento sexual por meio deconectividade funcional interrompida, o que pode acarretar padrões anormais de excitação sexual. Além disso, os achados indicaram que as alterações estruturais estãoassociadas às deficiências afetivas, neurológicas e cognitivas comuns nos AVSCA.

Em um estudo inicial com 65 adolescentes, Butler et al. (2018), investigaram os correlatos neurais da exposição à violência comunitária na cidade de Los Angeles. Onde foram submetidos a neuroimagem estrutural e testes de inteligência. Os resultados deste estudo, forneceram a primeira evidência de que as

regiões frontais do cérebro envolvidas na cognição e no afeto parecem ser seletivamente afetadas pela exposição à violência, mesmo em adolescentes saudáveis.

Uma pesquisa sobre AVSCA do sexo masculino de Amaoui et al. (2022) examinou a conectividade funcional em estado de repouso da área do Crus II cerebelar, como componente central da mentalização social, comparam a conectividade do estado de repouso. Foram 25 homens condenados por crime sexual,29 homens condenados por outros crimes e 28 homens sem antecedentes criminais. As análises mostraram que os autores de agressão sexual exibem aumento da conectividade entre Crus II e áreas posteriores da rede de modo padrão, áreasfrontoparietal e límbica em comparação com outros infratores e não infratores. Alémdisso, a maior conectividade encontrada entre o Crus II e a rede de modo padrão posterior foi relacionada a um maior número de pensamentos distorcidos e menos empatia afetiva.

O trabalho de Marshall e Pithers (1994) apresentou uma visão otimista da literatura sobre protocolos de tratamento envolvendo AVSCA, demonstraram que podem ser eficazes quando baseados na terapia cognitivo-comportamental, sendo possível incluir nessas abordagens componentes de prevenção para reincidência. Estefoi um achado importante na medida em que os AVSCA apresentam elevadas taxas de reincidência, pois durante o cumprimento da pena de prisão, nem sempre existe uma intervenção dirigida para esta problemática. Esses elementos têm sido fundamentais para alavancar estudos, pesquisas e condutas com ênfase à prevenção da recidiva criminal por meio da aplicação de programas que visem a reestruturação cognitiva e a mudança comportamental (Quintino & Beluco, 2016).

Pesquisas importantes sobre tratamentos com autores de agressão sexual

foram desenvolvidas por Burdon e Gallaghe (2002). Estes pesquisadores demonstraram a necessidade de tratamento e gestão diferente de outros tipos de criminosos. Exploraram o papel histórico da coerção no tratamento e no controle de seu comportamento.

Na Universidade do Porto, em Portugal, Ribeiro (2018) estudou as fragilidades dos programas de reinserção para AVSCA, que se focam, principalmente, na componente cognitivo-comportamental. Em seus achados, este estudo apontou estratégias de prevenção de recaídas, evidenciando que apoiar e tratar o indivíduo tem mais benefício do que este reincidir por não ter sido envolvido num programa de tratamento. Além disso, demonstrou que a intervenção individualizada e focada no indivíduo, com o apoio comunitário adequado, torna-se um elemento importante na prevenção de reincidência.

Em comparação a toda essa produção científica, no Brasil, a produção circunscrita envolvendo o AVSCA é incipiente, quando se considera as amostras paraa constituição de políticas e práticas voltadas para estes indivíduos (Café & Nascimento, 2020). Os principais estudos como de Moura (2007), Martins (2008), Pechorro, Poiares e Vieira (2008) Sanfelice e Perurena (2009), Sanfelice e De Antoni (2010), e Scortegagna e Villemor-Amaral (2013) estão centrados em levantamentos estatísticos de dados sociodemográficos, que buscam caracterizar o perfil dos AVSCAe a dados quantitativos referentes às notificações (Casarin, Botelho & Ribeiro, 2016;Costa, Rocha, & Cavalcante, 2018).

De acordo Wielewicki (2017), além do perfil sociodemográfico, algumas produções buscam caracterizar o comportamento, a percepção e a relação de proximidade entre autor e vítima. O perfil sociodemográfico apresentado é variado eheterogêneo, demonstrando que o AVSCA parece ser um grupo diferenciado

entre si(Costa, Cavalcante & Reis, 2018; Serafim et al., 2009; Vieira, 2010). Para ilustrar esta diversidade de classificações, serão elencadas algumas pesquisas nacionais que trazem essas caracterizações.

A faixa etária entre 18 e 45 anos é citada nos estudos de Moura (2007), Martins(2008) e Pechorro, Poiares e Vieira (2008). Os estudos de Baltieri (2005) e Habigzanget al. (2005), apresentam uma faixa etária predominante entre 30 e 45 anos. A médiade idade de 35 anos foi apontada na pesquisa de Bohn (2012), para a ocorrência do primeiro abuso.

De acordo com Reis (2016), as idades dos autores de agressão em estudos nacionais variaram entre 11 e 73 anos, sendo a faixa etária de 30 a 40 anos a mais prevalente. O estudo de Ferraz (2018), que analisou as notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no município de Belém-Pará, identificou que AVSCA são majoritariamente do sexo masculino e encontram-se na idade adulta, situando-se na faixa etária de 25 e 59 anos.

Em relação à raça Teixeira, Resende e Perissinotto (2020), estimaram autodeclarados não-brancos como 43,3% em uma amostra de 30 AVSCA. Os estudosde Baltieri (2005) e Bohn (2012) também sinalizam que a maioria dos agressores sexuais são de cor branca. Segundo Wermuth (2018), a população de autores de agressão é em sua maioria da cor preta.

É importante ressaltar que estas características acessadas pelos estudos mencionados podem não ser representativas da amostra total de AVSCA, já que por um critério de conveniência, os participantes desses estudos compõem a população carcerária (Costa, Reis & Cavalcante, 2018). Cabe ainda ressaltar que as regiões do Brasil são diferentes em relação à predominância de raça. Em algumas há predominância de raça branca, já em outras, negras/pardas. Ou seja,

essa variável se expressa de forma diferente em cada região do Brasil (Madeira, 2018).

A orientação de gênero, de acordo com os estudos brasileiros, evidência que amaioria das agressões sexuais contra crianças e adolescentes é cometida pelo sexo masculino (93%) (Costa, Rocha & Cavalcante, 2018). De acordo com um estudo feito por Habigzang et al. (2005), a partir dos processos jurídicos do Ministério Público doRio Grande do Sul, destacado em 90 dos 94 processos jurídicos analisados, o perfil do autor de agressão sexual foi identificado com 98,8% destes sendo do sexomasculino.

O fato de as pesquisas indicarem o sexo masculino como o mais prevalente podeser resultado, segundo Reis (2018), da ação de fatores culturais que envolvem o estereótipo e dominação de gênero, onde o homem pode utilizar o corpo da mulher oude crianças para sua gratificação sexual. Em contrapartida, mulheres autoras de agressão são minoria e ainda pouco estudadas como demonstram os estudos de Bohn(2012), Baltieri (2013) e Almeida (2014). Nos estudos levantados, apenas Costa et al.(2012) e Piva e Carvalho (2008) citaram o abuso cometido por mulheres, e estas representavam menos de 1% do total de agressões.

Quanto ao estado civil e características de relacionamento sexual, os dados mostram que a maioria dos AVSCA possui um relacionamento (Bohn, 2012). O estudo de Habigzang et al. (2005), aponta que a maioria dos acusados era casada quando do início do processo por suspeita de abuso sexual, porém ao final do processoa maioria estava separada.

Em relação à escolaridade, os dados nacionais indicam que menos de 10% dos participantes tinham iniciado a graduação, enquanto os outros níveis de educação houve maior variação entre as pesquisas (Ferraz et al. 2021). Moura

(2019) objetivoumapear 93 condenados por crimes sexuais e identificou a baixa escolaridade como frequente fator de risco para esta população.

Resultados atípicos foram encontrados no estudo de Oliveira-Junior (2015), no qual 75% dos participantes possuíam ensino médio e estavam, em sua maioria, empregados. Esse autor traz uma importante discussão em relação aos dados, ressaltando que quando considera-se que a maior parte dos AVSCA tem baixa escolarização deve-se encarar esses números não como absolutos, ou representativo de um perfil fiel de abusadores, mas indicativo de um perfil de AVSCA denunciadose encarcerados.

No que se refere à ocupação, Bohn (2012) observou que geralmente o AVSCAestava empregado no momento do crime, contudo, sem uma profissão específica predominante. O estudo de Habigzang et al. (2005) apresenta um dado divergente dosanteriores onde grande parte dos pesquisados estava desempregada. Pimentel (2010) indica ainda que o AVSCA possui baixo nível socioeconômico, geralmente oriundo de famílias ligadas à pobreza.

Pesquisas com dados sociodemográficos de AVSCA e seus familiares, verificaram relações interpessoais assimétricas e hierárquicas (Habigzang et al., 2005; Pimentel, 2010), e ainda rigidez e fanatismo religioso (Bohn, 2012; Habigzang et al.,2005). As famílias, em geral, são descritas como numerosas (Baltieri et al., 1999; Carvalho, 2011; Habigzang et al., 2005; Marsden, 2009).

No que tange ao arranjo familiar, os participantes da pesquisa de Pasqualini- Casado et al. (2008), três autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes intrafamiliar, relataram história de rupturas familiares, quer por terem sido encaminhados para outras famílias, por abandono e negligência dos pais, ou ainda, por perda de um dos genitores. As características familiares

identificadas na literaturadevem ser entendidas como fatores de risco, como já apresentado por Habigzang et al. (2005) e, dessa forma, não se constituem em determinantes isolados para que um de seus membros cometa a agressão sexual contra crianças e adolescentes.

Em relação ao histórico de violência na família do AVSCA, identificaram-se diversos tipos, como violência física, moral e sexual. A física foi também apontada no estudo de Costa et al. (2012), que buscou conhecer a interação de famílias de sete adolescentes autores de agressão sexual, e encontrou relatos incompatíveis sobre os aspectos perguntados. Os adolescentes traziam relatos de violência, contexto de muitas exigências e proibições.

Na análise de processos de violência sexual contra crianças e adolescentes em Porto Alegre, entre 1992 e 1998, Habigzang et al. (2005) verificaram que mais da metade dos autores de agressão era usuária de álcool e aproximadamente 30% abusavam de outra substância tóxica. Em Bohn (2012), 54% dos avaliados abusavam de álcool e 29% de outras drogas e em Baltieri (2005), 49% tinham problemas com álcool e 16% problemas com outras drogas.

Foram entrevistaram por Sanfelice e De Antoni (2010) três homens condenadospor atos de violência sexual e foi observado que todos os participantes haviam passadopor processo de adoção e sido vítimas de violência intrafamiliar, incluindo exploração do trabalho infantil. Quanto a experiências sexuais, os entrevistados relataram a primeira interação como inesperada, principalmente, por ter envolvido alguém com idade muito superior à deles. Para dois dos entrevistados, a experiência foi entendidacomo abusiva.

A vivência da violência sexual na infância foi citada nos estudos de Marsden (2009), Carvalho (2011), Furlan et al. (2011), Baltieri (2013) e Misaka

(2014). Ainda a esse respeito, Almeida (2014) cita este fator como uma das experiências que influenciaram no desenvolvimento de comportamentos sexuais inapropriados na vidaadulta. As outras experiências relacionadas por estes autores foram: negligência, violência intrafamiliar e carência de supervisão parental.

No estudo de Scortegagna e Villemor-Amaral (2013), os relacionamentos interpessoais de AVSCA destacam-se pela presença de múltiplos problemas nas relações e pobre interação social, o que inclui falta de comunicação entre os familiares, dificuldades empáticas, isolamento e poucas habilidades sociais, como descrito nos estudos de Baltieri (1999), Habigzang et al. (2005), Pasqualini-Casado etal. (2008) e Bohn (2012).

Os resultados desses e outros estudos indicaram ainda as seguintes características comportamentais: tendência à fragmentação na percepção de si e dos outros (Pimentel, 2010; Rosseto & Schubert, 2000; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013), autoimagem negativa e desfavorável em relação ao corpo e suas funções e ausência de vergonha, remorso ou autoavaliação (Pasqualini-Casado et al., 2008).

Recentemente, alguns estudos nacionais pioneiros têm se direcionado para aspectos mais específicos dessa população, destacando-se investigações produzidas por Reis e Cavalcante (2018) e Ferraz et al. (2021), que abordam o problema sob a perspectiva do autor de agressão sexual. Estes estudos empíricos exploram a distorçãocognitiva, o processo de socialização primária e a trajetória de desenvolvimento em um contexto ecológico e com N amostral elevado. E ainda, evidenciaram a dimensão da importância de trabalhos com essas características, que buscam levantar variáveisque possam auxiliar no processo do entendimento do fenômeno e consequentementeem políticas mais eficazes de

controle preventivo do comportamento disruptivo.

Dentre as diversas variáveis que ainda necessitam serem exploradas para a compreensão no fenômeno da violência sexual, destacam-se as variáveis relacionadasà aspectos parentais do AVSCA. Existem dois aspectos importantes no delineamentodo estudo do papel parental, isto é, do exercício do papel de pai por esses indivíduos.O primeiro é evidenciado por estudos como os de Moura (2007), Martins (2008) e Sanfelice e De Antoni (2010) que indicaram maior porcentagem de violência sexual contra crianças e adolescentes cometidos por familiares, variando entre 75 a 85% doscasos, evidenciando práticas parentais fracas de cuidado e proteção, além de apontarem ser alto o índice de AVSCA que são pai ou padrasto da vítima (Costa et al., 2007; Habigzang et al., 2005; Miranda et al., 2020; Moura & Koller, 2008; Platt et al., 2018; Soares & Nascimento, 2019).

De acordo com Coden (2008), esses casos de violência sexual no meio familiar, que consistem em práticas envolvendo pais ou outros parentes próximos, ocorrem em situações nas quais vislumbra-se uma posição de poder do perpetrador em relação à vítima, o que proporciona um intenso sofrimento à criança e/ou adolescente. Ao mesmo tempo que gera sofrimento, a experiência ocorre em um contexto afetuoso, o que então promove uma série de sentimentos ambivalentes na criança e/ou adolescente (Furlan et al., 2011).

Esses sentimentos ocorrem geralmente em casos incestuosos, nos quais as vítimas que sofreram a violência sexual ficam aterrorizadas e confusas, o que se consolida numa situação de silêncio, na qual a criança não faz a denúncia por medo de ser culpada, ou então de provocar a desagregação familiar (Santos & Alves, 2010).O ato do incesto, para Soares e Nascimento (2019), caracteriza-se como histórico e complexo e para sua compreensão faz-se necessário uma reflexão

sobre a família e funções parentais, uma vez que as relações incestuosas ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade.

O outro aspecto que é foco deste estudo, relaciona-se à variável ter filho, frequentemente observada nos estudos sociodemográficos como de Habigzang et al. (2005) e Santos (2019), apresentada apenas como um dado quantitativo e sem pretensão investigar as características deste pai, enquanto figura de prática de cuidadodos filhos que podem ter sido as vítimas da violência ou não.

De acordo com alguns estudos, vivências em contextos adversos, geram prejuízos para o desenvolvimento e colocam o indivíduo em situação de vulnerabilidade, tendo como possível desfecho a adoção de comportamentos disfuncionais para lidar com os eventos vivenciados em sua trajetória de vida. Isso inclui a adoção de uma prática parental com características negativas (Pullman, Leroux, Motayne & Seto, 2014; Tharp et al., 2012).

Esses fatores geradores de comportamento disruptivo são frequentemente observados no histórico de AVSCA, sendo possível citar igualmente: histórico de comportamento agressivo, problemas de relacionamento interpessoal, baixo rendimento escolar, problemas com autoestima, estilos parentais negativos, exposiçãoà pobreza e violência comunitária, além de histórias de abuso sexual, físico, psicológico e negligência parental, no contexto doméstico, vivenciados na infância eadolescência (Cole & Cole, 2004; Lussier, 2015; Paludo & Schiró, 2012).

Esses elementos aqui mencionados corroboram com o entendimento de que pesquisar a parentalidade do pai AVSCA inclui a análise de variáveis importantes para ajudar na compreensão desse fenômeno. Apesar de ser um assunto raramente

explorado na produção com essa população, o exercício do papel de pai é fortemente marcado pelas memórias afetivas da família à qual pertence uma pessoa, sendo um objeto de estudo atual e desafiador associado à parentalidade.

Parentalidade

A palavra parentalidade é uma derivação do termo original inglês *parenting* e seu significado relaciona-se às características do que é parental, associando-se aos processos de trocas entre pais e filhos (Barroso & Machado, 2010). E ainda, Valsiner,Branco e Dantas (1997) salientam que *parenting* não é uma palavra traduzível diretamente para outras línguas como português, russo, alemão, espanhol, entre outras. Embora, seja um termo utilizado frequentemente na literatura científica. O uso deste termo na comunidade científica é recente, começando em países de idioma inglês e alargando-se rapidamente para outros.

Surgiu pela primeira vez no importante texto *Parenthood as a DevelopmentalPhase: a Contribution to the Libido Theory* (1959), da psicanalista húngara Therese Benedek, a referência ás profundas mudanças que ocorrem na mulher após tornar-se mãe. No entanto, o termo passou a ser associado ao psicanalista francês Paul-Claude Racamier que nos anos de 1960, abordou a parentalidade em diversos de seus estudos sobre psicose e posteriormente autismo. Sua ampla utilização ocorreu somente na década de 1980, com René Clément e Sergio Lebovici, quando o termo passou a ser utilizado em diferentes contextos (Gorin, 2015).

De acordo com Zornig (2010), a palavra *parenting* passou a ser utilizada na literatura internacional com a finalidade de marcar as dimensões do processo interacional entre pais e filhos. Barroso e Machado (2010) a definem como o conjuntode atividades desempenhadas pelos adultos que são referência de uma

criança no seupapel de assegurar a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento pleno.

O conceito de parentalidade ressaltado por Gorin et al. (2015) vem sendo utilizado, em diferentes abordagens teóricas, para designar o processo dinâmico peloqual passam os pais, isto é, o processo de tornar-se pai e mãe, que vai além do biológico, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes, que passam pela históriada família de cada um dos pais e pelo contexto sociocultural no qual se inscrevem.

A importância da parentalidade no desenvolvimento humano é destacada por Manfroi (2011), que enfatiza o crescente interesse de pesquisadores das décadas passadas, motivados pela existência de diferentes teorias que procuram investigar a natureza das situações vividas durante a infância e os possíveis efeitos que possam tersobre as esferas cognitiva, emocional e social no desenvolvimento da criança. Defendem que, diferentemente das outras espécies, o ser humano durante o desenvolvimento inicial, necessita de cuidados e da presença de adultos para garantirsua sobrevivência.

A literatura que visa estudar e compreender a parentalidade assume que o termodesigna muito mais do que a capacidade biológica de gerar, mas sobretudo, inclui a percepção do exercício de responsabilidades histórica, cultural e socialmente construídas (Bernauer, 2009). Os estudos de Harkness e Super (1992), por sua vez, descreveram a extensão do papel assumido pelas relações entre a criança e seus pais,chegando a uma compreensão sobre parentalidade que envolve um sistema constituído pelos contextos físico, social, cultural e psicológico dos pais.

Nesse sentido, cabe à figura parental ou às figuras parentais que convivem

com a criança no cotidiano a atribuição de cuidar, estimular, educar, impor limites, fortalecer a autonomia e proteger, práticas consideradas positivas para o desenvolvimento dos filhos (Barroso & Machado, 2010). Tais práticas podem ser representadas por configurações conjugais, famílias monoparentais, de pais divorciados, ou pode ainda ser exercida por outros adultos da família, como avós, tiosou padrinhos (Pereira, 2016).

Histórica e politicamente é natural que os progenitores facilitem o desenvolvimento dos seus descendentes, em termos: físico, psicológico e social. É dentro deste princípio que a comunidade científica aborda o conceito de parentalidadee desenvolve o estudo dos processos e atividades parentais (Gorin, 2015).

De acordo com Zornig (2010), a priorização de alianças estabelecidas com base no afeto em relações entre casais e entre pais e filhos, tornou a noção de que a educação e a formação das crianças um fator importante para o desenvolvimento de um país e garantia de uma sociedade saudável. A Convenção dos Direitos da Criançada Unicef (1990), entende esse importante papel referente à parentalidade ao preconizar, no seu artigo 27, que é da responsabilidade parental e de outros cuidadoresassegurar, de acordo as suas competências e capacidades financeiras, as condições devida necessárias para o desenvolvimento da criança.

Os estudiosos Hoghughi e Long (2002), inspirados nas propostas de Bronfenbrenner (1979) e Belsky (1984), e citado também por Santos (2017), Paraventi (2018) e Coltro (2018) utilizaram uma proposta de conceituação de parentalidade utilizada na literatura internacional nos dias atuais. A Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner (1979) propõe uma concepção de desenvolvimento a partir do engajamento em atividades progressivamente mais

complexas, com uma regularidade de tempo, alicerçada o suporte de uma figura parental que esteja disponível a criança, para desenvolver uma forte ligação emocionalmútua, gerando um estabelecimento de um forte apego e sentimentos expressos de afeto (Bronfenbrenner & Morriz, 1998).

Os estudos de Belsky (1984) analisaram os processos parentais que ocorrem nas situações de maus tratos e abuso infantil. Por meio de uma abordagem ecológica, Belsky e Jaffee (2006) destacaram três determinantes que podem influenciar as práticas parentais: as características individuais dos pais (personalidade e psicopatologia), as características da criança (temperamento) e os fatores do contextosocial no qual a relação pais-criança está inserida (relações maritais, ocupaçãoprofissional parental, redes de suporte social).

Esse modelo considera que o histórico de desenvolvimento dos pais, o seu relacionamento conjugal e a sua posição profissional, influenciam as suas personalidades, que, por sua vez, afetam o processo de parentalidade, o que consequentemente, produz efeitos no desenvolvimento infantil. Do mesmo modo, o funcionamento psicológico parental, promovido em parte pela sua história de desenvolvimento, da influência direta e indireta da relação conjugal, do funcionamento das redes sociais e das próprias experiências ocupacionais. Assim como o social e o contexto, a vizinhança e a comunidade também interferem na parentalidade (Belsky & Jaffee, 2006).

Assim, Hoghughi e Long (2002) buscaram definir a complexidade que envolve esse processo, o definido como o conjunto de atividades propostas pelas figuras parentais ou substitutas que visam assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, com o objetivo de socializá-la e torná-la gradativamente mais autônoma. Ainda propuseram um modelo

integrativo dos elementos teóricos da parentalidade, por meio do qual preconizam a existência deonze dimensões da parentalidade, organizadas nos itens: atividades parentais, áreas funcionais e pré-requisitos (Hoghughi, 2004).

As atividades parentais envolvem atitudes que visam o cuidado físico, social e emocional, a disciplina e o desenvolvimento da criança. As áreas funcionais englobam aspectos do funcionamento da criança, tais como a saúde física, o funcionamento intelectual (aquisição de competências educacionais), o comportamento social e a saúde mental (pensamentos, sentimentos e comportamentos). E os pré-requisitos se referem às características e habilidades necessárias para o desenvolvimento da atividade parental, no qual se incluem o conhecimento e compreensão das necessidades da criança; a motivação, os recursos,os traços de personalidade, as redes sociais e as oportunidades que são, por exemplo,o tempo que os pais passam com os filhos (Barroso & Machado, 2010).

A respeito da construção da parentalidade, Lebovici (2004) descreve o ser paie mãe como um processo singular que se realiza a partir de uma reflexão sobre a descendência e sobre a herança que será transmitida entre gerações. Isso pode ser evidenciado quando o referido autor define a parentalidade como o produto do parentesco biológico e da parentalização do pai e da mãe.

Em relação à parentalização dos pais, termo usado pelo Lebovici (2004) paracaracterizar o processo de ser tornar pai ou mãe, o autor sublinha que os filhos tambémdesempenham um papel ativo nesta tarefa, na medida em que estabelecem uma interação própria com seus genitores permeada de emoções e afetos. Desse modo, as crianças despertam nos pais determinadas sensações que repercutem, sobremaneira, na constituição da parentalidade.

Outra conceituação de parentalidade, frequentemente utilizada, foi desenvolvida por Gérard Neyrand (2015) e aprimorada por Souza e Fontella (2016), referindo-se à construção social e psíquica da relação entre pais e filhos, de caráter dinâmico e em constante mudança, de uma situação familiar à outra, de uma sociedadeà outra e de uma época à outra. Com essa construção, espera-se que os pais/cuidadores facilitem o desenvolvimento dos seus filhos em termos do aspecto físico, psicológicoe social (Barroso & Machado, 2010).

Um modelo de parentalidade foi desenvolvido por Dix (1991), ele envolve trêscomponentes e coloca os aspectos emocionais como no centro da competência, da prática e dos cuidados parentais. Este modelo enfatiza em seu primeiro componente acriança, os pais e os fatores contextuais que ativam as emoções dos pais. No segundo,os efeitos orientadores, organizadores e motivadores que as emoções têm na parentalidade uma vez despertadas. No terceiro componente destaca os processos queos pais usam para compreender as necessidades dos filhos.

Ainda segundo Dix (1991), as emoções são vitais para uma parentalidade eficaz.Quando investidas nos interesses das crianças, as emoções organizam uma parentalidade sensível e responsiva. Um aspecto importante de seus estudos, refere- se ao fato da relação que ele estabelece entre parentalidade positiva e afeto e emoção.Para este estudioso, quando elas são muito fracas, muito fortes ou mal adaptadas às tarefas de criação dos filhos elas podem prejudicar o exercício da parentalidade.

Como exemplo, Dix (1991) cita os relacionamentos harmoniosos, onde as emoções são, uma medida positiva pela qual os pais gerenciam as interações para queas preocupações dos filhos e dos pais sejam promovidas. Diferentemente, dos

relacionamentos conflituosos, no qual a emoção negativa crônica é causa e consequência de interações que prejudicam as preocupações dos pais e o desenvolvimento dos filhos.

A afetividade e a emoção como dimensões essenciais dos cuidados parentais e com repercussões ao desenvolvimento humano foram apontadas nos estudos de Mendes e Pessoa (2013). Sobre esse aspecto, Portugal e Alberto (2010) abordam a noção conceitual sistêmica de parentalidade, que necessita ser percebida como um sistema complexo no qual são geradas relações e emoções positivas como o afeto.

Contudo, vários fatores condicionam e podem prejudicar os comportamentos parentais, fazendo que suas práticas não sejam positivas. Compreender porque certosindivíduos parecem ser mais adequados na realização efetiva da parentalidade, enquanto outros têm maiores dificuldades, é uma questão que tem implicações em termos de intervenção e prevenção da violência contra crianças e adolescentes (Silva,2018).

Uma evidência de fragilidade parental é a violência sexual perpetrada por pais (Luster & Okagaki, 2005). De acordo com Belsky e Jafee (2006), existem múltiplos determinantes do comportamento dos pais, entre os quais circunstâncias individuais, históricas e sociais que se encontram combinadas e que parecem influenciar ofuncionamento parental. Segundo Ferraz et al. (2021) a história de desenvolvimento e trajetórias de vida dos pais, afetam o processo de parentalidade e, consequentemente,têm efeitos no desenvolvimento dos filhos.

Existem questões importantes que precisam ser estudadas para a compreensão do comportamento parental. A maioria das pesquisas concentra-se em compreender os efeitos das experiências vividas durante a infância sobre o

desenvolvimentohumano (Kobarg, 2006). Contudo, compreender porque alguns indivíduos parecem ser mais adequados na realização efetiva da parentalidade, enquanto outros têm menoshabilidades parentais, é uma questão que necessita de respostas mais assertivas comopondera Pasquel (2010).

A análise da literatura revela que a maioria dos estudos sobre parentalidade tem sido feito com famílias formadas por pai e mãe e sobretudo nas relações parentaisentre mãe e filho (Coltro, Paraventi & Vieira 2020). Holden (2010) identifica as limitações da abrangência do conceito sobre parentalidade e descreve que é necessárioaprofundar o conhecimento em relação aos processos parentais de famílias que contemple a complexidade presente na realidade, como por exemplo, a parentalidadeexercida em famílias monoparentais, homossexuais e naquelas em que um membro se encontra em situação de cárcere. Esta preocupação encontra sua justificativa em um dado alarmante: o Brasil possui a quarta maior população carcerária do mundo (Depen, 2020).

De acordo Miranda e Granato (2016) o comportamento da maioria dos presosantes do cárcere já aponta para experiências de fragilização dos vínculos e sofrimentofamiliar, pois a prática de atos ilícitos permeia a vida desses homens, distanciando-osdas práticas parentais cotidianas. Consequentemente, a relação entre pai e filho quando fragilizada, ou pouco frequente em termos interacionais, torna-se ainda mais complicada e frágil por sua ausência forçada. Granja et al. (2013) em seus estudos mostram que a prisão paterna altera por completo o envolvimento dos pais com os filhos, pois ocorre uma ruptura no processo interacional na relação diária.

Embora pesquisas recentes indiquem que a maioria dos indivíduos presos sãopais, a paternidade no cárcere e sua repercussão para os filhos raramente são

foco da atenção de legisladores, instituições prisionais e estudos acadêmicos. Sendo incipientes os estudos que abordam sobre essa parentalidade, especialmente como o exercício parental ocorria antes do encarceramento. Como observado na literatura, quando os processos de interação entre pais e filhos são fracos, um percentual maior de problemas comportamentais é observado na criança, o que pode repercutir negativamente em seu desenvolvimento (Coscioni et al., 2018).

Esse processo interacional inicia-se a partir do momento da concepção, sendo constituído e definido por diversas dimensões, das quais este estudo irá destacar a comunicação (Carr, 2006). De acordo Seidl-de-Moura (2008) as figuras parentais tornam-se fontes de estimulação afetiva por meio de trocas sociais mediadas pelo processo interacional de comunicação.

Para Alarcão (2006), o exercício da parentalidade pode ser representado por ummodelo de funcionamento familiar caracterizado pela experiência emocional e por funções executivas específicas. Nele, a comunicação torna-se um conceito essencial para a compreensão das interações que se processam no exercício da parentalidade (Alarcão, 2006; Relvas, 1996; Watzlawick, Beavin & Jackson,1993).

Comunicação afetiva entre pai e filho

O termo comunicação tem sua raiz etimológica no latim "*communicatione*", que significa tornar-se comum **(**Scapini& Luna, 2019). De forma geral, a comunicação é explicada por quatro elementos: o transmissor, o receptor, a mensagem e o meio. Processa-se por meio de três níveis: o escrito, o verbal e o não verbal. Um sistema deescrita é um tipo de comunicação por meio de símbolos, usados para registrar visualmente uma língua. A comunicação verbal envolve o

discurso e é uma construção linguística atrelada ao contexto social (Mesquita, 1997), enquanto a comunicação não-verbal é a forma não-discursiva transmitida por meio de suportes como o corpo, os objetos associados ao corpo e produtos de habilidade humana (Corraze, 1982).

Caracteriza-se como um processo contínuo de transmissão de mensagens que integra diferentes contextos, realidades e culturas (Fiske, 2005). Trata-se de uma dimensão fundamental da parentalidade, particularmente na relação parental-filial, porque é um elemento promotor de desenvolvimento e um elo (Carr, 2006; Segrin & Flora, 2005). Permite ainda, reconhecer e dar resposta às necessidades e exigências básicas no exercício da parentalidade e em cada etapa do ciclo vital (Carr, 2006; Relvas, 1996).

Engloba diversas dimensões como: expressão do afeto e do apoio emocional, troca de mensagens positivas com membros da família, clareza comunicacional, resolução de problemas, suporte emocional, apoio verbal e demonstração de afeto e empatia (Ségrin & Flora, 2005), assim como disponibilidade comunicacional, sinceridade no diálogo e confiança/ partilha equilibrada e a metacomunicação (Kirkman, Rosenthal & Feldman, 2005).

Perante a inexistência de instrumento de avaliação, Portugal e Alberto (2014) desenvolveram uma escala de avaliação da comunicação adaptada/validada para a população portuguesa, denominada Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA). De forma ampla, ela engloba todos esses aspectos relacionados às dimensões da comunicação na parentalidade.

Os pesquisadores Portugal e Alberto (2014), por meio do COMPA, avaliaram as percepções de 1422 progenitores/filhos sobre a comunicação mantida. A análise davalidade interna revelou uma estrutura de cinco fatores para a versão

parental (Expressão do Afeto e Apoio Emocional, Disponibilidade Parental para a Comunicação, Metacomunicação, Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos, Confiança/ Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores) e a versão para adolescentes (entre 12 e 16 anos), (Disponibilidade Parental para a Comunicação, Confiança/ Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores, Expressão do Afeto e Apoio Emocional, Metacomunicação, Padrão Comunicacional Negativo), além de dois fatores para a versão voltada para as crianças(entre 7 e 11 anos). Esta estrutura exploratória foi confirmada pelos estudos de análise fatorial confirmatória. Os níveis de consistência interna revelaram-se bons para fins clínicos e de investigação.

Esse instrumento pode ser aplicado em três contextos distintos: avaliação, intervenção e investigação. De forma mais específica, o instrumento permite efetuar a avaliação da comunicação na díade pai/mãe-filho/filha e entre ambos os progenitores, avaliar a comunicação parento-filial em diferentes momentos, monitorizar as atitudes que possam melhorar a relação comunicacional entre progenitores e filhos, e o desenvolvimento de estudos empíricos centrados na comunicação parento-filial (Portugal & Alberto, 2014).

Estudos sobre a análise da pragmática da comunicação auxiliou a tarefa de se pensar a respeito do efeito da comunicação também no comportamento humano (Nieweglowski, 2008). Nesta perspectiva, Watzlawick, Bavelas e Jackson (1993) trouxeram uma importante contribuição sobre a comunicação, partindo do pressuposto de que, por vezes, a comunicação entre os seres humanos é enviesada pordiversas variáveis (escolaridade, nível socioeconômico, cultura), o que pode promover negativas dinâmicas familiares e, inclusivamente, patológicas.

Um interessante achado foi fornecido por Dessen (2007) ao demonstrar que oselementos da comunicação possuem significativa importância no avançar no desenvolvimento, promovido pelos estímulos de comunicação afetuosa dos pais. Segundo Souza et al. (2012) essa propriedade ocorre pelo fato do processo interacional de comunicação entre pais e filhos possuir efeito de expressão de sentimentos, com origem atrelada aos valores e crenças de cada indivíduo e do grupoao qual ele pertence. Portanto, quando um indivíduo expressa a emoção por meio da comunicação, ela torna-se afetiva, reveladora de nossos sentimentos e afetos eassociada a nosso contexto de vida.

Os estudos de Miller-Day e Kam (2010) levaram a cabo um estudo com o intuitode explorar a eficácia da comunicação parento-filial sobre as expectativas e comportamentos de crianças em idade escolar em relação ao álcool. Esta investigação concluiu que a abertura e a frequência comunicacional entre progenitores e filhos podem influenciar as percepções que as crianças têm sobre o consumo de álcool. Os resultados sugerem ainda que uma comunicação parento-filial mais complexa edetalhada sobre o tópico pode ter maior influência na determinação das expectativas e dos comportamentos futuros, evidenciando, assim, que nem todas as formas de comunicação são efetivas.

A comunicação familiar é referida por Streeck (2002) como um dos agentes instrumentais mais importantes para o processo de socialização infantil, fato que é reforçado pelo estudo de Gentzler, Contreras-Grau, Kerns e Weimer (2005). Hillakeret al. (2008) desenvolveram uma investigação com o objetivo de analisar o efeito da comunicação familiar sobre o desenvolvimento de competências sociais e constataram que, de fato, a manutenção de uma comunicação parento-filial positiva contribui para o desenvolvimento de competências sociais, tais

como: valores sociaispositivos (cuidar do outro, sentido de igualdade e justiça, integridade, honestidade, responsabilidade), tomada de decisão, competência interpessoal e competências de resiliência

Por meio de um estudo longitudinal Bumpus e Hill (2008) analisaram a relaçãoentre a existência de segredos por parte dos filhos e a comunicação que estes mantêm com os seus progenitores, com o ajustamento social das crianças. Os resultados indicam que existe uma relação moderada entre a existência do segredo sobre as atividades diárias por parte das crianças e a frequência da comunicação parento-filial. Verifica-se uma menor comunicação entre progenitores e filhos quando estes ocultaminformação aos seus pais. Além disso, constatou-se, que as crianças que guardam segredos em relação às figuras parentais tendem a ser percebidos pelos professores como sendo menos competentes socialmente, mais opositoras e agressivas.

Em virtude da importância da comunicação e sua relação com o desenvolvimento surgiram estudos e modelos que buscaram compreender a comunicação (Beavers & Hampson, 2000; Miller et al., 2000; Olson, 2000; Skinner, Steinhauer, & Sitarenios, 2000; Wilkinson, 2000). Contudo estas abordagens dão ênfase às propriedades da família como um todo ou focando-se na relação mãe-bebê (Goretti, 2014). Apesar de se saber que as interações de trocas afetivas e emocionais por meio da comunicação cumprem um papel primordial para a relação de um vínculoafetivo forte entre pai e filho.

Estudos como o de Konkiewitz (2013) apontam que esse intercâmbio entre os pais e a criança deve ser carregado de fatores emocionais porque ocorrem como elementos estimuladores para o desenvolvimento humano. É a partir deste construto, num microssistema com o papel dos pais bem definido de cuidado

responsivo, que se definem atividades, relações e papéis (Bronfenbrenner & Morriz, 2005).

A comunicação afetiva reflete a uma interação entre pai e filho positiva, ou seja, apresenta elementos favoráveis ao desenvolvimento, e relaciona-se à expressão de comportamentos não-verbal (abraçar, beijar, fazer carinho, tocar) e comportamentos verbais (elogiar, encorajar, dizer "eu te amo"), que contribuem ou reforçam um vínculo afetivo (Mendes & Pessoa, 2013). Basear-se em a comunicação afetiva é uma habilidade linguística, cooperativa e empática, atrelada também ao desenvolvimento das competências socioemocionais (Carneiro, 2020).

Esses sentimentos, expressos por meio da comunicação, que geram uma prática parental positiva, estão atrelados aos valores e crenças de cada indivíduo e do grupo ao qual ele pertence. E condicionados a vários fatores como personalidade, histórico de vulnerabilidade social (Silva, 2009). Empiricamente, registam-se alguns estudos centrados no processo de interação de pais-filhos durante essa etapa, por exemplo ao nível das práticas e dos estilos parentais (Camacho & Matos, 2007; Kerr, Stattin, & Ozdemir, 2012), no entanto, poucos são aqueles que analisam a dimensão comunicacional de forma específica (Stamp, 2004). Entretanto, para a compreensão da parentalidade do pai AVSCA em processo interacional de comunicação afetiva com o filho, requer-se um entendimento acerca do desenvolvimento humano. Isso porque o exercício da parentalidade que envolve ações de cuidado e educação influenciam o processo do desenvolvimento (Collins et al., 2000; Cecconello, De Antoni & Koller, 2003; Silva & Vieira, 2018). Considera-se neste estudo, a percepção de Urie Bronfenbrenner sobre desenvolvimento humano e a importância dos processos

proximais que o impulsionam. Contribuições à pesquisa da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner O pesquisador russo Urie Bronfenbrenner formulou uma teoria de desenvolvimento humano, publicada no final da década de 70, com importantes premissas para o planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais. O estudo do desenvolvimento em contexto oferece uma estrutura através da qual a pesquisa desenvolvida examina as relações dos indivíduos dentro de seus ambientes ecológicos circundantes (Bronfenbrenner, 1977).

Posteriormente reformulado, o Modelo Bioecológico apresenta-se enquanto uma alternativa viável que permite pensar e desenvolver metodologias adequadas para o estudo do desenvolvimento humano como um fenômeno multideterminado, dinâmico, sujeito à ação de fatores biológicos e culturais (Mendes, 2008). Entendidoaqui como o presente fenômeno estudado.

O Modelo Bioecológico também denominado de Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT), inclui quatro conceitos e as interações entre esses conceitosformam a base para a teoria. Ademais, via os processos proximais como o mecanismo primário para o desenvolvimento, caracterizando-os em duas proposições centrais do Modelo Bioecológico (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 1996).

Na primeira, "o desenvolvimento humano ocorre através de processos de interação recíproca progressivamente mais complexa entre um organismo humano biopsicológico ativo e em evolução e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambienteexterno imediato". Para ser eficaz, a interação deve ocorrer de forma bastante regularpor longos períodos. Essas formas duradouras de interação no ambiente imediato são chamadas de processos proximais. (Bronfenbrenner &

Morris, 1998).

Na segunda, forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais que efetuam o desenvolvimento variam sistematicamente em função conjunta das características da pessoa em desenvolvimento; do ambiente (tanto imediato quanto mais remoto) em que os processos estão ocorrendo, a natureza dos resultados de desenvolvimento em consideração; e as continuidades e mudanças sociais que ocorrem ao longo do tempo ao longo do curso de vida e do período histórico duranteo qual a pessoa viveu (Bronfenbrenner, 1995).

Os processos proximais são uma parte importante da Teoria Bioecológica, uma vez que o engajamento em atividades conjuntas, durante um período, é considerado essencial para o desenvolvimento da pessoa. Esses processos são os principaismecanismos produtores do desenvolvimento humano, no entanto, seu poder e direçãovariam consideravelmente em função de características pessoais e contextuais (Stacheira et al, 2020). Sendo assim, os processos proximais são sinergicamente influenciados por características da pessoa em desenvolvimento, do contexto, do resultado do desenvolvimento e do tempo (Vargas, 2020).

Bronfenbrenner reconheceu o papel que as características pessoais dos indivíduos desempenham nas interações sociais, fornecendo uma justificativa de como os ambientes influenciam as características pessoais. E identificando três características pessoais que podem influenciar significativamente os processos proximais ao longo da vida. As características de demanda (idade, sexo ou aparência física), dos recursos mentais, emocionais e materiais (experiências passadas, inteligência, habilidades, acesso a moradia, educação e cuidadores receptivos) e de força (motivação, persistência e temperamento) (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O contexto envolve cinco sistemas interligados. O microssistema descreve ambientes como a casa ou a escola em que as crianças passam um tempo significativo interagindo. Segundo Bronfenbrenner (2002), as relações interpessoais contribuem para a formação de díades, sistema de duas pessoas que estabelecem uma relação, independentemente do nível de envolvimento entre as partes, seja prestando atenção na atividade uma da outra ou mesmo ambas participando. Esta relação estabelece umcontexto crítico para o desenvolvimento e um bloco construtor básico do microssistema. A relação ganha nova nomenclatura à medida que mais pessoas participam da relação – podendo ser chamadas de tríades, tétrades e assim sucessivamente. O Mesossistema consiste na inter-relações entre microssistemas. O Exossistema descreve eventos que têm influência indireta importante no desenvolvimento como o trabalho do pai. O Macrossistema é são as características de um grupo, sua cultura, compartilha valores e crenças. E o Cronossistema que descreveas circunstâncias históricas que afetam os contextos em todos os outros níveis(Bronfenbrenner, 1999).

Por fim, o tempo, propriedade definidora do paradigma Bioecológico, aparece como estrutura multidimensional do modelo, referindo-se à estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos através do curso de vida e das gerações (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Assim, o conceito de desenvolvimento proposto por este Modelo, refere-se ao resultado da relação conjunta entre o processo proximal, as características próprias dapessoa em desenvolvimento, o contexto imediato no qual ela vive e a quantidade e frequência de tempo no qual a pessoa em desenvolvimento tem estado exposta a um processo proximal específico e ao ambiente (Bronfenbrenner & Evans, 2000). Esse desenlace pode ser observado na pessoa num momento

posterior no tempo (Bronfenbrenner, 1999).

A importância da função parental no desenvolvimento da criança e sua interação com o ambiente foram referenciadas por Bronfenbrenner e Morriz (1998). Embora oenfoque da teoria seja a pessoa em desenvolvimento em inter-relação com o contexto,ela abrange outros fenômenos como estabelecimento e a manutenção de padrões de interação entre pais e filhos. Pois, ela explora os aspectos ambientais, pessoais, bem como a relação da pessoa desenvolvente com outras as pessoas de seu ambiente (Bueno et al., 2015).

Essa importante contribuição de acordo com Barreto (2016) expressa-se por aquilo que o Bronfenbrenner e seu Modelo Bioecológico chamou de processos proximais, força motriz do desenvolvimento social. E ainda se caracteriza pelas relações entre as pessoas da família e suas crianças conforme persistem e progridem,por meio do tempo, formam padrões de interação que constituem os veículos de mudança comportamental e desenvolvimento.

Autores como Diniz e Koller (2010) ressaltam ainda que em sua Teoria Bioecológica, Bronfenbrenner explora a natureza desse vínculo e sua influência no desenvolvimento. Contudo, os processos proximais, de modo especial as relações parentais, que são formas particulares de interação, dependem de estabilidade e regularidade.

Outro conceito importante referente à Teoria Bioecológica que podem auxiliarna compreensão da interação entre pai e filho, é destacado por Assis et al. (2021), ao demonstrar que Bronfenbrenner (1986) apontou que a literatura científica possui fragilidade, por não atribuir aos pais um significativo papel para na vida e o desenvolvimento na infância, na adolescência e, também, na vida adulta. Apesar de acriança interagir com os outros e com as coisas ao seu redor,

desde o momento de seu nascimento, nos primeiros anos de vida ela mantém padrões de interações, principalmente, no microssistema família (Bhering & Sarkis, 2009). O interesse deste trabalho residirá em pesquisar o aspecto da comunicação nesse microssistema familiare das relações parentais de afeto que são nele estabelecidas.

Problemática e hipóteses da pesquisa

Estudos empíricos demostram que compreender o modo como ocorre o predomínio da comunicação afetiva pode auxiliar mais o entendimento de quem exerce essa prática parental. Consequentemente, possibilitará compreender mais sobreos pais AVSCA, o que pode contribuir na compreensão do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes e auxiliar na elaboração de estratégias por meiode políticas públicas preventivas.

Além disso, a existência de uma comunicação afetiva pode sinalizar uma perspectiva de intervenção para essa população por intermédio da compreensão e dofortalecimento desse processo interacional. Assim, fazendo face a limitação deliteratura sobre comunicação afetiva em pais AVSCA e com o intuito de contribuirpara as pesquisas sobre agressão sexual contra criança e adolescente, este estudo propõe-se analisar a comunicação afetiva de pais AVSCA em ambiente de cárcere. Para isso, direcionou-se a uma questão-problema e duas hipóteses a serem testadas.

Questão problema

O pai AVSCA encarcerado, face ao seu histórico de vida marcado por experiências adversas e situações de vulnerabilidade social, como percebe a comunicação afetiva com o filho por meio de sua prática parental?

Hipótese 1

Embora as evidências demonstrem que o pai AVSCA apresenta histórico de vida marcado por experiências adversas e situações de vulnerabilidade social, associado a comportamento disruptivo, observa-se a percepção de comunicação afetiva com o filho em sua prática parental.

Hipótese 2

Em decorrência do histórico de vida marcado por experiências adversas e situações de vulnerabilidade social do pai AVSCA, apontado pela literatura como condicionante de comportamento disruptivo, infere-se que o pai AVSCA encarceradopercebe ter problemas para comunicar-se afetivamente com o filho.

Objetivo da pesquisa

Geral:

Analisar a percepção da comunicação afetiva na interação pai-filho, a partir deum estudo em ambiente carcerário, com pais AVSCA.

Específicos:

Analisar as características biosociodemográficas e da agressão perpetrada porpais AVSCA, com base em fonte documental.

Identificar os aspectos biosociodemográficos e da parentalidade dos pais AVSCA encarcerados, por meio de um estudo empírico.

Analisar, por meio de um estudo empírico em ambiente carcerário, a percepçãode pais AVSCA sobre a comunicação afetiva estabelecida com os filhos.

Método

Delineamento

Este estudo, quanto à sua natureza, caracteriza-se como exploratório e com objetivos descritivos-exploratórios. Utilizou o procedimento técnico de estudo documental e um levantamento de dados do tipo *Survey*, e por isso, pode ser descrito como empírico e documental. Teve um delineamento de corte transversal e incluiu uma abordagem quantitativa de dados (Gil, 2018). Sendo composto por 3 (três)estudos interdependentes e interligados: estudo I, II e III, cada um possui seus métodos, resultados, discussões e conclusões próprios na dissertação.

Considerações Éticas

O estudo I caracterizou-se como um estudo documental, tendo sido tomado oscuidados éticos em relação ao conteúdo sigiloso dos documentos examinados, como prevê a resolução nº 466/2012. Destaca-se que o GEAV obteve autorização para realização dessa pesquisa que envolveu AVSCA, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, registradopelo número 650.210 (Anexo A).

Os estudos II e III caracterizaram-se por serem empíricos (em contexto de cárcere) e realizaram-se por meio da aplicação de 2 (dois) instrumentos (um roteiro de entrevista semiestruturada e um roteiro adaptado do COMPA-versão parental) empais AVSCA. Em virtude disso, primeiramente, foi necessário a autorização da Secretaria de Administração Penitenciária-SEAP (Anexo B) para a entrada nas unidades penais e o acesso ao público-alvo da pesquisa. Assim como, a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Saúde da UFPA, por tratar-se de pesquisa com seres humanos, obtendo-se a aprovação pelo parecer circunstanciado denúmero 6213933 (Anexo C).

Estudo I

Pais autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: característicasbiosociodemográficas e da agressão perpetrada

Com a perspectiva de que pesquisar as consequências da agressão sexual paraa vítima e desconsiderar o autor da violência e suas características consiste em deixar de lado uma parte importante do fenômeno, gerando prejuízos ao planejamento de políticas públicas eficazes de enfrentamento do problema.

Buscou-se a inserção de novo elemento no contexto do estudo da violência sexual contra crianças e adolescentes. Assim, o estudo I teve a finalidade de contribuircom a caracterização biosociodemográfica de AVSCA na condição de figura parental(pai) que perpetrou violência sexual contra crianças e adolescentes e por este ângulo buscou descrever as características da agressão sexual perpetrada.

Objetivo Geral:

Analisar as características biosociodemográficas e da agressão perpetrada de paisAVSCA, por meio de um estudo documental.

Método

Delineamento da Pesquisa

O presente estudo trata-se de um estudo documental, com objetivos descritivos e exploratórios, delineamento de corte transversal e amparado em abordagem quantitativa de dados (Gil, 2018).

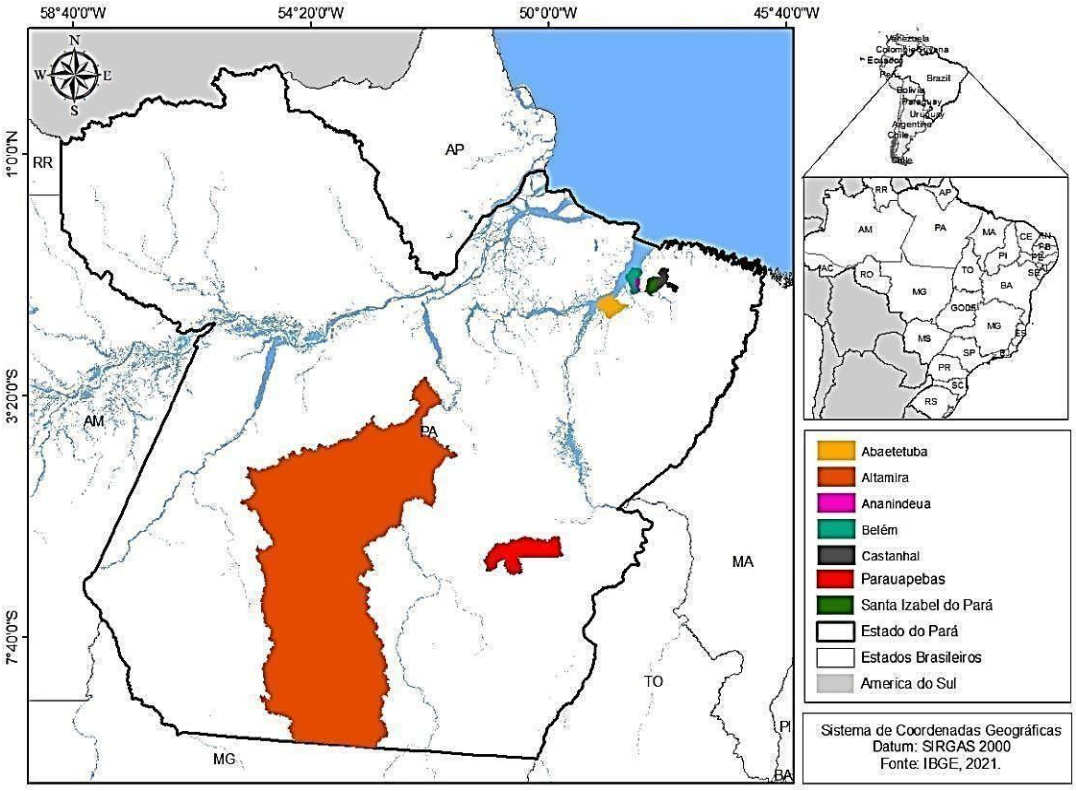
Contexto

Os dados foram coletados entre os anos de 2015 e 2016 por membros do Grupode Estudo de Autores de Violência Sexual em Crianças e Adolescentes (GEAV) vinculado ao Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED) da

Universidade Federal do Pará (UFPA). Envolveu sete comarcas dos municípios do estado do Pará (Belém, Ananindeua, Santa Izabel, Abaetetuba, Altamira, Castanhal e Parauapebas) (Figura 1). Estes locais foram selecionados porque estavam inseridos em regiões geopoliticamente importantes.

Figura 1

Mapa dos Municípios onde foi aplicado o instrumento



Participantes da pesquisa

Os AVSCA eram homens, acima de 18 anos, sentenciados pelo crime de violência sexual contra criança e adolescente. O tamanho da amostra (N =521) levouem conta o número de processos jurídicos localizados em cada município pelo sistema Libra (Sistema de Gestão de Processos Judiciais). Do total de 521 processos desses participantes, foram selecionados 283 que atendiam ao seguinte critério de seleção: sexo masculino, possuíam filhos, ter cometido crimes relacionados a sexualidade (artigo 217 da Lei n.º 7.210, de 11 de julho de 1984 -

Lei de Execução Penal) e ausência de diagnóstico médico de doença psiquiátrica ou neurológica.

Instrumento

Formulário para Caracterização Biopsicossocial

O formulário utilizado foi de Caracterização Biopsicossocial (FCB) do autor da agressão sexual, composto por: (a) dados de identificação (sete itens), (b) dados biopsicossociais do AVSCA e da sua vítima (34 itens), (c) dados processuais do autor(20 itens) e (d) das vítimas (15 itens).

Procedimento de coleta

Solicitou-se a permissão da instituição para realização da pesquisa, em seguida a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa e a preparação para a inserção no contexto de coleta. Na sequência, foram analisados os processos jurídicos que tramitavam nas comarcas. Por fim, esses dados foram tratados, tabulados e inseridosno banco de dados de planilha eletrônica do *Excel* para a análise.

Procedimento de análise

Os dados dos 283 pais AVSCA foram analisados de forma exploratória e descritiva, por meio de estatística descritiva simples e apresentados por meio do Testede Shapiro-Wilk de normalidade da amostra, medida de tendência central (mediana) e de dispersão calculados pelo software JASP (*Jeffreys's Amazing Statistics Program),* que consiste em um programa de análise estatística com apoio da Universidade de Amsterdã, e pela de frequência de dados absolutos e de percentuaiscalculados pelo programa Excel apresentados por meio de tabelas e quadros.

Além disso, foi realizado um procedimento da estatística multivariada que

buscou agrupar os dados biosociodemográficos (faixa etária, raça, religião, estado civil, número de filhos, grau de escolaridade, vínculo de parentesco, condição, contexto da agressão, zona da agressão e confessou o crime) dos pais autores de violência em subgrupos.

A análise de agrupamento (Cluster) foi realizada com a utilização do Método de Ward para a aglomeração hierárquica e do Método K-Médias para a aglomeração não hierárquica. Utilizou-se o k-médias, para, de forma descritiva, explorar as relações conjuntas entre os pais AVSCA e seus aspectos biosociodemográficos, visando estabelecer o perfil dos grupos na população analisada (Malhotra, 2006)

De acordo com Malhotra (2006), essa análise de agrupamento ou análise de cluster é uma técnica usada para classificar objetos ou casos em grupos relativamentehomogêneos chamados de agrupamentos ou conglomerados. Assim, os objetos em cada agrupamento tendem a ser semelhantes entre si, mas diferentes de objetos em outros agrupamentos.

Por isso, três questões fundamentais devem ser consideradas na aplicação da análise de agrupamento: a similaridade dos dados, como formar os agrupamentos e por fim, como decidir quantos grupos formar. Para os procedimentos de aglomeraçãodeve-se optar por um método específico, neste estudo serão utilizados o Método de Ward para a aglomeração hierárquica e o Método K-Médias para a aglomeração nãohierárquica.

O método de Ward consiste em um procedimento de agrupamento hierárquicono qual a medida de similaridade usada para juntar os agrupamentos é calculada comoa soma de quadrados entre os dois agrupamentos feitos sobre todas as variáveis. Esse método tende a resultar em agrupamentos de tamanhos

aproximadamente iguais devido a sua minimização de variação interna, ou seja, em cada estágio, combinam- se os dois agrupamentos que apresentam menor aumento na soma global de quadradosdentro dos agrupamentos.

A técnica de agrupamento hierárquico interliga as amostras por suas associações, produzindo um dendrograma onde as amostras semelhantes, segundo as variáveis escolhidas, são agrupadas entre si. A suposição básica de sua interpretação é esta: quanto menor a distância entre os pontos, maior a semelhança entre as amostras. Os dendrogramas são especialmente úteis na visualização de semelhanças entre as amostras ou objetos representados por pontos em espaço com dimensão maiordo que três, onde a representação de gráficos convencionais não é possível. Assim, utilizou-se o k-médias, para de forma descritiva, explorar as relações conjuntas entreos pais AVSCA e seus aspectos biosociodemográficos, visando estabelecer o perfil dos grupos na população analisada (Malhotra, 2006).

A análise foi dividida em duas etapas. A primeira incluiu a descrição bivariadadas características biosociodemográficas, segundo os grupos de caso e controle, comparando as proporções por meio do teste qui-quadrado considerando um nível designificância de 5%. Na segunda etapa, buscou-se explorar relações conjuntas entre os fatores socioeconômicos e demográficos e os grupos por meio da Análise de Agrupamento (Hair et al., 2005).

As características analisadas foram faixa etária em três categorias (menor de 29 anos, entre 30 a 64 anos e acima de 65 anos), raça em quatro categorias (branca, parda, preta e sem informação), religião (católico, espirita, evangélico, candomblé, sem religião e sem informação), estado civil (casado, separado, união estável, divorciado, solteiro, viúvo e sem informação), número de filhos (um filho, dois filhos, três filhos, quatro ou mais filhos e sem informação), grau de

escolaridade (sem escolaridade, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo e sem informação), vínculo de parentesco (pai, padrasto, tio, primo, cunhado, avô e avodrasto), condição (autônomo, benefício, empregado, desempregado, trabalho eventual e sem informação), contexto da agressão (intrafamiliar e extrafamiliar), zona da agressão (urbana, rural, ribeirinho e sem informação) e confessou o crime (sim, não e sem informação).

Para confirmar a quantidade de número de cluster criados, aplicou-se uma técnica complementar aos dados, chamada de Análise Discriminante. A Análise de Cluster e Discriminante foi realizada por meio do *software Statistical Package for Social Sciencies* (SPSS versão 23.0), utilizado para a estimação dos parâmetros das funções discriminantes e ferramenta para execução dos testes estatísticos a um nível de significância de 0,05 (Johnson & Wichern, 2007).

Para apresentar os resultados, optou-se por dividir a analise do estudo em trêstópicos: características biosociodemográficas do pai AVSCA (idade, raça, estado civil, número de filhos, escolaridade e ocupação), características do grau de parentesco com a vítima e do ato de agressão sexual (grau de severidade/gravidade daviolência perpetrada).

Considerações Éticas

O projeto de pesquisa para estudos envolvendo AVSCA foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropicalda UFPA, emitido em 30/04/2014, registrado pelo número 650.210.

Resultados

A análise dos 283 processos de pais autores de violência revelou que 11

(3,89%) eram da cidade de Abaetetuba, 10 (3,53%) de Altamira, 55 (19,43%) de Ananindeua, 168 (59,36%) de Belém, 4 (1,41%) de Castanhal, 24 (8,49%) de Parauapebas e 11 (3,89%) de Santa Izabel. Esses números ressaltam a maior quantidade de processos concentrados na região metropolitana de Belém.

Na análise do grau de parentesco do pai AVSCA com a vítima, do total de 283 dos pais participantes da pesquisa, 112 cometeram a agressão no meio extrafamiliar (39,58%) e 171 cometeram a agressão no meio intrafamiliar (60,42%). Esses dados demostram, que geralmente, o autor possuía uma relação de parentesco com a vítima. Das 171 agressões sexuais cometidas no meio intrafamiliar pelo pai AVSCA, identificou-se relação de parentesco com vítima na percentagem de 51 (29,82%) padrastos, 44 (25,73%) pais biólogos, 39 (22,80%) tios, 19 (11,11%) avôs, 9 (5,26%) primos, 5 (2,92%) avôdrasto e 4 (2,33%) cunhados.

A análise das características do ato de agressão foi realizada considerando suaseveridade/gravidade. Neste sentido, foi construído as seguintes categorias: a) agressão sexualcom uso da força e/ou outro tipo de coerção severa foi identificado em184 (65,02%) casos. b) agressão sexual “menos” severa, como exibicionismo e abusoverbal, foi encontrado em 40 (14,13%) dos casos. c) agressão sexual com contato físico sem uso da força, com sedução, foi identificado em 56 (19,79%).

Os atos de agressão foram analisados conforme a frequência que apareceram nos processos, em todas as 283 condenações houve mais de um ato sexual perpetradocontra a vítima. O ato de esfregar-se na vítima foi encontrado em 138 situações, sexovaginal em 120 dos casos, assédio foi observado em 91 das agressões, sexo anal em 72 vezes, o exibicionismo foi encontrado 70 vezes, sexo oral em 57 dos casos, tirar asroupas da vítima ocorreu em 57 situações, o beijo

apareceu em 10 casos, a obrigaçãode assistir relações sexuais de terceiros 5 vezes (*voyeurismo*), assistir filme pornográfico ocorreu em cinco casos e tirar foto ou fazer filmagem apareceu em 1 caso.

Características biosociodemográficas

Neste tópico são exibidas informações referentes à: idade, cor/raça, número de filhos, estado civil, escolaridade e ocupação. Quanto à idade, os 283 participantes apresentam idade entre 19 e 86 anos. O Teste de Shapiro-Wilk aplicado a amostra apresentado na Tabela 1 (Miot, 2017) revelou que a amostra não segue uma distribuiçãonormal, visto que o p-valor é menor que 0,05.

Os dados de medida de tendência central apresentaram valores para moda 38,mediana 40, com uma média de 42,27 e desvio padrão 12,95. Os dados de dispersão também seguem na Tabela 1 com a apresentação da variabilidade das idades. O resultado desses dados demonstra que apesar da média de idade se encontrar entre os42 anos, há variações em relação à faixa etária, ratificadas também no valor elevado do desvio padrão e na distribuição anormal da amostra identificada pelo Teste de Shapiro-Wilk. Isso significa que os dados apresentam grande variabilidade e se considerou a mediana para verificar o tipo de dados que há na amostra analisadas.

Tabela 1

Dados de variabilidade e teste de normalidade da amostra

Medidas de dispersão	Idade	Teste	Valor
Erro padrão de média	0.770	Shapiro-Wilk	0.950
Desvio Padrão	12.955	P-valor	<.001
Coeficiente de variação	0.306	Valido	283
MAD	8.000		
MAD robusta	11.861		
Variância	167.82		

Em relação à cor/raça, foram identificados 24 (8,48%) brancos, 173

(61,12%)pretos e pardos e 86 (30,38) sem informação. Estes números revelam que a maioria dos autores pais são negros, contemplando os indivíduos pardos e pretos, apesar da variável sem informação (SI) ser alta.

Para análise da quantidade de filhos, agrupou-se em pais com prole mais de 5e menos de 5 filhos. Observou-se que 262 (92,57%) dos pais possuíam prole igual e menor a 5 filhos, com média de 2 filhos. Apenas 21 (7,42%) dos pais possuíam prolecom mais de 5 filhos. Esse percentual identifica pais com média de poucos filhos.Quanto ao estado civil notou-se que 204 (72,08%) eram casados (incluídounião estável), 40 (14,13%), solteiros, 21 (7,42%) separados, 6 (2,12%) divorciados, 6 (2,12%) viúvos e 6 sem informação (2,12%). Essas informações mostram que amaioria dos autores de agressão possuíam um vínculo conjugal. Em relação à escolaridade foi verificado a presença de 15 (5,3%) analfabetos, 91 (32,15%) com o ensino fundamental incompleto, 27 (9,54%) com ensino fundamental completo, 26 (9,18%) com ensino médio incompleto, 57 (20,14) como ensino médio completo, 4 (1,41%) com ensino superior incompleto, 13 (4,58%) com ensino superior completo e 50 (17,66%) sem informações. Os dados sobre educação apresentam pais autorescom vários níveis de escolaridade, sendo a maior proporção (56,18%), os que não possuem a educação básica, tendo uma SI em 17,66%dos processos.

Como condição de atividade laboral, 75 (26,50%) encontravam-se na condição de trabalho autônomo antes da prisão, 22 (7,78%) como beneficiários/pensionistas, 100 (35,33%) empregados, 20 (7,06%) desempregados, 22 (7,77%) com trabalhos

eventuais, 1 (0,35%) estagiário/estudante e 43 (15,19%) sem informações. Essas informações sinalizam para perfis de ocupações diferentes, contudo a maioria 197

(69,61%) possuía algum tipo de renda.

Em geral, o perfil biosociodemográfico apontou para pais em sua maioria pretos/pardos, com média de dois filhos, sem educação básica e com cônjuge. Constatou-se heterogeneidade entre as características biosociodemográficas de faixaetária e de atividade laboral.

Com a Análise de Cluster por meio do Método do K-médias, os pais autores foram classificados em quatro grandes grupos com características similares. No Grupo 1 ficaram agrupados 121, no Grupo 2 foram agrupados 33 pessoas, no Grupo 3 são agrupados 111 indivíduos e no Grupo 4, 18 pessoas. Para a validação destes resultados obtidos na análise discriminante. Utilizou-se de validação interna e a validação externa. A validação interna apresentada na tabela 2, consistiu em verificar a eficácia da classificação das observações originais e a validação cruzada. Por sua vez, a validação externa objetiva confirmar os resultados da validação interna.

Tabela 2

Resultados da Classificação das amostras (validação interna)

Grupos de Agressores			**Probabilidade de Pertencer aos Grupos**				**T**
			G1	**G2**	**G3**	**G4**	
Contagem Original[1]		Cluste1	121	0	0	0	121
		Cluste2	0	30	0	0	30
		Cluste3	0	0	111	0	111
		Cluste4	0	0	0	18	18
	%	Cluste1	100	0	0	0	100
		Cluste2	0	90.9	6.1	0	100
		Cluste3	0	0	100	0	100
		Cluste4	0	0	0	100	100
Contagem da Validação Cruzada[2]		Cluste1	121	0	0	0	121
		Cluste2	0	27	2	4	33
		Cluste3	0	1	110	0	111
		Cluste4	0	0	0	18	18
		Cluste1	100	0.0	0	0	100
		Cluste2	0.0	81.8	6.1	2.1	100

%	Cluste3	0.0	0.9	99.1	0	100
	Cluste4	0.0	0.0	0.0	100	100

(1) 98.9% dos casos dos grupos originais estão corretamente classificados.

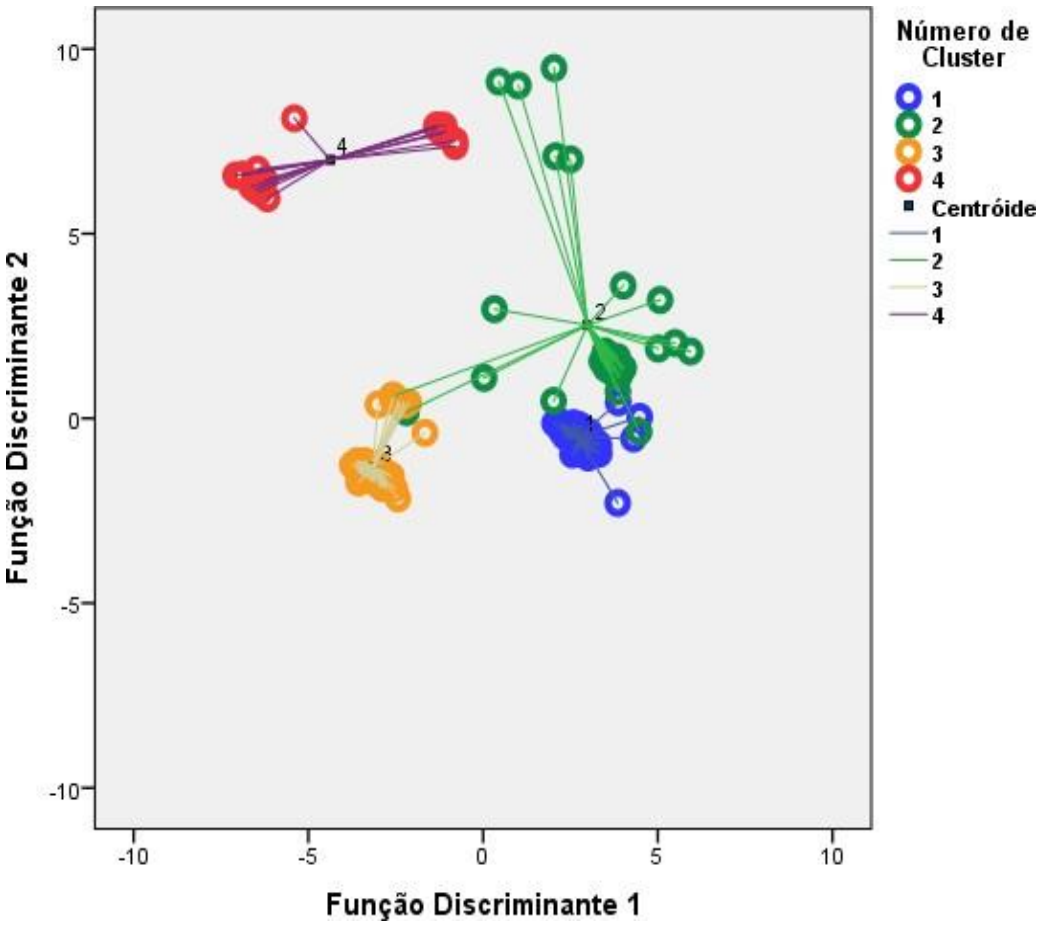
(2) 95% dos casos na validação cruzada estão corretamente classificados.

Os resultados desta avaliação representados na Tabela 3 permitem afirmar que 98.9% dos casos foram classificados de forma correta, pelo método estimado de três equações discriminantes. O resultado obtido foi que 95% das observações foram bem classificadas, ou seja, apenas 12 observações foram mal classificadas.

Assim, a Figura 2 mostra a discriminação dos quatro grupos de autores com destaque para os centróide de cada grupo, mostrando a ideia do comportamento e de como as funções discriminantes separam os quatro grupos.

Figura 2

Mapa Discriminante dos pais autores



No Grupo 1, observou-se pais autores em maioria de faixa etária entre 30 e 64anos, pardos, religião sem informação, casados ou em união estável, média de um e dois filhos, com ensino fundamental incompleto ou ensino médio completo, vínculo de parentesco a maioria pai ou padrasto, condição de autônomo ou empregado, contexto da agressão na sua maioria intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram o crime.

O Grupo 2, aparecem pais autores com faixa etária entre 30 e 64 anos, raça sem informação, religião sem informação, estado civil em sua maioria com união estável, média de um filho, grau de escolaridade sem informação ou ensino médio completo, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição sem informação, contextoda agressão intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram o crime.

Grupo 3, observa-se em maioria em faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, católicos e evangélico, casados e união estável, média de dois filhos, com ensino fundamental incompleto, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição de autônomo e empregado, contexto da agressão intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessou o crime.

No Grupo 4, apareceram pais autores em maioria de faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, católico, em união estável ou solteiro, número de filhos sem informação,grau de escolaridade com ensino fundamental incompleto, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição de autônomo, contexto da agressão intrafamiliar e extrafamiliarequivalente, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram.

Nesse contexto, considerando os resultados gerais da análise discriminante, depois que os pressupostos foram atendidos, observa-se que as

variáveis selecionadassão significativamente discriminantes, que a própria função discriminante é altamente significante. As outras variáveis analisadas foram descartadas na análise discriminante por não discriminarem tão bem quanto às escolhidas, demonstrando que a agressão sexual não se explica por um único indicador, é necessário um conjunto deindicadores reunidos estatisticamente e não aleatoriamente.

Discussão

Este estudo, de caráter descritivo exploratório, objetivou realizar uma caracterização biosociodemográfica de AVSCA na condição de figura parental (pai) que perpetrou violência sexual contra crianças e adolescentes e por este ângulo buscoudescrever as características da agressão sexual perpetrada.

As características biosociodemográficas identificadas revelam que a faixa etária tende para a dispersão das idades, pois afasta-se do zero, o que significa um dado com várias faixas etárias e significativamente heterogêneo. Esse dado se assemelha aos achados do estudo de Ferraz et al. (2021), que identificou que AVSCA,situam-se em faixas etárias diversas. Estudos como de Jeglic et al. (2012) apontam faixa etária dispersa semelhante ao dado encontrado no presente estudo de pais AVSCA. Inferindo-se que as faixas etárias dos pais autores são semelhantes aos dos autores de agressão em geral.

Em relação à cor/raça, a análise dos dados mostrou uma percentagem maior para pretos/pardos, 61,12%. No Brasil, segundo Wermuth (2018) a população de autores de agressão é em sua maioria da cor preta e com baixa escolaridade, remontando o passado escravocrata do país, período colonial, onde o regime de trabalho adotado era o escravo e utilizava-se da população negra como mão-de-obra. Mesmo após a abolição da escravatura essa população continua a

margem da sociedade(Santos, 2019).

Com relação a aspectos educacionais, os dados mostraram que a maioria dos pais AVSCA, não possuíam a educação básica (ensino médio completo). No estudo de Nunes (2007) revelou-se importante associação entre baixa escolaridade e prejuízos cognitivos, com achados sobre repercussões ao desenvolvimento humano. Outro estudo importante, foi o de Moura (2019), que identificou que a baixa escolaridade associada a outros elementos adversos como fator de risco para serAVSCA.

Quanto à ocupação, os dados revelam que os pais AVSCA realizavam atividades ocupacionais na época que cometeram o crime. Esses achados são incompatíveis com as considerações de Santiago e Guimarães (2019) e Zárate e Sapori, (2021), que destacaram em estudos uma relação entre o desemprego e criminalidade.

Em relação ao parentesco com a vítima, destaca-se a incidência, 60,42%, de crimes cometidos no meio intrafamiliar. Segundo Miranda et al. (2020), Soares e Nascimento (2019) e Platt et al. (2018) existe maior probabilidade de os autores da violência sexual serem do meio familiar da vítima. De acordo com Costa et al. (2018), quanto maior proximidade e intimidade, entre criança/adolescente e AVSCA,as consequências são mais graves para a vítima.

Do mesmo modo, Soares e Nascimento (2019) caracterizam a violência intrafamiliar como histórica e complexa e ressaltam a necessidade de uma reflexão sobre a família e suas funções parentais, uma vez que essas relações ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade. As figuras familiares que aparecem com mais frequência são os padrastos, os pais e os tios. Confirmando os estudos de Miranda et al. (2020), que

indicam maior probabilidade do autor de violência sexual de crianças e adolescentes serem o pai ou o padrasto da vítima. Os estudos de Serafim et al. (2011) apontam as figuras parentais paternas como maiores perpetradores.

Os pais como figuras parentais seriam, segundo Hoghughi (2004), que deveriaassegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, visando socializá-la e torná-la gradativamente mais autônoma. O cuidar inconsistentee a parentalidade sensível, observados nestas figuras parentais que cometeram a agressão contra o próprio filho, representam pontos opostos no contínuo do processo de parentalidade, que consiste no favorecer do desenvolvimento dos filhos (Barroso & Machado, 2010)

Em relação às características da agressão sexual dos perpetradores, identificou-se o modo *operandis* uso da força e/ou outro tipo de coerção severa. O atode esfregar-se na vítima, seguido do sexo vaginal, foram os atos de agressão mais frequentes. Dahlberg e Krug (2006) trazem uma importante contribuição sobre aassociação da intencionalidade com a realização do ato de agressão sexual, aoressaltarem que a natureza do ato violento (uso de força física ou outro tipo de coerçãosevera) é resultado de uma relação de poder do autor com a criança e/ou adolescente.

Outrossim, Miranda et al. (2020) menciona em seus estudos que a agressão sexual nasce nas relações de desigualdade de poder, sustentadas por um contexto sociocultural. Segundo Amazarray e Koller (1998) o grau da agressão, no qual o perpetrador faz uso de força e/ou coerção severa, resulta em consequências extremamente negativas tanto a curto como alongo prazo para as vítimas. E suas consequências são múltiplas e devastadores.

Assim, Florentino (2015) ressalta as consequências graves e extensas para

as vítimas deste tipo de violência, dada à atrocidade da agressão, muitas vezes associadoa outros tipos de violência, justaposto ao fato de que a criança não está preparada do ponto de vista emocional e físico, deixando marcas profundas no desenvolvimento dacriança e do adolescente vitimizado. Para Nunes e Sales (2016), esse impacto no desenvolvimento gera uma catastrófica repercussão no comportamento na vida adulta,quando ocorrido no meio intrafamiliar.

A análise exploratória dos agrupamentos, realizada por meio da análise de *Cluster,* demonstrou a formação de quatro conglomerados com características heterógenas. Oliveira (2016) ressalta que essa população é conhecida pela sua heterogeneidade e destaca que por meio desta separação em grupos consegue-se estudar com clareza as características e obter um padrão de características associadasa cada um deles e do seu *modus operandi*. Além disso, a caracterização feita em grupos, auxilia os profissionais que trabalham com estas populações a entender melhor suas características (Locatelli et al., 2023; Zilki & Resende, 2022).

Este estudo apresenta limitações em alguns aspectos, tendo em vista que a análise dos dados baseou-se em um banco de dados de informações que já havia sidocoletado pelo GEAV. Além disso, a base da pesquisa foi coletada no sistema LIBRAda justiça, o qual teve-se acesso para a pesquisa, o que pode não ter fornecido a totalidade dos processos envolvendo AVSCA. Dados como do uso abusivo de drogas,referência importante na literatura sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, não foi possível de serem analisados porque esses dados não haviam sidoscoletados no sistema.

Conclusão

A presente pesquisa conseguiu caracterizar biosociodemograficamente a

figura parental do perpetrador de violência sexual contra crianças/adolescentes, assimcomo realizou a descrição das características do ato da agressão sexual. Confirmandoa hipótese que as características do pai AVSCA são semelhantes à população geral dos autores de violência.

Os dados empíricos de estudos nacionais demonstram uma lacuna sobre as figurasparentais perpetradoras de violência sexual, o que reflete em políticas públicas de assistência a essa população. Assim, o presente estudo traz contribuições no campo científico para o entendimento de uma parte importante do fenômeno, os autores da violência sexual contra crianças e adolescentes, por meio da caracterização dessa população.

No entanto, são necessários mais estudos brasileiros com novos recortes e elementos para auxiliar na compreensão do fenômeno, dada essa ausência da literatura. Aspectos importantes do desenvolvimento, comunicação, relações familiares e vínculos afetivos precisam ser melhor investigados, tendo em vista que exercem influência nestas figuras parentais.

Este tema é ainda incipiente no Brasil, sobretudo, em uma região cujas condições de vida são, geograficamente, particulares. A Amazônia caracteriza-se porapresentar aspectos culturais e territoriais bem distintos das experimentadas em outras regiões do Brasil. E, este estudo reflete a população deste território amazônico.

Referências

Aguiar, E., & Ferreira, C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas, cognitivas e emocionais: revisão integrativa de literatura. *Psicologia e Saúde em Debate,* 6(2), 80–96. https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A6

Amazarray, M., & Koller, S. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 559-578. https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014

American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (2012). Practice parameter for psychodynamic psychotherapy with children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 51(5), 541-557. http://www.jaacap.com/article/890-8567%2812%2900141-4/pdf

Aznar-Blefari, C., Schaefer, L., Pelisoli, C., & Habigzang, L. (2020). Atuação de Psicólogos em Alegações de Violência Sexual: Boas Práticas nas Entrevistas. *Psico - USF*, 25(4), 625-635. https://doi.org/10.1590/1413/82712020250403

Balbinotti. C. (2009) A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. *Direito & Justiça*, 35(1), 5-21. https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/view/8207

Barcellos, T., et al. (2021). Violência contra crianças: descrição dos casos em município da baixada litorânea do Rio de Janeiro. *Escola Anna Nery*, 25(4), 1-9.https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0485

Barroso, R., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologia*, 52(1), 211-22. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10

Bohn, D. (2010). Características emocionais e Comportamentais de adolescentes e adultos suspeitos de praticar abuso sexual. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas.

Café, M., & Nascimento, N. (2020). O psicodrama e o atendimento a autores de violência sexual. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(2), 127–139.

https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/270

Carvalho, B., Lobato, T., Carvalho, A., & Guimarães, J. (2017). Relação da criminalidade com os índices de desemprego: um estudo de casos. *Enciclopédia biosfera,* 14(25), 1-14. http://www.conhecer.org.br/enciclop17a/soc/relacao.pdf

Cavalcante, L. (2022). A violência contra a mulher sob o olhar da mediação cultural da informação: análise da exposição "Retratos Relatos". *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, 18(2), 1–19. https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1806

Cecconello, A., De Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo,* 8, 45-54. https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007

Collins, W., Maccoby, E., Steinberg, L., Hetherington, E., & Bornstein, M. (2000). Pesquisa contemporânea sobre parentalidade: o caso da natureza e da criação. *American Psychologist*, 55(2), 218-232. https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.2.218

Coltro, B., Paraventi, L, & Vieira, M. (2020). Relações entre Parentalidade e Apoio Social: Revisão Integrativa de Literatura. *Psicologia Social: Contextos clínicos,*13(1), 244-269. https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.12

Corrêa, F., & Hohendorff, J. (2020). Atuação da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente em Casos de Violência Sexual. *Estudos e Pesquisas em Psicologia,* 20(1), 09-29. https://doi.org/10.12957/epp.2020.50787

Costa, L., Cavalcante, L., & Reis, D. (2018). Autores de agressão sexual em contexto intra e extrafamiliar: uma revisão de literatura. *Mudanças,* 26(2), 61-69. https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69

Dahlberg, L., & Krug, E. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007

Diniz, E. & Koller, S. H. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar em Revista*, (36), 65-76. https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100006

Fazel S, Sjostedt G, Langstrom N, Grann M (2007). Severe mental illness and risk ofsexual offending in men: a case control study based on Swedish national registers. *J Clin Psychiatry*, (68), 588-96.

Ferraz, M., Xavier, M., & Cabral, I. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Densidades*, 29, 134-150. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artt

Ferreira, N., & Nascimento, D. (2019). Sentidos Produzidos: Homens encarcerados por crimes sexuais contra crianças e adolescentes. *Cadernos Brasileiros de SaúdeMental*, 11(28), 131-150. https://doi.org/10.5007/cbsm.v11i28.69674

Florentino, B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal*, 27(2), 39-144. https://doi.org/10.1590/1984- 0292/805

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads

Foyen, S. (2017). Políticas de proteção à criança vítima de violência sexual. E o abusador? Merece atenção?. *Revista Simetria*, 1(2), 96–110. https://doi.org/10.61681/revistasimetria.v1i2.83

Furlan, F. (2011). Violência sexual infantil: a dialética abusador/abusado e o

sistema de enfrentamento. *Vivências*, 7 (13), 198-208. http://www.reitoria.uri.br/vivencias

Gil, A. (2018). Métodos e técnicas de pesquisa social. (7°ed). Atlas. (Obra publicada em 13 de março de 2019).

Gorin, M., Mello, R., Machado, R., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais*, 16(2), 3-15. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script

Granja, R, Cunha, M., & Machado, H. (2013). Formas alternativas do exercício da parentalidade: paternidade e maternidade em contexto prisional. *Ex aequo*, 28, 73-86. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/Exaequo.pdf

Habigzang, L., Koller, S., Azevedo, G., & Machado, P. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *21*(3), 341-348. https://doi.org/10.1590/S010237722005000300011

Hoghughi, M. (2004). *Parenting: an introduction*. In M. S. Hoghughi & N. Long (Eds.), Handbook of Parenting Theory and Research for Practice (1-18).

Jeglic, E., Mercado, C., & Levenson, J. (2012). The Prevalence and Correlates of Depression and Hopelessness among Sex Offenders Subject to Community Notification and Residence Restriction Legislation. *American Journal of Criminal Justice*, 37, 46–59. https://doi.org/10.1007/s12103-010-9096-9

Kobarg, A., Sachetti, V., & Vieira, M. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Journal of Human Growth and Development*, 16(2), 96-102. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phppti

Lei de Execução Penal, n.º 7.210 de 11 de julho de 1984. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm>

Locatelli, T., Vieira, G., Lindner, S., Warmling, D., & Coelho, E. (2023). Características de homens e mulheres autores de violência sexual: uma revisão de Escopo. *Society and Development*, 12(4), 1-14.

http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.403751

Lopes, L. (2021). Violência intrafamiliar: suas formas e consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, *5*(5), 161-173. 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar

Lussier, P., Bouchard, M., & Beauregard, E. (2011). Patterns of criminal achievementin sexual offending: Unravelling the "successful" sex ofender. *Journal of Criminal Justice,* 39 (5), 433 - 444. 10.1016/j. jcrimjus.2011.08.001

Marshall, W., & Pithers, W. (1994). Uma reconsideração do resultado do tratamento com agressores sexuais. *Justiça Criminal e Comportamento*, 21(1), 10-27. https://doi.org/10.1177/0093854894021001003

Marshall, W., et al. (2003). Características do terapeuta no tratamento de agressores sexuais: dados provisórios sobre sua relação com índices de mudança de Comportamento *Journal of Sexual Aggression*, (9), 25-30.

Martins, C. B. (2008). Violência contra menores de 15 anos no município de Londrina, Paraná: Análise epidemiológica de suas notificações. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Miot, H. (2017). Avaliação da normalidade dados em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro,* 16(2), 88-91.

https://doi.org/10.1590/1677-5449.041117

Miranda, M., & Granato, T. (2016). Pais encarcerados: narrativas de presos sobre aexperiência da paternidade na prisão. *Psico*-USF, 47(4), 309-318.

https://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23413

Miranda, M., Fernandes, F., Melo, R., & Meireles, R. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revistada Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo,* 54, 01-08. https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633

Moura, A. S. (2007). A criança na perspectiva do abusador sexual. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1566577&pid= S01 03

Moura, A. S., Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. Psico-USF, 13(1), 85-94. https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011

Nielsson, J., & Wermuth, M. (2018). A "carne mais barata do mercado": uma análise biopolítica da "cultura do estupro" no Brasil. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro,* 34, 172-200. https://doi.org/10.12957/rfd.2018.26835

Nunes, K. L., & Jung, S. (2012). Are cognitive distortions associated with denial and Minimization among sex offenders? *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 25(2), 166-188. 10.1177/1079063212453941

Nunes, A., & Sales, M. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva,* 21(3), 871-880. https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014

Oliveira, J., et al. (2014). Violência sexual e ocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao logo de uma década. *Ciências da saúde coletiva*, 19 (3).https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.18332013

Oliveira, N. (2019). Violência contra crianças e adolescentes em Manaus, Amazonas:estudo descritivo dos casos e análise da completude das fichas de notificação. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29 (1). https://doi.org/10.5123/S1679- 49742020000100012

Organização Mundial da Saúde (2002). Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. https://www.cevs.rs.gov.br

Paludo, S., & Schirò, E. (2012). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de psicologia*, 17(3), 397-404. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300007

Pantoja, J., et al. (2022). Agravamento dos casos de Violência Sexual contra Criançase Adolescentes durante a Pandemia de COVID-19 no Brasil: Uma revisão sistemática da literatura. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 11(14), 1-9. https://doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36316

Pasqual, K., Braccialli, L., & Volponi, M. (2010). Alojamento conjunto: espaço concreto de possibilidades e o papel da equipe Multidisciplinar. *Cogitare Enfermagem*, 15(2) 34-39. http://dx.doi.org/10.5380/ce.v15i2.17872

Pechorro, P., Poiares, C., & Vieira, R. (2008). Caracterização psicologia de uma mostra forense de abusadores sexuais. Análise psicológica, 4 (26), 615-626.

Pelisoli, C., Jarbas P., Almeida, M., & Dell'Aglio, D. (2010). Violência sexual contra crianças e adolescentes: dados de um serviço de referência. *Temas em Psicologia*, 18(1), 85-97. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid1413-389X20pt

Phillips S., Heads T., Taylor P., & Hill G. (1999). Sexual offending and antisocial behavior among patients with schizophrenia. *J Clin Psychiatry*; 60(3), 170-4.

Pimentel, A. (2010). Avaliação psicológica na Delegacia Especializada: um estudo de caso de violência sexual infantil. *Mal-Estar,*10(2), 585-603. ISSN 1518-6148

Platt, V., Back, I., Hauschild, D., & Guedert, J. (2018). Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019-1031. https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016

Pleck, J. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), The role of the father in childdevelopment, (58–93). https://psycnet.apa.org/record/2010-04805-003

Poeppl, T., et al. (2015). Conectividade e perfil funcional de estruturas cerebrais anormais na pedofilia. *Human Braian Mapping*, 36, 2374-2386. https://doi.org/10.1002/hbm.22777

Politd, F., & Beck, C. (2018). Fundamentos da pesquisa em Enfermagem: Avaliaçãode Evidências para a Prática de Enfermagem. (9 ed). Porto Alegre: ArtMed.

Pullman, L, Leroux, E., Motayne, G., & Seto, M. (2014). Examining the developmental trajectories of adolescent sexual offenders. Child abuse & neglect,38(7), 1249-1258. 10.1016/j.chiabu.2014.03.003

Reis, D., Barros, A., & Cavalcante, L. (2015). Agressor sexual de crianças e adolescentes: uma discussão sobre o gênero dos participantes na literatura. *Psicologia em Revista,* 21(2), 252-272. https://dx.doi.org/doi-10.5752/P.1678- 9523.2015V21N2P251

Reis, D., & Cavalcante, L. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição,* 23, 263-276. https://www.researchgate.net/publication

Sanfelice, M., & De Antônio, C. (2010). A Percepção do Abusador Sexual sobre a (Sua) Sexualidade. *Revista Interamericana de Psicologia/ Revista Interamericana de Psicologia,* 44(1), 131-139. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420640014

Santiago, A., & Guimarães, G. (2019). Desemprego e crime: uma análise temporal para a região metropolitana de porto alegre. *Revista de Estudos Sociais,* 21(42), 84-98. https://doi.org/10.19093/res7158

Santos, T. (2019). As consequências da escravidão na história do negro no Brasil. *Educação e Pesquisa,* 2, 47-57. https://www.revistas.uneb.br/index.php

Schmickler, M. (2006). O protagonista do abuso sexual: Sua lógica e estratégias. (1°ed.). Argos. (Obra publicada em 01 de janeiro de 2006).

Scortegagna, S. A., & Villemor-Amaral, A. E. (2013). Rorschach e pedofilia: A fidedignidade do Teste - Reteste. *Psico,* 44(4), 508-517. http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11651/108.

Serafim, A., Saffi, F., Achá, M., & Barros, D. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica,* 38(4), 143-147. https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000400006

Silva, M., & Vieira, M. (2018). Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia,* 18(1), 361-383. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artte

Silveira, R., & Pinheiro, R. (2014). Entendendo a necessidade de médicos no interior da Amazônia. *Revista brasileira de educação médica,* 38(4), 451-

459.

https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000400006

Smith, A. (2000). Offence characteristics of psychotic men who sexually assault women. *Med Sci Law,* 40(3), (223-8).

Soares, D., & Nascimento, M. (2019). Percepções de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual incestuoso sobre o lugar vivenciado: lembranças e relatos. *Revista Geografia em Atos,* 7(14), 51-73. https://doi.org/10.35416/geoatos.v7i14.6427

Stroff, B., & Vieira, M. (2020). Autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão,* 11(3), 1-2. https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article

Unicef (2021). Fórum brasileiro de Segurança Pública: Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. https://www.unicef.org/brazil

Wermuth, M. &, Nielsson, J. (2019). A "carne mais barata do mercado": uma análise biopolítica da "cultura do estupro" no Brasil.: uma análise biopolítica da "cultura do estupro" no Brasil. *Revista Da Faculdade De Direito Da UERJ - RFD*, (34), 171–200. https://doi.org/10.12957/rfd.2018.26835

World Health Organization (2016). INSPIRE seven strategies for ending violence against children. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle

Zárate, M., & Sapori, L. (2021). A dinâmica do desemprego e seus possíveis efeitos na dinâmica da criminalidade na região metropolitana de Belo Horizonte no período de 2012 a 2019. *Revista do departamento de ciências sociais (PUC),* 3(2), 185-210. https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2021v3n2p195-220

Zilki, A., Aguiar, L., Perissinotto, R., & Resende, A. (2020). Autores de Violência

Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura. *Revista de Psicologia*, 29(1), 176-200. https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p176-200

Estudo II

Caracterização biosociodemográfica e da parentalidade de pais autores deviolência sexual em contexto de cárcere

O Estudo II possui a finalidade de contribuir para as pesquisas sobre a violência sexual contra criança e adolescente na perspectiva de aspectos da parentalidade do pai autor de agressão sexual contra criança e adolescente.

Objetivo Geral

Identificar os aspectos biosociodemográficos e da parentalidade dos pais AVSCA encarcerados, por meio de um estudo empírico.

Método

Delineamento da pesquisa

O estudo II, quanto à sua natureza, define-se por suas características exploratórias, com objetivos descritivos e exploratórios. Trata-se de uma pesquisa empírica, do tipo *survey*, com corte transversal e uma abordagem quantitativa de dados (Gil, 2018).

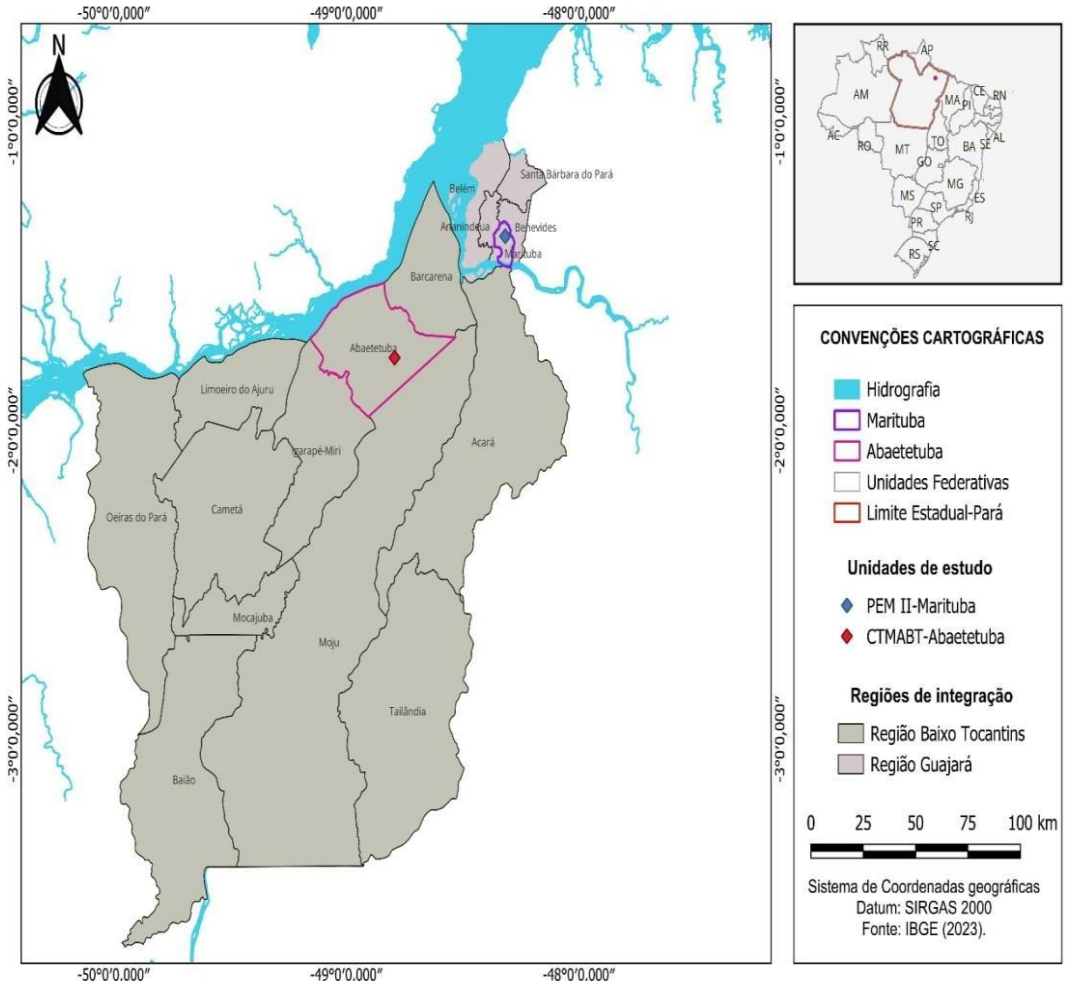
Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Central de Triagem Masculina de Abaetetuba (CTMABT) e no Presídio Estadual Metropolitano II (PEM II) (Figura 3). De acordo com a estrutura organizacional da SEAP (Secretaria de Administração Penitenciária)essas unidades penais estão distribuídas no estado do Pará para atender a população carcerária de mesorregiões (SEAP, 2023).

A unidade CTMABT localiza-se no município de Abaetetuba pertence a mesorregião do Tocantins, destina-se a receber pessoas privadas de liberdade oriundas das cidades da região do Baixo Tocantins como Barcarena, Cametá, Mocajuba, Moju,Tailândia, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Acará e Abaetetuba.

Figura 3

Mapa da localização das unidades penais



A unidade PEM II localiza-se no Complexo Penitenciário do município de Marituba e pertence a mesorregião do Guajará. Destina-se a receber pessoas privadas de liberdade oriundas das cidades de Belém, Ananindeua, Marituba, Mosqueiro Benevides e Santa Bárbara. Ressalta-se que essa unidade se caracteriza ainda por seruma unidade de referência estadual para pessoas privadas de liberdade que cometeramcrimes sexuais graves e com grande repercussão nos meios de comunicação (SEAP, 2023)

Participantes

Participaram do Estudo II um total de 157 (cento e cinquenta e sete) AVSCA custodiados nas unidades selecionadas. No entanto, obedecendo os critérios de inclusão e de exclusão, apresentados na Figura 4, o N amostral necessitou ser reduzido para 108 (cento e oito), pois 49 (quarenta e nove) dos participantes informaram que não possuíam a variável filho, portanto não atendiam ao critério da pesquisa. Do total de 108 participantes que entraram no estudo e cujo os dados foram analisados, 65 (sessenta e cinco) pertenciam ao CTMABT e 43 (quarenta e três) ao PEM II.

Figura 4

Quadro com Critérios de inclusão e exclusão

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Sexo masculino	Doença ou Transtorno mental
Possuir filhos	Doença Neurológica
Artigo 217-A	Não possuir filhos

Instrumento

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice A) elaborado com o objetivo de identificar, principalmente, aspectos das características parentais do pai AVSCA, além de informações processuais, contextuais e biosociodemográficas.

O roteiro da entrevista semiestruturada apresenta em sua composição três eixos, a saber, o primeiro consiste na identificação de aspectos processuais e contextuais como: situação jurídica, cidade do crime, negar o crime, artigo do Código Penal brasileiro, presença de vínculo de parentesco com a vítima. O

segundo eixo possui variáveis biosociodemográficas como: cor/etnia, faixa etária, escolaridade, profissão, estado civil quando foi preso, estado civil atual, presença de alguma doença, fazer uso de medicamentos, profissão, figura parental responsável pelo seu cuidado na infância, tabagismo, início do uso do cigarro, uso de substância psicoativa e idade de início do uso de substância psicoativa. E o terceiro eixo envolve alguns aspectos sobre a parentalidade como: número de filhos,números de relacionamentos com filhos, registro dos filhos, possuir desejo de ter filhos, possuir contato frequente com os filhos antes do encarceramento, realizar atividades lúdicas com os filhos e quais eram as atividades e participação em algumaatividade do cotidiano dos filhos e quais eram essas atividades.

Procedimento de coleta

Primeiramente, foi solicitado autorização da SEAP para a realização da pesquisa e a autorização do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa doInstituto de Saúde da UFPA. O instrumento da entrevista semiestruturada foi administrado aos AVSCA duas unidades selecionadas (CTMABT e PEM II), por meio da aplicação tradicional de papel e lápis.

Os participantes foram informados sobre o sigilo, anonimato e confidencialidade das suas respostas e em sequência assinaram o TCLE. A aplicação do instrumento realizou-se em encontro individual com cada participantee o tempo de duração da aplicação do instrumento foi de cerca de 25 (vinte e cinco) minutos. O período de aplicação do instrumento roteiro de entrevista semiestruturada compreendeu de fevereiro a maio de 2023.

Após a coleta, as informações obtidas por meio do instrumento aplicado foram inseridas em planilha eletrônica do Excel para análise. Foi criado um

manualde caracterização das variáveis (Apêndice F) para processamento dos dados no *software Statistical Package for Social Sciencies* (SPSS versão 23.0).

Procedimento de análise

Os dados da planilha eletrônica foram, inicialmente, analisados de forma descritiva e, posteriormente, de forma exploratória. A análise descritiva dos dados foi realizada por meio de números absolutos e percentuais. Já a exploratória foi feitapor meio dos testes estatísticos da tabulação cruzada e da análise discriminante (*Cluster).*

Dados descritivos

Os dados da análise descritiva foram apresentados por meio de estatística descritiva de maneira quantitativa. Os procedimentos estatísticos usados consistiram em análises descritivas de percentual, medidas de tendência central (moda, média, mediana e desvios-padrão), medidas de variabilidade (desvios-padrão e variância), medidas de distribuição da amostra por meio dos coeficientes de assimetria (Sk) e de curtose (Ku). Além de teste estatístico de normalidade da amostra (Teste de *Shapiro-Wilk* e *Kolmigorov-Smirnov),* realizados por meio do *software SPSS*.

Com a finalidade de organizar a descrição dos dados descritivos analisados,as informações foram descritas em três eixos: os dados processuais, as características biosociodemográficas e aspectos parentais. Esses eixos seguemsequencialmente descritas nos resultados descritivos.

Os dados processuais analisados foram: município (Abaetetuba e Marituba),unidade penal (CTMABT e PEM II), situação jurídica (provisório e condenado), posição em relação à acusação que lhe foi imputada (nega o crime), crime do CódigoPenal Brasileiro (Artigo 217-A**,** reincidência, artigo 217-A com

artigo 226, artigo 217-A com o artigo 71, artigo 217-A com o artigo 147**,** artigo 217-A com 241-B (ECA), artigo 217-A + 121 e artigo 217-A + 69), parentesco com a vítima (sim ou não), vínculo com a vítima (padrasto, pai, irmão, avô, avodrasto, primo, tio, cunhadoe cônjuge).

As características biosociodemográficas analisadas foram: idade (em valor absoluto), cor/etnia (branco, negra, parda, amarela e indígena), religião (evangélico,católico, cristão, sem religião e judeu), escolaridade (analfabeto, ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino fundamental completo, ensino médioincompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo e nível técnico), ocupação/profissão (agricultor, extrativista, pescador, trabalhador da pecuária, trabalhador de produção industrial, operador de máquina, condutor de veículo, trabalhador de comércio, trabalhador de serviço administrativo), estado civil quando foi preso (casado, separado, união estável, divorciado, solteiro, viúvo), estado civil atual (casado, separado, união estável, divorciado, solteiro, viúvo), possui alguma doença (sim e não), faz uso de medicação (sim e não), tabagismo (sim e não), idade de início (não se aplica e valorabsoluto), usuário de substância psicoativa (sim e não) e idade de início (não se aplica e valor absoluto).

As características da parentalidade analisadas foram: o número de relacionamentos com filhos (valor absoluto), número de filhos (valor absoluto), responsável pelos cuidados na infância (pai/mãe, pai, mãe, avó/avô, irmãos, tio/tia e adotivo), desejo de ter filhos (sim e não), registrou os filhos (sim e não), realizavaatividades lúdicas com os filhos (sim e não), quais as atividades lúdicas com os filhos (não se aplica, lazer, entretenimento**,** esporte), participava de alguma atividade da vida do filho (escolares, religiosa, social).

Dados exploratórios

Os dados exploratórios foram analisados a partir de duas formas: na primeira os dados foram analisados em uma tabulação cruzada simples das variáveise na segunda foi referente à análise *Cluster*.

Análise da tabulação cruzada

Nesta análise exploratória realizou-se um cruzamento das variáveis do instrumento, por meio de uma tabulação cruzada simples, para medir a interação entre duas ou mais variáveis e demonstrando o relacionamento entre elas. As variáveis analisadas foram as mesmas da análise descritiva. Assim, foram realizadostestes de associação um teste de probabilidade (Teste G) de relação entre as variáveis devido estas serem categóricas e, em seguida, calculado o p-valor para hipótese nula.

Análise discriminante (*Cluster*)

Nesta análise exploratória, realizou-se um procedimento da estatística multivariada que buscou agrupar os dados em grupos. Utilizou-se como variáveis as mesmas da análise da descritiva, no entanto, todas as variáveis foram transformadas em dicotômicas.

Nas características biosociodemográficas e processuais as variáveis bivariadas foram: unidade penal (CTMABT e PEM II), situação jurídica (provisórioe condenado), crime (artigo 217 e artigo 217-A (reincidência), nega o crime (sim enão), possui parentesco com a vítima (sim e não), qual o vínculo de parentesco (pai/padrasto e não pai/padrasto)

Em relação aos aspectos biosociodemográficos as variáveis bivariadas criadas foram: idade (idade menor e igual a 44 anos e idade acima de 44 anos), número de filhos (menor e igual a 3 filhos e mais de 3 filhos), cor/etnia

(negro/pardo e não negro/pardo), religião (evangélicos e não evangélicos), escolaridade (semEnsino fundamental e com ensino fundamental), estado civil quando preso (comrelacionamento e sem relacionamento), estado civil atual (com relacionamento esem relacionamento), número de relacionamentos (menos e/ou 2 e mais de 2),possui filhos (sim e não), responsável pelos cuidados na infância (somente a mãe eoutras figuras parentais), faz uso de medicação (sim e não), tabagismo (sim e não),usuário de substância psicoativa (sim e não), quantidade de substância psicoativa(usuário de uma substância psicoativa e usuário de várias substâncias psicoativas)**.** As características das variáveis parentais na mesma condição foram: possuíam desejo de ter filhos (sim e não), registrou os filhos (sim e não) possuíamcontato frequente com os filhos antes do cárcere (sim e não), realizava atividadeslúdicas com os filhos (sim e não), quais atividades lúdicas (lazer e entretenimento/esporte). Assim, realizou-se a análise de *cluster* hierárquico,utilizando o método chamado dendrograma, aplicado quando não se conhece osparticipantes. Assim, é criado um gráfico em forma de árvore, ao qual agrupa os participantes utilizando a distância Euclidiana quadrática como métrica, e adotando-se ponto de corte com base nos centróides médios, obtém-se uma indicação de grupos.

Posteriormente, foi utilizado o método de Ward para a aglomeração hierárquica e do método k-Médias para a aglomeração não hierárquica. Utilizou-seo k-médias, para, de forma descritiva, explorar as relações das variáveis conjuntas dos pais AVSCA, visando estabelecer o perfil dos grupos na população analisada eassim estabelecer o número de c*luster* ideal (Malhotra, 2006).

Essa análise foi dividida em duas etapas. A primeira incluiu a descrição bivariada das características processuais, das características biosociodemográficos e dos aspectos parentais, comparando as proporções por meio do teste k-quadrado considerando um nível de significância de 5%. Na segunda etapa, buscou-se explorar relações conjuntas entre os fatores e os grupos por meio da análise de agrupamento (Hair et al., 2005).

Para confirmar a quantidade de número de *cluster* criados, aplicou-se uma técnica complementar aos dados, chamada de análise discriminante. A análise de c*luster* e discriminante foi realizada por meio do software *Statistical Package for Social Sciencies* (SPSS versão 23.0), utilizado para a estimação dos parâmetros das funções discriminantes e ferramenta para execução dos testes estatísticos a um nível de significância de 0,05 (Johnson & Wichern, 2007).

Considerações Éticas

Este estudo foi autorizado pela SEAP, conforme documento registrado PAE (2050/2022–SAGA) (Anexo B). Posteriormente, foi submetido à plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Instituto de Saúde da UFPA, registrado pelo número 6213933 (Anexo C).

Resultados

Dados processuais dos pais AVSCA

Das informações coletadas identificaram-se 65 (60,19%) pais AVSCA na unidade prisional do CTMABT no município de Abaetetuba e 43 (39,81%) no PEMII município de Marituba. Deste total, 16 (14,81%) eram presos provisórios e 92 (85,19%) condenados. Essa informação demonstra que a maioria dos processos analisados foram situações jurídicas em que os pais AVSCA

possuíam uma sentença.

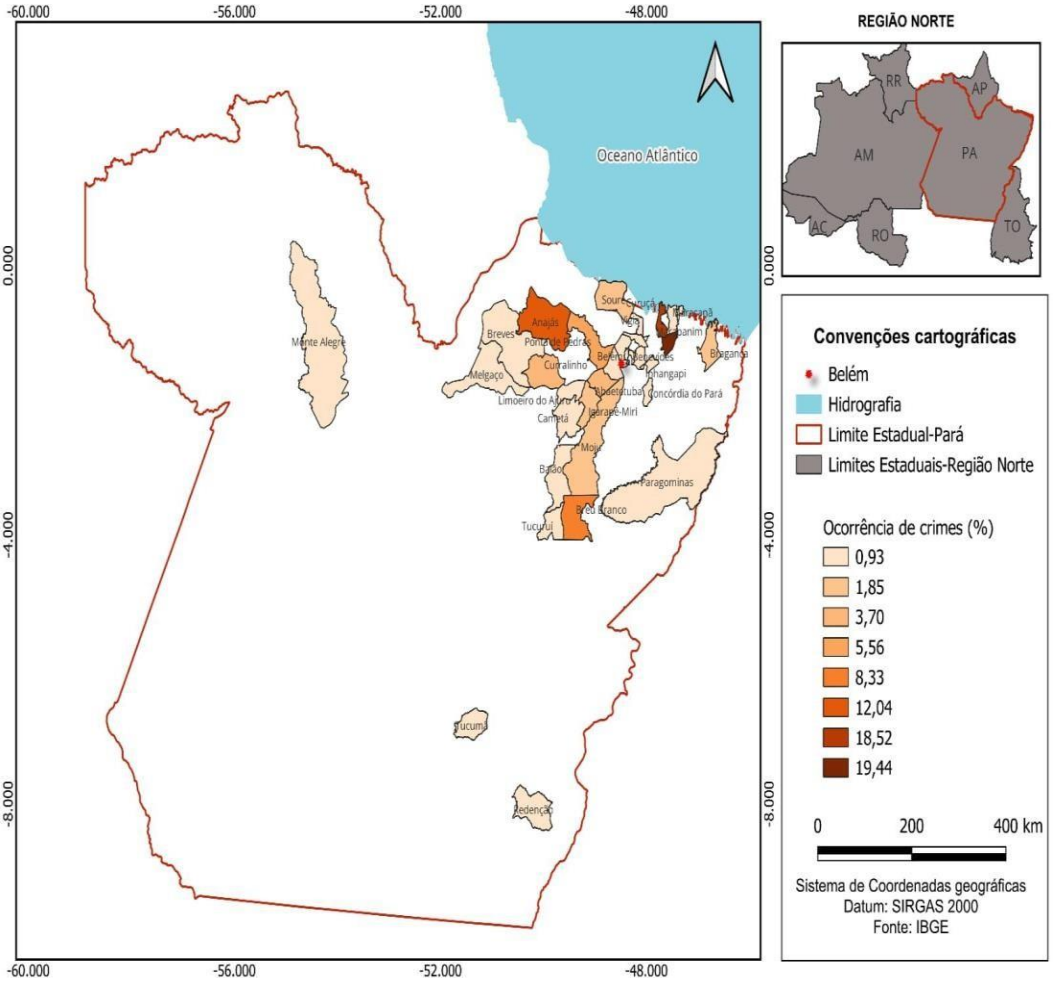
A análise identificou que os crimes foram cometidos nas cidades de Abaetetuba 21 (19,44%), Anajás 1 (0,93%), Ananindeua 4 (3,70%), Baião 2 (1,85%), Barcarena 20 (18,52%), Belém 13 (12,04%), Benevides 2 (1,82%), Bragança 1 (0,93%), Breu Branco 1 (0,93%), Breves 1 (0,93%), Cametá (3,70%), Concórdia do Pará 2 (1,85%), Curralinho 1 (0,93%), Curuçá 1 (0,93%), Igarapé- Acu 1 (0,93%), Igarapé-Miri 6 (5,56%), Inhangapi 1 (0,93%), Limoeiro do Ajuru 1 (0,93%), Maracanã 1 (0,93%), Marapanim 1 (0,93%), Melgaço 1 (0.93%), Moju 9 (8,33%), Monte Alegre 1 (0,93%), Paragominas 2 (1,85%), Ponta de Pedras 1 (0,93%), Redenção 1 (0,93%), Salinópolis 1 (0,93%), Santa Izabel do Pará 2 (1,85%), Santo o Tauá 1 (0,93%), Soure1 (0,93%), Tucumã 1 (0,93%), Tucuruí 1 (0,93%), Vigia 1 (0,93%).

Como observa-se na Figura 5, há maior número de casos na região próximaà cidade de Belém,. Este dado reflete aspectos geográficos do estado do Pará, que apresenta extensão territorial equivalente a 1,24 milhões de km quadrados. Possui cerca de 8,074 milhões de habitantes, distribuídos em 144 municípios, alguns distantes e com difícil acesso territorial à capital Belém (cidade mais populosa do estado, com cerca de 1.393.399 milhões de habitantes).

A região metropolitana de Belém, que engloba as cidades de Barcarena, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Izabel e Santa Bárbara, apresenta em conjunto uma população cerca de 2.677,089 habitantes (Censo, 2023). Os dados representam casos próximos à capital devido ao quantitativo populacional que se concentra nesta região.

Figura 5

Mapa de caracterização das cidades onde identificou-se incidência



Dos artigos identificados para análise, 74 (68,52%) cometeram o crime 217-A da LEP, 15 (13,89%) eram reincidentes, 8 (7,41%) respondiam ao crime 217-A associado ao artigo 226 inciso II (Crime contra a família), 5 (4,63%) respondiam pelo crime 217-A associado ao artigo 71 (Crime continuado), 4 (3,70%) respondiam pelo crime 217-A associado ao artigo 147 (Crime de ameaça), 1 (0,93%) responde pelo crime 217-A associado ao artigo 241-B do ECA (Crime de Pornografia infantil), 1 (0,93%) responde crime 217-A associado ao artigo 121 (Crime de Homicídio), 1 (0,93%) possuíam o crime 217-A associado ao artigo 136 (Crimes demaus-tratos).

Do total de 108 participantes identificou-se que 76 (70,37%) praticaram meio intrafamiliar e 32 (29,63%) cometeram a violência no meio extrafamiliar. Das 76 (70,37%) violências sexuais perpetradas no meio intrafamiliar, identificou-se a relação de parentesco com vítima: 37 (48,68%) padrastos, 17 (22,36%) tios, 12 (15,78%) pais biólogos, 7 (9,21%) cunhados, 3 (3,94%) primos, 2 (2,63%) avôs, 1 (1,31%) irmão e 1 (1,31%) cônjuge.

Esses dados demonstram que na maioria dos casos o autor possuía uma relação de parentesco com a vítima e a figura do padrasto é identificada na maior proporção da violência sexual perpetrada no meio intrafamiliar. Em relação à autoria do crime, 96 (88,89%) dos pais AVSCA negaram a autoria do crime e apenas12 (11,11%) assumiram ter cometido a violência. Em geral, a maioria dos pais AVSCA nega a autoria do crime ao qual foram condenados.

Características Biosociodemográfica

A caraterização biosociodemográfica inclui: idade, cor/raça, religião, escolaridade, ocupação, estado civil quando foi preso, estado civil atual, responsávelpelos cuidados parentais na infância, doenças, tabagismo e uso de substâncias psicoativas. No que tange à idade, a menor idade encontrada foi 23 e a maior 77 anos. Os dados de medida de tendência central apresentaram valores para moda 42,mediana 44, média 44,20.

A distribuição da amostra apresentada na Figura 5, demonstra um histograma com distribuição simétrica, observando-se um padrão de normalidade da amostra e com valores de assimétrica (0,312) e de Curtose (-0,218). Realizou-seainda, os Testes de normalidade da amostra de *Kolmigorov-Smirnov* e de *Shapiro- Wilk*, os resultados são apresentados na Tabela 3 (Miot, 2017) e revelaram que a amostra segue uma distribuição normal, visto que o p-

valor é menor que 0,05.

Tabela 3

Testes de normalidade da amostra

Validos	**108**
Teste de Shapiro-Wilk	0,980
P-valor	0,113
Kolmigorov-Smirnov	0,079
P-valor	0,095

Os dados de dispersão estão dispostos na Tabela 4, com a apresentação do desvio padrão e da Variância das idades. O resultado desses dados demonstra que apesar da média de idade se encontrar entre os 44 anos, há variações em relação a idade, ratificadas também no valor elevado do desvio padrão. Isso significa que os dados apresentam grande variabilidade e se considerou a mediana para verificar o tipo de dados que há na amostra analisadas.

Tabela 4

Medidas de variabilidade

Medida de dispersão	**Idade**
Desvio Padrão	11,38
Medida de variação	**Idade**
Variância	128,58
Mínimo	23
Máximo	77

Em relação à cor/raça, foram identificados 20 (18,52%) brancos, 87 (80,56%) pretos e pardos, sendo 26 pretos e (61) pardos e 1 (0,93) indígena. Estes números revelam que a maioria dos autores pais da amostra eram negros.

Em relação à religião, no período da prática do crime 79 (73,15%) relataram que eram evangélicos, 17 (15,74%) católicos, 9 (8,33%) sem religião,

2 (1,85%) se disseram cristãos e 1 (0,93) judeu. Esses dados revelam que a maioria dos pais autores eram evangélicos.

No que se refere à escolaridade foi verificado a presença de 24 (22,22%) analfabetos, 37 (34,26%) com o ensino fundamental incompleto, 20 (18,52%) com ensino fundamental II incompleto, 6 (5,56%) com ensino fundamental completo, 7(6,48%) com o ensino médio incompleto, 6 (5,56%) com ensino médio completo, 3 (2,78%) nível técnico, 1 (0,93%) com ensino superior incompleto, 4 (3,70%) com ensino superior completo. Os dados sobre educação apresentam pais autores com baixo nível de escolaridade, 61 (52,77%) não possuíam a quinta série do ensino fundamental.

Quanto ao estado civil quando foi preso, notou-se que 71 (65,74%) estavamem união estável, 21 (19,44%) eram casados, 11 (10,19%) solteiros, 3 (2,78%) separados/divorciados e 2 (1,85%) viúvos. Essas informações mostram que amaioria dos autores de agressão possuíam algum vínculo conjugal. Quanto ao estadocivil atual notou-se que 78 (72,22%) encontravam-se solteiros, 12 (11,11%) casados, 11 (10,19%) em união estável, 5 (4,63%) divorciados e 2 (1,85%) viúvos. Essas informações mostram que a maioria dos autores de agressão possuíam um vínculo conjugal antes de serem presos, mas que durante o encarceramento sofreramrupturas em seus relacionamentos.

Quanto ao aspecto responsável pelos cuidados parentais na infância, identificou-se que 58 (53,70) foram cuidados somente pela mãe, 25 (23,15%) foram cuidados pelo pai e pela mãe, 11 (10,19%) pela avó, 5 (4,63%) por tios, 4 somente pelo pai (3,70%), 4 (3,79%) eram filhos adotivos e 1 pelo irmão (0,93%). Identificou-se que a maioria dos pais AVSCA eram provenientes de famíliasmonoparentais.

Como condição de atividade laboral, 25 (23,14%) eram agricultores, 2 (1.85%) açougueiros, 1 assessor parlamentar (0,93%), 1 assistente social (0,93%), 2 atendentes (1,85%), 9 (8,33%) encontravam-se na condição de trabalho autônomo antes da prisão, 2 (1,85%) eram carpinteiros, 1 (0,93%) eletricista, 2 (1,85%) empresários, 2 (1,85%) extrativistas, 2 (1,85%) funcionários públicos, 2 2 (1,85%) motoristas, 2 (1,85%) pintores, 2 (1,85%) soldadores, 1 (0,93%) jardineiro, 1 (0,93%) marceneiro, 5 (4,63%) mecânicos, 6 (5,56%) operadores de máquinas, 7 (6,43%) serviços gerais, 1 (0,93%) panificador, 17 (15,74%) pedreiros, 1 (0,93%) pensionista, 6 (5,56%) pescadores, 3 (2,78%) vaqueiros, 1 (0,93%) vigilante e 4 (3,72) técnicos. Essas informações sinalizam que a maioria são trabalhadores que executam atividade informal em comparação com atividades que envolvem trabalhos formais e que necessitam de nível técnico e intelectual.

No quesito saúde-doença, verificou-se que em 84 (77,79%) não houve queixa de patologias e nem houve relato 1uanto ao uso de medicação contínua, já os demais, 24 (22,22%), informaram o uso de medicação e em 2 (1,85%) casos apontaram amputação por acidente e 1 (0,93%) devido a diabetes mellitus, 1 (0,93%) caso de artrite reumatoide, 2 (1,85%) com cardiopatia, 3 (2,78%) limpoma, 2 (1,85%) diabetes mellitus, 7 (6,48%) hipertensão arterial sistêmica, 1 (0,93%) comvírus HIV positivo, 4 (3,70%) com quadro psiquiátrico após uso de substâncias psicoativas e 2 (1,85%) com histórico de traumatismo crânio encefálico. Dados sugerem que a maioria dos participantes referiram patologias crônicas e requerem cuidados sistemáticos.

Em relação ao tabagismo, 72 (66,67%) relataram uso, e enquanto 36 (33%) negaram. A média de idade que os participantes iniciaram o uso foi de

13,83.Esses dados demonstram que a maioria dos pais AVSCA são tabagistas e iniciaramuso do fumo na adolescência.

Especificamente, no que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas, 27 (25%) negaram uso de qualquer substância, 41 (37,96%) relataram uso de álcool, 18 (16,67%) assumiram uso de maconha, 4 (3,70%) fizeram uso de cocaína, 18 (16,67%) assumiram serem usuários de várias substâncias psicoativas. A média de idade de início do uso foi de 15,26 anos. Esses dados demonstram que a maioria dos pais AVSCA fizeram uso de substâncias psicoativas e iniciaram uso ainda na adolescência. Os dados revelam que o uso do álcool, mesmo sendo uma droga lícita,surge com uma atividade predominante entre os participantes.

Em geral, nota-se que as características biosociodemográficas apontaram para pais AVSCA com média de 44 anos, em sua maioria negros/pardos, evangélicos, trabalhador braçal e informal, que cresceram em famílias monoparentais, com baixa educação formal e abandono do cônjuge durante a custódia. Constatou-se ainda que aos 13,83 anos em média iniciaram o tabagismo eaos 15,26 o uso de substâncias psicoativas.

Características parentais

Observou-se que 92 (85,19%) dos pais possuíam prole igual e/ou menor a5 filhos, com média de 3,47. Entre os participantes, 16 (14,82%) informaram possuíam prole com mais de 5 filhos. Quanto ao número de relacionamentos conjugais nos quais foram gerados esses filhos, 13 (12,04%) referiram 1, 49 (45,37%) alegaram 2, 32 (29,63%) disseram 3 e 15 relataram acima de 4 (13,88%) relacionamentos conjugais diferentes e com filhos. Em relação ao aspecto parental desejo de ter filhos, 92 (85,19%) declararam que possuíam

desejo de ter filhos e construir uma família e 16 (14,81%) disseram não possuir esse desejo.

Sobre o registro de nascimento dos filhos, 73 (67,59%) disseram que fizeram o registro, em detrimento a 35 (32,41%) não fizeram o registro dos filhos. Em relação ao fato de convivência com os filhos antes do encarceramento, 92 (85,19%) alegaram que possuíam contato com os filhos antes da prisão e 16 (14,81%) manifestaram que não possuíam esse contato com os filhos antes de serempresos.

Ao que se refere à realização de atividades lúdicas com os filhos, 81 (75%)relataram que realizavam atividades de caráter lúdico com os filhos, já 27 (25%) disseram que não possuíam tempo ou contato com os filhos. Dos 81 pais que relataram realizar atividades com os filhos, 62 (57,41%) relataram que realizavam atividades de lazer, 18 (16,67%) atividades de entretenimento e 1 (0,93%) atividade esportiva.

Em relação à participação em atividades do cotidiano dos filhos, 63 (58,33%) alegaram alguma participação da rotina do filho, sendo 45 (41,67%) relataram não terem participação. Dos 63 pais que disseram participação no cotidiano do filho, 44 (40,74%) relataram que acompanhavam os filhos em atividades da escola, 10 (9,26%) em atividades escolares e 9 (8,33%) em atividadessociais.

De maneira geral os dados revelaram que os participantes apresentaram média de 3,47 filhos em diferentes relacionamentos, que em sua maioria possuíam desejo de ter filhos e construir uma família, que registraram seus filhos e possuíamconvívio familiar com eles. Que realizavam atividades lúdicas com os filhos de lazere participavam de atividades relacionadas à rotina da escola dos

filhos.

Tabulação cruzada

Na análise bivariada descritiva cruzada permitiu-se analisar a interação deduas ou mais variáveis. A Tabela 5 exibe o relacionamento entre as variáveis categóricas analisadas. Para confirmar essa relação foram realizados 2 (dois) o Teste G e o P-valor. A finalidade foi determinar se existe um significativo relacionamentoentre as variáveis. O Teste G testou se existe hipótese nula, a partir da probabilidadede obter-se um resultado estatístico, o qual demonstra se há associação entre as variáveis. E o P-valor estabeleceu a regra de decisão que consiste em P-valor < 0,05,onde se aceita a hipótese nula e P-valor > 0,05 onde se rejeita a hipótese nula.

Tabela 5

Tabulação cruzada simples

Características	Categoria	%	Teste G	P-Valor
Situação Jurídica	Provisório	14,8%	0,13	0,81
	Condenado	85,2%		
Nega Crime	Sim	88,9%	0,38	0,53
	Não	11,1%		
Tipo de Crime	Artigo 217-A	69,4%	3,06	0,69
	Reincidência	13,9%		
	217-A + Artigo 226	7,4%		
	217-A + Artigo 71	4,6%		
	217-A + Artigo 147	3,7%		
	217-A + Artigo 136	,9%		
Vínculo Vítima	Sim	70,4%	0,08	0,77
	Não	29,6%		
Cor/Etnia	Branco	18,5%	4,58	0,20
	Negra	13,9%		
	Parda	66,7%		
	Indígena	,9%		
Religião	Evangélico	73,1%	12,23	**0,01**
	Católica	15,7%		
	Cristão	1,9%		
	Sem Religião	8,3%		

	Judeus	,9%		
	EF I	34,3%		
	EF II	18,5%		
	EFC	5,6%		
	EMI	6,5%		
	EMC	5,6%	5,48	0,75
	ESI	,9%		
	ESC	3,7%		
	Nível técnico	2,8%		
Escolaridade	Analfabeto	22,2%		
	Mãe/Pai	23,1%		
	Mãe	53,7%		
	Pai	3,7%		
Responsável pelos cuidados na infância	Avô/Avó	10,2%	3,08	0,799
	Irmãos	,9%		
	Tia/Tio	4,6%		
	Adotivo	3,7%		
Tabagismo	Sim	66,7%	8,4	**0,004**
	Não	33,3%		
Possuía desejo de ter filhos	Sim	85,2%	0,03	0,855
	Não	14,8%		
Registrou os filhos?	Sim	67,6%	1,01	0,31
	Não	32,4%		
Possuía contato frequente com o filho antes do encarceramento	Sim	85,2%	0,53	0,46
	Não	14,8%		
Realizava atividades lúdicas com os filhos?	Sim	75,0%	3,66	**0,05**
	Não	25,0%		
Quais as atividades lúdicas com os filhos	Lazer	57,4%	3,61	0,30
	Entretenimento	16,7%		
	Esporte	,9%		
	Não se aplica	25,0%		
Participava de alguma atividade da vida do filho?	Sim	58,3%	0,48	0,48
	Não	41,7%		
Quais atividades participava	Escolares	40,7%	2,54	0,46
	Religiosa	9,3%		
	Social	8,3%		
	Não se aplica	41,7%		

A importância dessa tabulação cruzada consistiu em verificar a relação complementar entre as variáveis categóricas do instrumento utilizado no estudo. Observou-se nos resultados da tabulação cruzada que o P-valor nas variáveis religião (P-valor=0,01), tabagismo (P-valor 0,004) e realizavam atividades lúdicas com os

filhos (P-valor 0,05) demonstraram significativa relação entre elas, isso significa dizer quepossuem um potencial de interferência uma na outra.

Análise de Agrupamento (Cluster)

Com a Análise de Cluster os participantes foram classificados em três grupos com características distintas e agrupados por características similares. No Grupo 1 ficaram agrupados 40 participantes, no Grupo 2 foram agrupadas 25 pessoas e no Grupo3 foram agrupados 43 indivíduos. Os resultados desta avaliação são representados na Tabela 6 e permitem afirmar que 99.01% dos casos foram classificados de forma correta,pelo método estimado de 3 equações discriminantes. Na validação cruzada os resultadosobtidos também permitem afirmar que 97,2% das observações foram bem classificadas.

Tabela 6

Resultados da Classificação das amostras

			Classificação do Resultado			
Número do Cluster			**Associação dos Grupos**			
			Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**T**
Contagem Original[1]	Grupo	Cluster 1	39	1	0	40
		Cluster 2	0	25	0	25
		Cluster 3	0	0	43	43
	%	Cluster 1	97,5	2,5	0,0	100
		Cluster 2	0,0	100	0,0	100
		Cluster 3	0,0	0,0	100	100
Contagem Validação Cruzada[2]	Grupo	Cluster 1	38	2	0	40
		Cluster 2	0	25	0	25
		Cluster 3	1	0	42	43
	%	Cluster 1	9,5	5,0	0,0	100
		Cluster 2	0,0	100	0,0	100
		Cluster 3	2,3	0,0	97,7	100

(1) 99.1% dos casos dos grupos originais estão corretamente classificados.

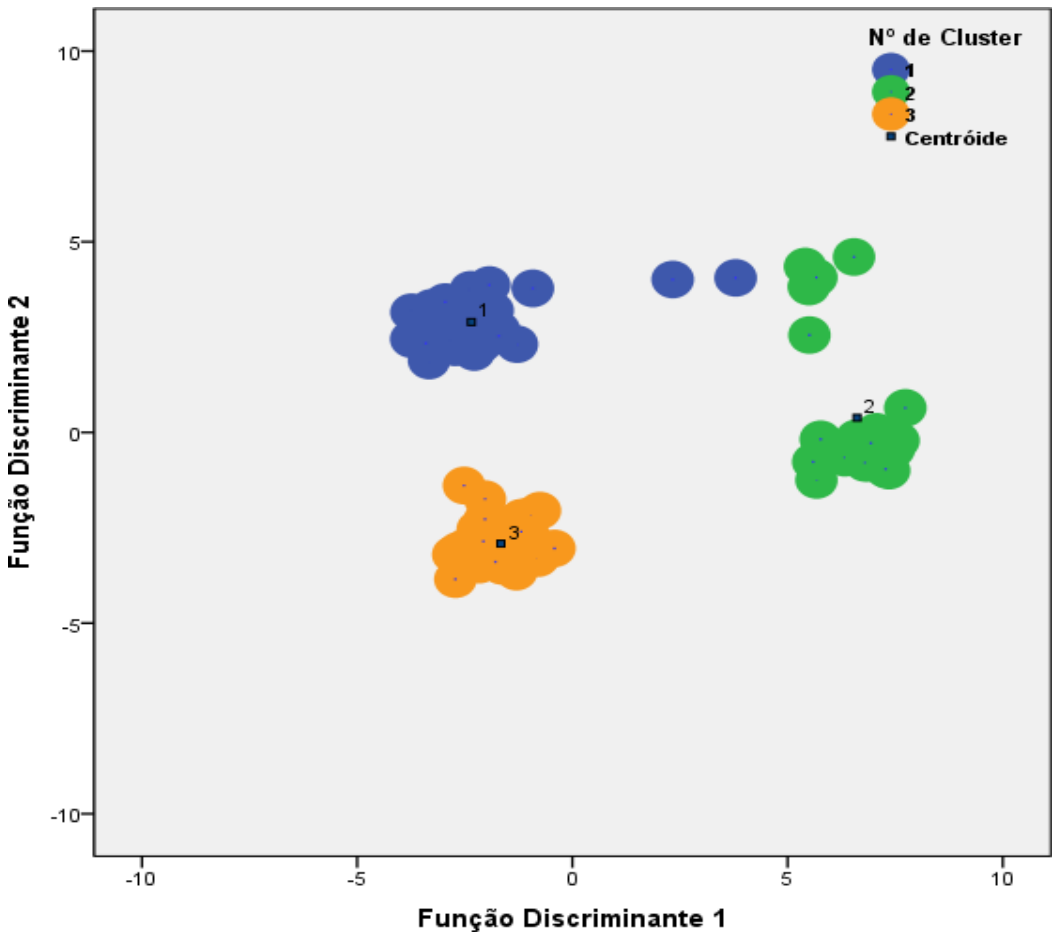
(2) 97,2% dos casos na validação cruzada estão corretamente classificados.

Para a validação destes resultados obtidos na análise discriminante utilizou-se de validação interna e externa. A validação interna consistiu em verificar a eficácia da classificação das observações originais e a validação cruzada. A validação externa objetiva confirmar os resultados da validação interna.

Posteriormente, com o objetivo entender diferenças entre grupos e prever a probabilidade de que um indivíduo pertença a uma classe em particular ou grupo baseado nas várias variáveis independentes realizou-se uma análise discriminante. Assim, na Figura 6 mostra a discriminação dos três grupos de autores com destaque para os centróides de cada grupo, mostrando a ideia do comportamento e de como as funções discriminantes separam os três grupos.

Figura 6

Mapa discriminante dos três grupos



No Grupo 1, observou-se pais autores em maioria pertenciam a unidade do penal de Abaetetuba (CTMABT), eram sentenciados pelo artigo 217-A, que não confessaram o crime, possuíam relação de parentesco com a vítima, idade abaixo de 44 anos, pardos, evangélicos, solteiros, analfabetos, possuíam união estável quando presos, atualmente estão solteiros, possuem dois relacionamentos com filhos, média de3 filhos, somente a mãe representa a figura de cuidado e proteção, não faziam uso de medicação contínua, não eram tabagistas, não eram usuários da substância psicoativa,possuíam o desejo de ter filhos, possuíam contato com os filhos antes do encarceramento, realizavam atividades lúdicas com os filhos de lazer e participavam das atividades cotidianas da vida dos filhos relacionadas a vida escolar.

No Grupo 2, observou-se pais autores em maioria pertenciam a unidade do penal de Abaetetuba (CTMABT), eram sentenciados pelo artigo 217-A, que não confessaram o crime, possuíam relação de parentesco com a vítima, idade abaixo de 44 anos, pardos, evangélicos, solteiros, analfabetos, possuíam união estável quando presos, atualmente estão solteiros, possuem dois relacionamentos com filhos, média de 3 filhos, somente a mãe representa a figura de cuidado e proteção, não faziam uso de medicação contínua, eram tabagistas, eram usuários da substância psicoativa álcool, possuíam o desejo de ter filhos, possuíam contato com os filhos antes do encarceramento, realizavam atividades lúdicas com os filhos de lazer e participavam das atividades cotidianas da vida dos filhos relacionadas a vida escolar.

No Grupo 3, observou-se participantes em que a maioria pertenciam a unidade do penal de Marituba (PEM II), eram sentenciados pelo artigo 217-A, que não confessaram o crime, possuíam relação de parentesco com a vítima, idade acima de 45 anos, pardos, evangélicos, solteiros, analfabetos, possuíam união estável quando presos, atualmente estão solteiros, possuem dois relacionamentos com filhos, média de

2 filhos, somente a mãe representa a figura de cuidado e proteção, não faziam uso de medicação contínua, eram tabagistas, eram usuários da substância psicoativa álcool, possuíam o desejo de ter filhos, possuíam contato com os filhos antes do encarceramento, não realizavam atividades lúdicas com os filhos e não participa das atividades cotidianas da vida dos filhos.

Os resultados gerais da análise discriminante, depois que os pressupostos foramatendidos, demonstraram que as variáveis selecionadas são significativamente discriminantes e a própria função discriminante é altamente significante (99,1%). As variáveis que os discriminam em grupos diferentes foram: o local, a idade, o número defilhos, o tabagismo, o uso de substâncias psicoativas, a participação em atividades lúdicas e do cotidiano dos filhos.

As características que diferenciam os participantes do Grupo 1 dos demais gruposfoi o local (PEM II), a faixa etária acima de 44 anos, número de 2 filhos, o fato de seremtabagistas, o uso de substância psicoativa/álcool e aqueles que não realizavam atividadeslúdicas com os filhos e não participavam das atividades cotidianas da vida dos filhos.

As características que diferenciam os participantes do Grupo 2 dos demais gruposfoi o local (CTMABT), a faixa etária inferior a 44 anos, número de 3 filhos, o fato de não serem tabagistas e nem fazerem uso de substância psicoativa e que realizavam atividades lúdicas de lazer com os filhos e participavam das atividades cotidianas escolares da vida dos filhos.

As características que diferenciam os pais AVSCA o Grupo 3 dos outros gruposfoi o local (CTMABT), a com faixa etária inferior a 44 anos, número de 2 filhos, o fatode serem tabagistas e fazerem uso de substância psicoativa álcool e que realizavam atividades lúdicas de lazer com os filhos e participavam das atividades

cotidianas escolares da vida dos filhos. As outras variáveis analisadas do instrumento foram descartadas na análise discriminante por não discriminarem tão bem quanto àsescolhidas.

Discussão

Discussão dos dados descritivos processos jurídicos

Em relação aos dados processuais dos pais AVSCA, identificou-se que o maior número de casos está localizado na região próxima à cidade de Belém, capital do Estado.O Pará tem 144 municípios, porém é na mesorregião metropolitana de Belém, compostapor 11 municípios que se observa o maior número de casos. Segundo os dados do Ministério da Saúde, principal responsável pelas notificações dos casos, estas regiões possuem o maior número de estabelecimentos de saúde onde a notificação da violênciasexual é compulsória, em detrimento as regiões mais distantes da capital Belém (DATASUS, 2022).

Os achados de Santos et al. (2022) demonstram a capital do Estado do Pará com o maior número de casos de violência sexual, e justifica o fato por ela ser mais populosa,ter mais rede de apoio às vítimas o que pode sinalizar o maior número de notificação nessa região. O estudo de Platt et al. (2018) também demonstra a capital do Estado como maior número de casos. Além disso, o mapa da violência no Brasil, faz um alerta paraa ausência de dados, a subnotificação, em regiões mais distantes dos centros urbanos (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

Outro aspecto importante desse dado são os fatores que podem estar associados como a precária condição de assistência pública dessas regiões dos interiores do Estado. Stige et al. (2022) demonstra um percentual de 20 a 30% de crianças/adolescentes que revelam sobre o crime e o autor da agressão. Além disso, segundo Silva (2023) e Caldas et al. (2023) os casos que chegam a ser notificados encontram uma precária condução

nas delegacias e uma lentidão nos processos judiciais.

Em relação ao crime sexual contra vulnerável (menores de 14 anos), previsto no código penal brasileiro como artigo 217-A, utilizado como critério de seleção para este estudo, ressalta-se que desde 2019 o mapa da violência no país, por meio do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), conseguiu separar os dados do crime de estupro do crime de estupro de vulnerável. Assim, pôde-se observar que 53,8% da violência sexual cometida no Brasil era contra meninas com menos de 13 anos. Esse número subiu para 57,9% em 2020 e 58,8% em 2021.

Associada a essa informação, os dados relacionados a essa variável trouxeram mais um aspecto negativo para a problemática, observou-se nos resultados a incidência no mesmo processo judicial de outros crimes associados ao artigo 217-A, como o crime contra a família, continuado, de ameaça, pornografia infantil, homicídio e maus-tratos. De acordo com Souza (2019) a faixa etária das crianças/adolescentes os expõe a maior vulnerabilidade de violência. Esse dado se confirma com os dados do Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos que afirma que no ano de 2022 a maioria das denúncias contra violação de direitos e violência (81%) relacionavam-se a crianças e adolescentes (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021).

Os crimes associados à família, continuados, de ameaça, pornografia e maus-tratos possuem uma estreita relação com a violência intrafamiliar. De acordo com Caldas (2023) estes crimes são praticados por responsáveis ou pessoas próximas e de confiança das crianças e que participavam do mesmo ambiente social. Silva (2023) aponta que 31,1% das vítimas narraram terem sofrido ameaça por parte do autor de agressão para não falarem sobre a violência sexual. Os achados de Costa, Cavalcante e Reis (2018) apontaram para autores neste contexto possuem características de comportamento do modus operandi manipulador, que utilizam de persuasão e suborno para assegurar a

continuidade das agressões.

Em relação ao aspecto vínculo de parentesco com a vítima, os dados sinalizaramque na maioria dos casos o autor pai possuía uma relação de parentesco com a vítima. Ferraz (2021) define a violência intrafamiliar como aquela que ocorre na família, envolvendo parentes que vivem ou não sob o mesmo teto. Implica em uma transgressãodo poder e da proteção do adulto familiar e é uma negação do direito da criança e do adolescente (Azevedo, Alves & Tavares, 2018).

Segundo Lopes (2021) a violência intrafamiliar repercute de forma negativa na vida dos indivíduos que a vivenciam, os quais podem reproduzir o comportamento violento, comprometendo suas relações futuras. Sua ocorrência é no ambiente doméstico, não se produz isoladamente, mas faz parte de uma sequência crescente de episódios e é singular por ocorrer em contexto de intimidade (Organização Mundial de Saúde, 2002).

Em relação ao tipo de parentesco com a vítima as figuras do padrasto seguidode tio e pai foram identificadas na maior proporção da violência sexual perpetrada no meio intrafamiliar. Os estudos de Teixeira et al. (2020), Serafim et al. (2009) e Platt et al. (2018) apontam que o AVSCA é próximo de sua vítima (pai, padrasto, tio ou vizinhos) e, geralmente, escolhe como local do abuso a residência da vítima ou a sua própria.

Essa informação também é citada por Macedo, Melo e Maia (2010) e Ferraz et al. (2021) em seus estudos ressalta que frequentemente pessoas investidas de função parental ou parente próximo são perpetradores de violência sexual contra crianças e adolescentes. Que subjugam a criança e adolescente como propriedade e fazem uso do poder familiar para exercer práticas de violência sexual, resultando em negligência e violação de direitos (Lopes, 2021).

Em relação aos dados sobre assumir a autoria do crime, verificou- se que a maioria dos pais AVSCA negaram ter cometido o delito, apesar de haver na maioria doscasos uma sentença condenatória embasada em provas anexadas ao Sistema do INFOPEN-PARÁ. Esse comportamento é frequentemente observado nos AVSCA e é apontado na literatura como distorção cognitiva. Nos AVSCA é empregada por meio dedesculpas e/ou justificativas para a perpetração da violência, geralmente, por meio de uma crença que legitima a relação sexual que envolve crianças e adolescentes ou deslegitima a vítima (Vieira, 2010).

Outro aspecto importante deste comportamento é sinalizado pelos estudos deReis e Cavalcante (2019), Szumski et al. (2018), Boillat et al. (2017) e Marshall e Marshall (2015) e refere-se ao tipo de distorção cognitiva observada no AVSCA, a qual se diferencia do restante da população em geral que apresenta esse comportamento.

Discussão das características biossociodemográficas

Em relação aos dados biosociodemográficos, a cor/raça dos números revelam que a maioria eram pardos, com baixo nível de escolaridade, 61 (52,77%) não possuíam a quinta série do ensino fundamental e com condição de atividade laboral que sinalizam uma sobreposição de trabalhador informal e braçal sobre o trabalhador formal de nível técnico e intelectual. Esses dados assemelham-se aos resultados encontrados por Soares et al. (2016) que identificou, no Brasil, o perfil mais comum do AVSCA é um autor da violência pertence ao sexo masculino, com idade média entre 30 e 40 anos, em sua maioria de cor/etnia parda, com ensino fundamental incompleto, solteiro e trabalhador braçal.

Os resultados referentes ao estado civil demonstram que quando cometeram o crime a maioria dos pais AVSCA possuía algum tipo de relacionamento. Contudo,

durante o encarceramento houve uma ruptura em seus relacionamentos. Em relação a esse dado, Lemgruber (1999) ressaltou que os aspectos estruturais e as flagrantes violações ocorridas nos cárceres nacionais são fatores relacionados ao abandono das companheiras.

Além disso, as visitas que são a única forma de manter o contato, possuem caráter vexatório e negativo, resultando na dificuldade de se manter uma relação fixa e estável com o preso. Cunha (2023) em seus estudos aponta o fenômeno da experiência carcerária alargada o de ressaltar as dificuldades financeiras, sociais e emocionais, enfrentadas. Cunha (2014) demonstrou em seus resultados a ideia de que a reclusão desorganiza ou desfaz, invariavelmente, laços interpessoais, bem como mostra ser demasiado simplista uma análise em termos de meros ganhos e perdas para familiares ou presos.

Quanto ao aspecto responsável pelos cuidados parentais na infância, inferiu- se que a maioria dos pais AVSCA foram provenientes de famílias monoparentais, chefiados pelas mães. Segundo o Censo Demográfico (IBGE, 2014) a família monoparental está entre as três mais comuns na sociedade brasileira. E consiste em um núcleo familiar constituído por uma mãe ou um pai que vive com filhos dependentes, sem a presença do outro genitor ou de alguém que o substitua (Marin & Piccinini, 2009). Origina-se na separação ou no divórcio e na adoção ou ausência de um dos genitores por abandono (Szapiro & Féres-Carneiro, 2002).

Observou-se que 89,81% dos pais AVSCA vieram de famílias monoparentais, sendo que mais de 50% possuíam a mãe como única figura responsável pelos cuidados. De acordo com Melo e Marin (2016) a família monoparental quando representada por mães que vivem sozinhas com seus filhos, denota um ambiente familiar mais vulnerável, quer no plano econômico ou do ponto de vista dos cuidados relativos às crianças. Estas

famílias parecem possuir mais dificuldades em exercer seus papéis parentais, quando comparadas com as famílias cujos dois genitores estão presentes devido à baixa renda eos altos índices de estresse, demandando a necessidade de maior apoio social (Marin &Piccinini, 2009).

Em seus estudos sobre dinâmica e estrutura familiar Dunn, Davies, O'Connore Sturgess (2001) constataram que as crianças de famílias reconstituídas desenvolvem relações de menor confiança com ambos os progenitores, comparativamente às crianças de famílias nucleares intactas, enquanto as crianças de famílias monoparentais tendem a partilhar mais atividades com a família do que crianças que vivem noutras composiçõesfamiliares. Outros autores verificaram que a comunicação parento-filial é, também, negativamente afetada pela ocorrência de um divórcio (Eldar-Avidan, Haj-Yahia, & Greenbaum, 2009; McManus & Nussbaum, 2011).

Em relação ao dado sobre tabagismo, notou-se que a maioria dos pais AVSCA fizeram uso da substância, iniciando o uso em média aos 13,83 anos. Em relação ao tabagismo, a OMS (2009) enfatiza que fumantes de tabaco são mais propensos a serem consumidores de álcool e de outras substâncias psicoativas.

Já o uso de substâncias psicoativas apareceu com média de início de 15,26 anos. Sendo que o álcool aparece como substância mais consumida. Em relação ao álcool, estudos sugerem que seu consumo está mais associado à gravidade dos atos de violência (Souza et al., 2021). É comum encontrar a utilização do termo álcool e outras drogas de forma associada, isso porque as substâncias psicoativas podem ser complementares, podendo o consumo de uma estar ligado ao consumo de outra. Locatelli et al. (2023) apresenta o álcool como principal substância psicoativa consumida por autores de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Estudos nacionais e internacionais mostram uma importante relação entre

violência intrafamiliar e o consumo de álcool e outras drogas (Aguiar & Menezes, 2017; Andreuccetti et al.; 2018; Araújo et al., 2018; Lucchese et al., 2017; Martins & Nascimento, 2017; Warmling, Lindner & Coelho, 2017). De acordo com a OMS (2009) são dois grandes problemas de saúde pública em todo o mundo. Além de suas altas prevalências, ambos os fenômenos resultam em consideráveis repercussões e compartilham um conjunto complexo de fatores psicossociais (Bhona et al., 2019; Gebara et al., 2020). O estudo de Bertelonide (2021) e Souza et al. (2021) discutem a violência sexual facilitada por drogas, e demostra as alterações comportamentais proporcionadas pela dependência química e sinaliza para a relação entre drogas e violência sexual.

Entender melhor como o consumo de álcool e de outras drogas pode estar relacionado à maior gravidade da violência intrafamiliar é importante considerar não apenas os efeitos farmacológicos dessas substâncias, mas, também, os fatores ambientais e socioculturais que influenciam os padrões de consumo e os comportamentos violentos (Souza et al., 2021; Stewart & Morris, 2021).

A análise da quantidade de filhos observou que 92 (85,19%) dos pais possuíam prole igual e menor a 5 filhos, com média de 3,47. A pesquisa de Reis (2016) demonstrou a média de 2,8. O estudo Teixeira, Resende e Perissinotto (2020) apontou para uma média de 2,9 de filhos de autores. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), a taxa de fecundidade no Brasil tem declinado, o país registra uma média de 1,94 filho por mulher. Contudo, observou-se que 88,88% dos pais AVSCA possuem mais de um relacionamento conjugal com filho, o que se infere que essa média maior pode estar associada a uma média de filhos que são de relacionamentos conjugais diferentes com filhos.

Discussão das características Parentais

Em relação ao aspecto parental desejo de ter filhos, a maioria 92 (85,19%) relataram que possuíam desejo de ter filhos. Os achados dos estudos Natividade et al. (2020) apontam os aspectos da afetividade, religiosidade e estabilidade pessoal como elementos que podem explicaram satisfatoriamente a intenção de constituir família. Como estes valores representam a necessidade de segurança e amor, o resultado deste estudo sugerem que as pessoas tendem a buscar a satisfação dessas necessidades por meio da constituição familiar.

Em relação ao registro de nascimento dos filhos, 73 (67,59%) disseram que fizeram o registro, em detrimento a 35 (32,41%) não fizeram o registro dos filhos. Debruçando-se sobre o dado que apresenta pais que não registraram seus filhos, Parenti et al. (2003) sustenta que a função básica e estruturadora do pai contemporâneo está passando por uma transição. E, para Cúnino e Arpini (2014) esses pais que por variados motivos ainda não reconheceram os filhos e não lhes deram o seu sobrenome na certidão de nascimento são descritos na literatura como pais que não se envolvem afetivamente com os filhos.

De acordo com Daminai e Colossi (2015), um pai que não cumpre seu papel, não desenvolve afeto com as crianças, registrando uma ausência psicológica na vida delas, o que contribui para que desenvolvam traumas emocionais ao longo do seu crescimento, tais como baixa autoestima, comprometimento da saúde física, medo excessivo, baixa qualidade de vida e outros. A baixa autoestima atrapalha o desenvolvimento de suas aptidões pessoais e os convence de que não possuem talentos, sensação que pode se prolongar pela adolescência e maturidade

Em relação ao fato de convivência com os filhos antes do encarceramento, 92 (85,19%) alegaram que possuíam contato com os filhos antes da prisão. A presença da figura paterna, seja ela afetiva ou física, é um elemento fundamental para o

desenvolvimento da criança. Nas diferentes fases do desenvolvimento e independente da organização da família, os pais têm hoje a sua importância reconhecida ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos (Benczik, 2011). É essa presença que facilitará a afirmação de si, o desenvolvimento da capacidade de se defender e explorar o ambiente, entre outras demandas necessárias ao desenvolvimento (Damiani & Colossi, 2015).

A literatura aponta diversas razões da ausência paterna, seja falecimento do pai, afastamento decorrente de separação conjugal, derivada da atividade laboral, ou ausência emocional de um pai fisicamente presente podem ser percebidas pelos filhos de formas diferentes (Sganzerla & Levandowski, 2010). Apesar dos pais relatarem o contato com os filhos antes do encarceramento, notou-se ao analisar as variáveis relacionadas ao brincar, esse contato não era frequente, pois era um contato de final de semana. Em que a atividade desenvolvida era uma atividade de lazer e não de brincar diretamente com o filho. Em relação às atividades lúdicas com os filhos, 81 (75%) relataram que realizavam atividades de caráter lúdico com os filhos, no entanto quando questionados relataram atividades de lazer com a família.

A variável brincar do instrumento relacionava-se ao elemento que constitui uma atividade espontânea e natural da infância, vivência carregada de prazer e satisfação (Teixeira & Volpini, 2014). Onde as famílias, e mais especificamente os pais da criança, constituem o primeiro e mais duradouro núcleo humano da criança e o brincar, intermediado pelo pai, ajuda no desenvolvimento da criança, além de evoluir a relação familiar (Correa & Mota, 2022).

Em relação à participação em atividades do cotidiano dos filhos, 63 (58,33%) relataram alguma participação na rotina do filho, e a atividade cotidiana mais presente nos pais AVSCA é relacionada a levar o filho na escola. Este dado sinaliza que estes

pais não assumiram ou reconhecem para si mesmos o dever de participar ativamente davida do filho, se percebendo com função de coadjuvante (Crepaldi et al., 2006). SegundoDamiani e Colossi (2015) a literatura aponta que a participação efetiva do pai na vida de um filho promove segurança, autoestima, autonomia e estabilidade emocional. Facilitado pela efetiva e contínua participação de ambos os pais na vida da criança, independente da configuração familiar que se estabeleça. De acordo com Kishimoto (1998) esse ato é um fenômeno que traz sérios benefícios para a rotina do ser humano.

Para Bronfenbrenner e Morris (1998), o desenvolvimento humano ocorre por meio desses processos de interação, tais interações devem ocorrer em um período razoável e precisam ser efetivas. E a família, independentemente de sua configuração, torna-se um contexto de desenvolvimento primordial, no qual as interações pais/criança são fundamentais para efetivar os processos proximais motores essenciais do desenvolvimento, tais como as atividades de alimentar, confortar ou brincar com a criança (Bronfenbrenner & Ceci, 1994).

A literatura aponta ainda que essa baixa disponibilidade parental para atividades da vida dos filhos possui relação com várias variáveis (idade, nível socioeconômico e educacional dos pais). Em um estudo com 1101 participantes a média de disponibilidade para o lazer foi inferior a duas horas e que o menor tempo de disponibilidade de pais pode estar relacionado com comportamentos miccionais, que são problemas na função da bexiga urinária (Feitosa et al., 2018).

Discussão da tabulação simples cruzada

A análise de tabulação cruzada demonstrou que as variáveis religião, tabagismo e realizavam atividades lúdicas com os filhos apresentaram significância estatística e permitiu inferir que essas variáveis associadas possuem relação nas características dos

pais AVSCA. Tais dados necessitam de estudos futuros que possam sinalizar o que tais variáveis revelam e como essa associação interfere nocomportamento de parentalidade.

Discussão da análise de Cluster

A avaliação exploratória dos agrupamentos, realizados por meio da análise de Cluster, demonstrou que os conglomerados apresentavam uma homogeneidade interna. E, externamente, os 3 grupos apresentam-se heterogêneos, em relação às variáveis local, idade, tabagismo, uso de substâncias psicoativas, participação em atividades lúdicas e do cotidiano dos filhos. O Grupo 3 foi o mais heterogêneo, onde os participantes não apresentaram as características parentais pesquisadas. As variáveis comuns a esse grupo é que as diferenciaram dos outros grupos foram: a faixa etária acima de 45 anos e o aspecto de não participarem de atividades lúdicas e do cotidiano da vida dos filhos.

Isso demonstra que a caracterização do pai autor de violência sexual não se explica por um único fator, sendo necessário um conjunto de fatores reunidos para sinalizar ou indicar característica distintas e semelhantes.

Sobre a heterogeneidade dos AVSCA Serafim et al. (2009) aponta a violência sexual contra crianças e adolescentes como complexa e variada, visto que os AVSCA possuem perfis diferentes e perpetram a violência sexual por motivos variados. Além disso, Costa, Cavalcante e Reis (2018) ressaltam que os processos desenvolvimentos dos AVSCA sofrem variações em função do conjunto de suas características biosociodemográficas e dos contextos em que estão inseridos, direta e indiretamente, no decorrer do tempo.

Conclusão

O Estudo II tentou reunir evidências empíricas para identificar ascaracterísticas biosociodemográficas e os aspectos da parentalidade dos pais AVSCA, por meio de análise descritiva e exploratória. Por ser um estudo exploratório, tentou-se entender

como as características de AVSCA e os aspectos parentais se organizam em função das características dos participantes serem em figuras parentais.

De maneira geral, observou-se que as características dos autores de violência sexual, como figuras parentais, são heterógenas e que tais achados pode se somar aos outros dados que a literatura nacional vem produzindo como as características psicológicas que envolvem personalidade, distorção cognitiva, empatia, tendência a agressão, entre outros. Apesar da heterogeneidade, parecer haver características semelhantes quando se analisam as análises discriminantes, aspecto que ainda necessita ser melhor investigado.

O contexto do cárcere tem um grau de especificidade que leva a pensar em métodos específicos de pesquisa para esse contexto e essa população. Assim, pode-se dizer que a pesquisa apresentou dificuldades sobretudo no que se refere a coleta de dados, principalmente por ter sido realizada em locais (cidades) diferentes. Além disso, as unidades penais são localizadas distantes dos centros urbanos e em ramais de difícil acesso.

Além das dificuldades, a pesquisa apresenta limitações, pois apesar da pesquisa ter tentado promover um ambiente ecológico saudável, a população pesquisada apresentava-se algemada durante a coleta e precisou realizar vários procedimentos relacionados ao procedimento operacional padrão da SEAP, aspectos que interferem noestado emocional dos participantes. A ausência de instrumentos avaliativos próprios para essa população também delimitou a pesquisa, sendo necessário adaptação ao contexto de pesquisa.

Essa pesquisa traz como contribuição dados sobre uma população invisível para a sociedade e para as políticas públicas. Existe uma lacuna nos dados empíricos de estudos nacionais sobre essa caracterização de pais AVSCA. Assim, são necessários

mais estudos brasileiros com outros elementos da parentalidade em decorrência da complexidade do tema para ampliar essa perspectiva a fim de estabelecer um panorama dessa parentalidade.

No contexto nacional, a literatura sobre autores de violência sexual ainda é incipiente, o que reflete em políticas públicas de assistência a essa população. Assim, opresente estudo traz contribuições sobre características dessa população e tenta ressaltarcontribuições importantes.

Com um tema ainda incipiente no Brasil, sobretudo, em uma região cujas condições de vida são particulares e diferem das experimentadas em outras regiões do Brasil, como é o caso da Amazônia. Sugere-se que mais pesquisas possam se debruçar sobre essa população, e considerar outros contextos e outra caraterísticas da população como exemplo os autores que praticam incesto.

Referências

Aguiar, C. & Menezes, J. A. (2017). Vivências sexuais de mulheres jovens usuárias decrack. *Barbarói*, 49, 214-238. https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.8943 Andreuccetti G., Cherpitel CJ, Carvalho HB, Leyton V, Miziara ID, Munoz DR,

Reingold AL & Lemos NP (2018). Alcohol in combination with illicit drugs among fatal injuries in Sao Paulo, Brazil: An epidemiological study on the association between acute substance use and injury. *Injury*; 49(12), 2186-2192. doi10.1016/j.injury.2018.09.035

Araújo, W., Silva, A., Estrela, F., Lírio, J. & Cruz, M. (2018). A influência do consumode bebidas alcoólicas na ocorrência de violência por parceiroíntimo: revisão integrativa. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 22(2), 117-122. http://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/6380

Azevedo, M., Alves, M. & Tavares, J. (2018). Abuso Sexual Intrafamiliar em Adolescentes e Suas Reflexões. *Psicologia Latina Amaricana*, 30, 7-25. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci

Benczik, E. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75. http://pepsic.bvsalud.org/scielo

Bhona, F., Gebara, C., Noto, A., Vieira, M. & Lourenço, L. (2019). Socioeconomic factors and intimate partner violence: a household survey. *Temas em Psicologia*, 27(1), 205-218. https://dx.doi.org/10.9788/TP2019.1-15

Boillat, C., Deuring, G., Pflueger, M. O., Graf, M. & Rosburg, T. (2017). Neuroticism in child sex offenders and its association with sexual dysfunctions, cognitive distortions and psychological complaints. International. *Journal of Law and Psychiatry*, 54, 83-89. 10.1016/j.ijlp.2017.05.010

Brasil. Ministério da Saúde. DATASUS (Departamento de informática do Sistema Único de Saúde). http:/tabnet.datasus.gov.br/tabnet/tabnet.htm.

Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2021). Secretaria Nacional dos direitos da criançae do adolescente. Abuso sexual contra crianças e adolescentes – abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinare interinstitucional. Brasília. https://www.gov.br>maio

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon e R. M. Lerner (Eds.), Handbook of child psychology: theoretical models of human development, (1), 993-1027. New York: John Wiley & Sons

Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos

naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas

Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model, Psychological Review, Washington, D.C., American Psychological Association, n.101, p. 568-586

Caldas, U., Dourado, A., Carvalho, M. & Júnior, A. (2023). Construção de indicadores da violência sexual contra crianças e adolescentes: um estudo de processos judiciais. Boletim de conjuntura boca, 14 (42). https://doi.org/10.5281/zenodo.8025458

Corrêa, B., & Mota, E. (2022). O processo de adaptação da criança na Educação Infantil: a importância do acolhimento. Revista Educação Pública, 22(12). https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos

Costa, L., Cavalcante, L. & Reis, D. (2018). Autores de agressão sexual em contexto intra e extrafamiliar: revisão de literatura. *Mudanças: Psicologia e Saúde*, 26 (2).https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69

Crepaldi, M., Andreani, G., Hammes, P., Ristof, C., & Abreu, S. (2006). A participaçãodo pai nos cuidados da criança, *Psicologia em Estudo,* 11(3), 579-587. https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300014

Cúnico, S., & Arpini, D. (2014). Não basta gerar, tem que participar: um estudo sobre aausência paterna. *Psicologia & ciência,* 34(1), 226-241. https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100016

Cunha, M. (2014). Etnografias da prisão: novas direções. *Revista de Sociologia: Configurações*, 13, 47-68. https://journals.openedition.org

Cunha, M. (2023). O egressante: Notas sociológicas para a construção de um personagem dosistema penal. *Dilemas,* 16 (02). https://doi.org/10.4322/dilemas.v16.51163

Damiani, C., & Colossi, P. (2015). A ausência física e afetiva do pai na percepção

dosfilhos adultos. *Pensando familias,* 19 (2), 86-101. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_xt&pid=S1679494

Eldar-Avidan, D., Haj-Yahia, M & Greenbaum, C (2009). Divorce is a part of mylife...Resilience, survival, and vulnerability: young adults perception of the implications of parental divorce. Journal *of Marital and Family Therap*, 35(1), 30–46. https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2008.00094.x

Feitoza, G., et al. (2018). Disfunção do Trato Urinário Inferior em Crianças: Revisão de Literatura. *Revista Multidisciplinar*, 12 (42), 1981-1179. http://www.idonline.emnuvens.com.br/id

Ferraz, M., Xavier, M., & Cabral, I. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Densidades,*29, 134-150. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scri

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Brasileiro de 2018. http://www.ibge.gov.br

Governo do Estado do Pará (2023). Secretaria de Estado de Administração Penitenciária.https://www.seap.pa.gov.br

Gil, A (2018). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas. 248p.

Gebara, C., et al. (2020). Violência entre diferentes membros do sistema familiar: uma pesquisa domiciliar em uma cidade brasileira. *Jornal de Questões Familiares*, 41(8), 1237-1257. https://doi.org/10.1177/0192513X17415

Hair Jr., J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (2005). Análise Multivariada de Dados. 5. ed. Porto Alegre: Bookman.

Johnson, R., & Wichern, D. (2007) Applied Multivariate Statistical Analysis. 6th

Edition, Pearson Prentice Hall, Upper Saddle River

Kishimoto, T. (1998). O jogo e a educação infantil. *Revista Perspectiva*, 12 (22), 105-128. https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view

Locatelli, T., Vieira, G., Lindner, S., Warmling, D., & Coelho, E. (2023). Característicasde homens e mulheres autores de violência sexual: uma revisão de Escopo. *Society and Development*, 12(4), 1-14. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.403751

Lopes, L. (2021). Violência intrafamiliar: suas formas e consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(5), 161-173. 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar

Lucchese, R., et al. (2017). Transtorno mental comum entre indivíduos que abusam de álcoole drogas: estudo transversal. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26 (1). https://doi.org/10.1590/0104-07072017004480015

Macedo, R., Melo, C., & Maia, M. (2010). Violência sexual contra crianças e adolescentes e os perpetradores. *Violência Urbana e Segurança Humana*, 26(1), 1-7. https://doi.org/10.36311/1983-2192.2010.v0n6.1126

Malhotra, N., & Dash, S. (2006). Investigación de mercados: una orientación aplicada. *Puerto Alegre: Bookman*

Marshall, W., & Marshall, L. (2012). Treatment of sexual offenders: effective elementsand apropriado outcome evaluatios. *Avanços in program evaluant*, 21(1), 10-27. https://doi.org/10.1177/0093854894021001003

Martins, A., & Nascimento, A. (2017). Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(1),107-121. http://pepsic.bvsalud.org/scielohp?scr

McManus, T., & Nussbaum, J. (2011). Social support expectations and strategic

ambiguity in parent-young adult child divorce-related stressor conversations. *Journal of Divorce and Remarriage*, 52(4), 244-270. https://doi.org/10.1080/10502556.2011.585083

Melo, S., & Hnediuk, M. (2016). Influência das composições familiares monoparentaisno desenvolvimento da criança: revisão de literatura. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 04-13. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phppt=scirttext&pid=S

Miot, H. (2017). Jornal Vascular Brasileiro. *Avaliação da normalidade dos dados em estudos clínicos e experimentais*, 16(2), 88-91. https://doi.org/10.1590/1677- 5449.041117

Natividade, J., et al. (2020). Desire to have children: validity evidence of an instrument. *Psicologia Clínica*, *32*(2), 273-294. https://dx.doi.org/10.33208/PC1980- 5438v0032n02A04

Organização Mundial da Saúde (2002). Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. https://www.cevs.rs.gov.br

Platt, V., Back, I., Hauschild, D, & Guedert, J. (2018). Violência sexual contra crianças:autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019-1031. https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016

Parenti, M., Costa, P., & Abeche, R. (2017). Função paterna e desenvolvimento infantil: o estado da arte. *Colloquium Humanarum*, 14(2), 75-86.10.5747/ch.2017.v14.n2.h307

Reis, D. (2016). Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: CaracterísticasBiopsicossociais e Trajetórias de vida. Tese de doutoramento, Programa de Pós- Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.

http://200.130.18.222/images/stories/download/pct/2017/MencoesHonrosas

Reis, D., & Cavalcante, L. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276. https://www.researchgate.net/publication

Reis, D., & Cavalcante, L.(2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de criança e adolescente, AASCAS: Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php

Santos, E., Souza, V., Pontes, G., Leão, L., & Carvalho, P. (2022). Violência sexual contra crianças e adolescentes durante a pandemia de covid-19: dados do ano de 2020 em um serviço de referência no estado do Pará. *Residência Pediátrica*. (1), 1-6. 10.25060/residpediatr-2022.v12n1-805

Santos, M., & Lima, A. (2023). Violência sexual na escola: prevalência e fatores associados em adolescentes do ensino médio. *Boletim de Conjuntura*, 15(45), 682–699. https://doi.org/10.5281/zenodo.8377385

Serafim, A., Saffi, F., Achá, M., & Barros, D. (2011). Dados demográficos, psicológicose comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), 143-147. https://www.scielo.br/j/rpc/a/VS6r7mDKr

Sganzerla, M., & Levandowski, D. (2010). Ausência paterna e suas repercussões para oadolescente: análise da literatura. *Psicologia em Revista*, 16(2), 295-309. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1 677-11682010005

Silva, D, Souza, I., Sousa, E., Cunha, A., & Filho, F. (2023). Políticas educacionais brasileiras relacionadas à educação sexual no ensino de ciências. *Boletim de*

Conjuntura, 14(40), 190–202. https://doi.org/10.5281/zenodo.7807311

Soares, D., & Nascimento, M.(2019). Percepções de crianças e adolescentes vítimas deabuso sexual incestuoso sobre o lugar vivenciado: lembranças e relatos. *Revista Geografia em Atos*, 14(7), 51-73. https://revista.fct.unesp.br

Soares, E., Silva, N., Matos, M., Araújo, L., & Lago, E. (2016). Perfil da violência sexualcontra crianças e adolescentes. *Revista Interdisciplinar*, 9(1), 87-96. https://uninovafapi.edu.br/

Souza, L., Panúncio-Pinto, M., & Fiorati, R. (2019). Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(2), 251–269. https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1812

Souza, L., Soares, G., Cunha, A., & Souza, L. (2021). Ocorrência de violência intrafamiliar relacionada ao consumo de álcool e outras drogas no Brasil. *RevistaBrasileira de Segurança Pública,*15(2). https://doi.org/10.31060/rbsp

Stewart, B., & Morris, D. (2021). Movendo a moralidade para além do grupo: liberais econservadores mostram diferenças nas bases morais enquadradas no grupo e essasdiferenças medeiam as relações com o preconceito e a ameaça percebidos. *FrentePsicologia,* (12). https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.579908

Stige, S., Andersen, A., Halvorsen, J., & Binder, P. (2022). Possible paths to increase detection of child sexual abuse in child and adolescent psychiatry: a meta-synthesis of survivors and health professionals experiences of addressing child sexual abuse. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being,* 17(1), 1-27. https://doi.org/10.1080/17482631.2022.2103934

Szumski, F., Bartels, R., Beech, A., & Fisher, D. (2018). Distorted cognition related to male sexual offending: The multi-mechanism theory of cognitive

distortions (MMT-CD). *Aggression and Violent Behavior*, 39, 139-151. 10.1016/j.avb.2018.02.001

Teixeira, H., & Volpini, M. (2014). A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 1(1), 76-88. https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/caderno

Teixeira, J., Resende, A., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e Psicopatia em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Avaliação Psicológica,* 19(2), 123-131. https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02

Vieira, S. (2010). Ofensores sexuais: das crenças ao estilo de pensamento. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade do Minho. 221p

Warmling, G., Lindner S., & Coelho, E. (2017). Prevalência de violênciapor parceiro íntimo em idosos e fatores associados: revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22 (9), 3111-312. http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc- 22-09-3111.pdf

Estudo III

A percepção da comunicação afetiva de autores de violência sexual contra crianças e adolescentes encarcerados em seu processo interacional com o filho

Objetivo Geral:

Analisar, por meio de um estudo empírico no ambiente carcerário, a percepção de pais AVSCA sobre a comunicação afetiva estabelecida com os filhos.

Método

Delineamento da pesquisa

O estudo III, quanto a sua natureza, caracteriza-se por ser uma pesquisa exploratório, cujos objetivos são descritivos e exploratórios. Trata-se de uma pesquisa empírica, com o tipo de procedimento *survey*, corte transversal e abordagem quantitativa de dados (Gil, 2018).

Contexto

A pesquisa foi realizada na Central de Triagem Masculina de Abaetetuba (CTMABT) e no Presídio Estadual Metropolitano II (PEM II) (Figura 3). De acordo com a estrutura organizacional da SEAP (Secretaria de Administração Penitenciária) essas unidades penais estão distribuídas no estado do Pará para atender a população carcerária de mesorregiões (SEAP, 2023).

A unidade CTMABT localiza-se no município de Abaetetuba pertence a mesorregião do Tocantins, destina-se a receber pessoas privadas de liberdade oriundas das cidades da região do Baixo Tocantins como Barcarena, Cametá, Mocajuba, Moju, Tailândia, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Acará e Abaetetuba.

A unidade PEM II localiza-se no Complexo Penitenciário do município de

Marituba e pertence a mesorregião do Guajará. Destina-se a receber pessoas privadasde liberdade oriundas das cidades de Belém, Ananindeua, Marituba, Mosqueiro, Benevides e Santa Bárbara. Ressalta-se que essa unidade se caracteriza ainda por seruma unidade de referência estadual para pessoas privadas de liberdade que cometeramcrimes sexuais graves e com grande repercussão nos meios de comunicação (SEAP, 2023).

Participantes

Os participantes selecionados para o Estudo III foram 108 (cento e oito) AVSCA que possuíam filhos e que cumpriam sentença condenatória com pena restritiva de liberdade nas Unidades Prisionais selecionadas.

Instrumento

Um Roteiro Adaptado da Escala de Comunicação Afetiva na Parentalidade (Apêndice B) foi utilizado como instrumento. Realizou-se sua construção com base na Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA). Sua adaptaçãojustifica-se, principalmente, pela ausência de validação no Brasil.

O COMPA foi desenvolvido em Portugal, por Portugal e Alberto (2015), como objetivo de avaliar as percepções sobre padrões de comunicação entre progenitorese filhos. As qualidades psicométricas do COMPA foram calculadas a partir de modelos estatísticos que determinam sua estrutura fatorial.

Os índices de confiabilidade e consistência interna da escala foram calculadospor meio do Alpha de *Cronbach* (.91) e da correlação total item-escala (intervalo: r = .415 a r = .646, p = .000), sendo encontrados parâmetros considerados excelentes pela literatura, tornando o instrumento viável para aplicação em contexto clínico, forense e de investigação em Portugal (Portugal &

Alberto, 2014).

De acordo com Portugal e Alberto (2015), em estudo que objetivou a validação do COMPA como um instrumento para pesquisa da parentalidade, este pode ser aplicado em três contextos distintos: avaliação, intervenção e investigação. De forma mais específica, o instrumento permite: (1) efetuar a avaliação da comunicação na díade pai/mãe-filho/filha e entre ambos os progenitores, (2) avaliar a comunicação parento-filial em diferentes momentos, (3) monitorizar as atitudes que possam melhorar a relação comunicacional entre progenitores e filhos, e (4) o desenvolvimento de estudos empíricos centrados na comunicação parento-filial. Esteúltimo item justifica o motivo da escolha deste instrumento como roteiro adaptado para ser aplicado no presente estudo.

Por meio de uma escala tipo *Likert*, com 5 (cinco) níveis (nunca, raramente, algumas vezes, muitas vezes e sempre). A escala *Likert da* versão parental foi adaptada para 4 (quatro) níveis (nunca, raramente, muitas vezes e sempre). Importante para que, posteriormente, durante a análise dos dados, o roteiro da escala pudesse ser transformado em Bivariado. Desta forma, a pontuação foi assim distribuída: 1 (um) a resposta nunca, 2 (dois) a resposta raramente 3 (três) a respostamuitas vezes e 4 (quatro) a resposta sempre.

O COMPA possui três versões: a COMPA-P (versão parental), a COMPA-A(versão adolescentes) e a COMPA-C (versão crianças). Neste estudo foi utilizado para a construção do Roteiro Adaptado somente a versão parental - COMPA-P. A estrutura da escala, na versão parental - COMPA-P original, apresenta cinco dimensões da comunicação afetiva. A primeira refere-se a expressão afetiva/suporte emocional, a segunda a disponibilidade parental para a comunicação, a terceira relaciona-se a metacomunicação, a quarta a

partilha/confiança de progenitores para filhos e a quinta a partilha/confiança de filhos para progenitores.

Procedimento de coleta

Para realização do Estudo III foram enviados uma carta-ofício (Apêndice D) e o Projeto de Pesquisa ao Gabinete da SEAP para solicitação de autorização de pesquisa por esta secretaria. Posteriormente, encaminhou-se o documento de anuência da SEAP (Anexo B) junto ao Projeto de Pesquisa ao comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Saúde da UFPA, solicitando autorização para realização de pesquisa envolvendo pais de AVSCA. Após essa autorização, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C) aos participantes selecionados N (108), explicando todas as etapas, riscos e benefícios da pesquisa, com a garantia do anonimato, conforme estabelece a Resolução 466/12-CNS de 12 de dezembro de 2012.

Após a assinatura de duas vias do TCLE e quaisquer dúvidas esclarecidas, seguiu-se a aplicação do instrumento adaptado. A aplicação ocorreu em um segundoencontro com os participantes (N 108), tendo em vista que eles haviam no primeiro encontro respondido o roteiro da Entrevista Semiestruturada (Estudo II).

A aplicação ocorreu por meio tradicional em que foi realizada instrução estandardizada, isto é, solicitado que os participantes respondessem cada item, numa escala de 1 a 4, qual a percepção que tinham sobre a comunicação estabelecida com os filhos. Aos participantes não alfabetizados, foi realizada a leitura pelo pesquisador de cada item, para que eles pudessem responder. O período de aplicação do instrumento deste estudo foi compreendido de abril e maio de 2023.

A previsão de duração para a aplicação do instrumento era de 25 (vinte e cincominutos). Contudo, durante o procedimento o tempo de aplicação necessitou ser aumentado para cerca de 40 (quarenta) minutos, pois as perguntas referentes aos itensdo instrumento provocaram mobilização emocional nos participantes, o que foi observado a partir do comportamento de choro em contato com a memória afetiva dacomunicação que era estabelecida com os filhos, no período anterior ao encarceramento. Em virtude desse comportamento observado nos participantes, após a aplicação do instrumento estes foram encaminhados para atendimento psicológicona unidade penal.

Após a coleta, as informações foram inseridas em planilha eletrônica do Excel para análise. Foi criado um manual de caracterização das variáveis (Apêndice F) paraprocessamento dos dados no software *Statistical Package for Social Sciencies* (SPSSversão 23.0).

Análise de confirmação e confiabilidade do instrumento adaptado

Antes do procedimento de análise dos dados, aplicou- se uma técnica estatística multivariada chamada de Análise Fatorial (AF) por meio do Coeficiente *Alfa* de *Cronbach* que buscou mensurar a confiabilidade dos itens do instrumento adaptado (Corrar *et al.*, 2007). Assim, verificou-se que a medida *Alpha de Cronbach's*foi igual a 0.97 (Tabela 7).

Uma interpretação prática do Alfa de *Cronbach* seria considerá-lo como um coeficiente de correlação ao quadrado. Em outras palavras, diante de um *Alpha* igual a 0.97 pode-se afirmar que é alta a consistência interna entre os itens do instrumento e sua capacidade de medir o que se propôs, no caso, a comunicação afetiva entre pai e filho. O instrumento alcançou 97% do impacto real das variáveis neste estudo.

Tabela 7

Medidas de Avaliação da Confiabilidade dos itens por dimensão do instrumento

Dimensão	Cronbach's Alpha
Expressão do afeto e apoio emocional	0.94
Disponibilidade parental para a comunicação	0.86
Metacomunicação	0.92
Confiança/partilha dos progenitores para os filhos	0.85
Confiança/partilha dos filhos para os progenitores	0.84
Geral	**0.975**

No que tange às 40 (quarenta) variáveis envolvidas neste estudo, o valor estatístico encontrado demonstra que a escala adaptada e nele utilizada apresenta consistência. Visto que os valores foram superiores a 0.70, sendo este o valor ponto de corte recomendado pela literatura, segundo Hair *et al.* (2005), como exposto na tabela 8. Essa análise ajuda a verificar que a escala adaptada apresenta uma consistência válida.

Tabela 8

Medidas de Avaliação da Confiabilidade por itens

Itens	*A*
O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo?	.972
Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado?	.972
Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho?	.972
É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?	.973
Explico regras ao meu filho?	.972
Digo que gosto do meu filho?	.972
Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas?	.972
Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe?	.972
O meu filho gosta de conversar comigo?	.972
Procuro animar o meu filho quando ele está triste?	.972
Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?	.972
O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto?	.972
O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele?	.972
É fácil impor regras e limites ao meu filho?	.972

Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho?	.972
O meu filho entende aquilo que quero lhe dizer?	.972
Quando eu e o meu filho estamos com raiva discutimos conflituosamente?	.972
O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso?	.973
Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho?	.972
Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera?	.972
Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo?	.972
Tento compreender o ponto de vista do meu filho?	.972
Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando?	.972
Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado?	.973
Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê?	.972
Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma?	.972
Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas?	.972
Sei que posso contar com o apoio do meu filho?	.972
Sinto que posso confiar no meu filho?	.972
Quando quero falar sobre algo, é com o meu filho que gosto de conversar?	.973
Converso com o meu filho sobre minha infância e da forma como fui educado?	.972
Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante?	.973
Converso com o meu filho quando me sinto triste ou com raiva?	.972
Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar?	.972
Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo?	.972
Compreendo os problemas e preocupações do meu filho?	.972
Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente?	.972
O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação?	.972
Gostava que o meu filho fosse criança para sempre?	.975
O meu filho conversa comigo sobre as obrigações e responsabilidades que tem?	.972

Em sequência avaliou-se a viabilidade da análise fatorial a partir da matriz decorrelações. O primeiro passo foi um exame visual das correlações (coeficiente de correlação de *Pearson*), identificando-as que são estatisticamente significantes, aplicando o Teste T para o coeficiente de correlação. Com isso, verificou-se que existeum número substancial de correlações maiores que 0,30, ou seja, algumas

delas apresentavam nível de 5% e 1% (Gorsuch, 1983).

De modo geral, isso significa que há possivelmente inter-relações significativas entre as variáveis. Esse resultado, forneceu uma base adequada para seguir para o próximo nível: o exame empírico da adequação para a análise fatorial, tanto para uma base geral quanto para cada variável.

Assim, o próximo passo foi avaliar a significância geral da matriz de correlação com o Teste de Esfericidade de *Bartlett* (Mingoti, 2005). Neste caso, as correlações em geral são significantes ao nível de 1% (Tabela 10). Entretanto, isso testa apenas a presença de correlações não nulas, e não o padrão dessas correlações. Para testar se todas as características oriundas de diversos itens possuem uma possívelrelação em comum, utilizou-se o Teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) (Mingoti, 2005), ou seja, que vai testar as correlações parciais entre os pares de variáveis sem oefeito das demais. A tabela 9 mostra que neste caso, a medida obtida ocupa um intervalo aceitável (acima de 0,50) conforme Kaiser e Rice (1974), com um valor de 0.94 classificados como Bom.

Tabela 9

Medidas de Avaliação da Adequação da Análise Fatorial para o instrumento

Estatísticas	Coeficientes	L	P-valor
Teste de Esfericidade de Bartlett	2871.16	11	0,000
Teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)	0.948	1	

Essas medidas indicam que o conjunto de 40 (quarenta) itens é adequado à utilização da Análise Fatorial, e a análise pôde prosseguir para os próximos testes. Assim, aplicou-se a análise de fatores aos dados do instrumento aplicado aos 108 paisAVSCA, utilizando-se o método matemático das Componentes Principais para extração dos fatores via Rotação Ortogonal do tipo *Varimax* para obter melhores combinações e usando como critérios para a escolha do número de

fatores a extrair, oCritério da Raiz Latente (autovalor maior que 1) e Critério da Percentagem da Variância Explicada (soma da variância explicada $\geq 0{,}70$).

Apesar de todos os fatores conterem pelo menos alguma variância única, a proporção de variância única é substancialmente maior nos últimos do que nos primeiros fatores. Desse modo, primeiramente, utilizou-se o Critério da Raiz Latenteou também chamado de Critério de *Kaiser*, para identificar o número ótimo de fatores que poderiam ser extraídos antes que a quantia de variância única comece a dominara estrutura de variância total, ou seja, ter muitos fatores que não explicam quase nadada variabilidade dos dados.

Por conseguinte, o critério da raiz latente é aplicado onde qualquer fator individual deve explicar a variância de pelo menos uma variável se ele há de ser mantido para interpretação. Cada variável contribui com um valor total. Logo, apenas os fatores que têm raízes latentes ou autovalores maiores que 1, são considerados significantes, ou seja, todos os fatores com autovalores menores que 1 (um) são considerados insignificantes e descartados.

E o critério de percentagem da variância explicada, tendo como objetivo garantir a significância prática para os fatores determinados, garantindo que expliquem pelo menos um montante especificado de variância, assim, para o devido trabalho adotou-se 70% como critério mínimo de explicação da variabilidade total dosdados pelos fatores.

A Tabela 10 apresenta as cargas fatoriais, os autovalores, as percentagens dasvariâncias explicadas e acumuladas, que foram calculadas pelo método com Rotação Ortogonal do tipo *Varimax*. Possuem informações sobre os fatores possíveis e seu poder explanatório relativo, tendo sido utilizado valores para análise dos quatros primeiros fatores extraídos.

Percebeu-se que um modelo com apenas quatro fatores seria suficiente para representar a estrutura de covariância inicial, com 25,3% de perda de informações e que explique 74,6% da variabilidade total dos itens originais. Destaca-se que o primeiro fator explica 27,35% e o segundo fator 22,58%, já o terceiro fator alcançou 17,7% e o quarto fator 7,03%. Com isso, buscou-se identificar as variáveis que mais influência exerceram em cada fator, ou seja, as com maiores cargas fatoriais.

Tabela 10

Matriz de Cargas Fatoriais, Comunalidades, Autovalores e Percentua

Itens	**Fatores**					
	F 1	**F 2**	**F 3**	**F 4**	**H²**	***α***
P1	.716	.344	.318	.151	.755	
P2	.738	261	280	177	722	
P3	.738	209	265	310	755	
P4	.660	366	323	097	683	
P5	.728	390	260	125	765	
P6	.768	258	343	130	791	
P7	753	384	223	036	766	
P8	481	421	200	453	654	**0.96**
P9	521	351	453	407	765	
P10	535	485	418	.122	711	
P11	654	444	311	124	738	
P12	678	407	357	068	758	
P13	.247	.647	.418	.167	.682	
P14	.411	.761	.301	.085	.846	
P15	.522	713	.253	.078	.851	
P16	.449	.729	.126	.121	.764	**0.93**
P17	.321	745	.234	.230	.767	
P18	.261	676	.278	.377	.744	

P19	.264	.603	.469	.089	.662	
P20	.461	.360	.608	.171	.741	
P21	.364	.488	.626	.116	.776	
P22	.237	.197	.853	.032	.824	**0.90**
P23	.341	.245	.775	.050	.779	
P24	.340	.266	.750	.122	.763	
P25	.424	.430	.314	.441	.658	
P26	.085	.117	.000	.875	.786	**0.76**
P27	.467	.143	.311	.563	.652	
Alpha Cronbach Geral				0.96		
Σ quadrado dos Autovalores Geral	7.384	6.095		4.778	1.898	20.16
% Variância Explicada Geral	27.348	22.576		17.697	7.030	74.65

Com os resultados obtidos na Tabela 11, pode-se observar que o primeiro fator possui pesos mais altos, ou cargas fatoriais mais elevadas nos itens: P1, P2, P3,P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11 e P12. No que tange ao segundo fator possui pesos mais significativos nos sintomas representados nos itens: P13, P14, P15, P16, P17, P18 e P19. Em relação ao terceiro fator que envolve os seguintes itens: P20, P21, P22,P23 e P24. Já em relação ao último fator que está representando por um número menor de itens: P25, P26 e P27.

Verificou-se que, a soma dos quadrados das cargas fatoriais para cada variávelresulta num valor estimado chamado de Comunalidade, que é a porção da variância que cada variável contribui para explicação do total dos fatores. Assim, o tamanho dacomunalidade é um índice útil para avaliar o quanto de variância em uma dada variável é explicado pela solução fatorial, com isso observa-se, que todas

as variáveissão importantes na estrutura de covariância, pois as comunalidades são altas, acima de 0,70 conforme Rencher (2002).

Além, da matriz de correlação e os Testes de *Bartlett* e KMO, utilizou-se outroteste que permite avaliar se os dados originais viabilizam a utilização da Análise Fatorial (AF) de forma satisfatória, chamado de Medida de Adequação da Amostra (*Measure of Sampling Adequacy*) ou MSA, calculado a partir da Matriz Anti-Imagem dos dados originais. Ela indica o grau de explicação dos dados a partir dos fatores encontrados na AF, caso o MSA indique um grau de explicação menor do que 0,50, significa que os fatores encontrados na AF não conseguem descrever satisfatoriamente as variações dos dados originais, neste caso indicam variáveis que podem ser retiradas da análise, sendo utilizado como crivo, assim como, as comunalidades.

A matriz anti-imagem indica o poder de explicação dos fatores em cada uma das variáveis analisadas, onde a diagonal da parte inferior da Tabela 11, informa a medida de adequação da amostra (MSA) para cada uma das variáveis em estudo, ondeesses valores encontram-se na diagonal principal e são assinalados com a letra a sobrescrita, indicando o MSA acima de 0,50 conforme literatura, justificando que todas as variáveis são importantes e continuam no estudo para aplicação da Análise Fatorial.

Analisando os dados anteriores, certifica-se que os quatro fatores são necessários para explicar a estrutura fatorial do instrumento em tela, com concentração dos itens no primeiro quadrante, mas combinado com as demais condições. Em resumo, o instrumento possui boas propriedades psicométricas, do ponto de vista estatístico, passando pela análise de validação fatorial.

Procedimento de análise

A análise dos dados do estudo III foi realizada em três etapas. A primeira incluiu uma análise descritiva dos itens de cada dimensão. Na segunda etapa, buscou-se explorar relações conjuntas entre características biosociodemográficas e do instrumento adaptado, por meio da análise de agrupamento de *clusters*. Na terceira etapa foi aplicada a Análise Discriminante para confirmar a criação correta dos *clusters*, calculando a probabilidade de separação de pessoas em grupos distintos

Análise descritiva

Os dados analisados relativos à estatística descritiva das dimensões do instrumento incluiram medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio- padrão). As médias de pontuação de cada dimensão seguem apresentadas em tabelase foram calculadas por meio do *software* SPSS.

As variáveis foram analisadas de acordo com sua pontuação 1 (nunca), 2 (raramente), 3 (muitas vezes) e 4 (sempre) e foram descritas por dimensão. Na primeira, os itens avaliados relacionam-se **a expressão do afeto e suporte emocional**.No item 1 (O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo?). No item 2 (Digo aomeu filho aquilo que é certo e errado?). No item 3 (Gosto de dar beijos e de abraçar omeu filho?). No item 4 (É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?). No item 5 (Explico regras ao meu filho?). No item 6 (Digo que gosto do meu filho?). No item 7(Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas?).No item 8 (Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe?). No item 9 (O meu filho gosta de conversar comigo?). No item 10 (Procuro animar o meu filho quando ele está triste?). No item 11 (Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?). No item 12 (O meu filho gosta de me surpreender comcoisas das quais eu gosto?).

Na segunda dimensão os itens avaliados relacionam-se à disponibilidade **parental para a comunicação**. No item 1 (O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele?). No item 3 (Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho como meu filho?). No item 4 (O meu filho entende aquilo que quero lhe dizer?). No item6 (O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso?). No item 7 (Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim?). Noitem 8 (Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho?).

Na terceira dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se **a metacomunicação**. No item 1 (Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho?). No item 2 (Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera?). No item 3 (Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo?). No item 4 (Tento compreender o ponto de vista do meu filho?). No item 5 (Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando?). No item 6 (Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado?). No item 7 Quando nego algum pedido ao meu filhoexplico-lhe o porquê?). No item 8 (Quando o meu filho não está a compreender o quedigo, procuro explicar de outra forma?).

Na quarta dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a **Confiança/Partilha Comunicacional dos pais com os filhos.** No item 1 (Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas?). No item 2 (Sei que posso contar com o apoio do meu filho?). No item 3 (Sinto que posso confiar no meufilho?). No item 4 (Quando quero falar sobre algo, é com o meu filho que gosto de conversar?). No item 5 (Converso com o meu filho sobre minha infância e da forma como fui criado). No item 6 (Acredito que meu filho será uma pessoa

importante?). No item 7 (Converso com o meu filho quando me sinto triste ou com raiva?).

Na quinta dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se **a Confiança/Partilha Comunicacional do filho para com o pai.** No item 1 (Sei comoo meu filho se sente sem ter que lhe perguntar?). No item 2 (Sei como o meu filho sesente sem ter que lhe perguntar). No item 3 (Compreendo aquilo que o meu filho meconta quando conversa comigo?). No item 4 (Compreendo os problemas e preocupações do meu filho?). No item 5 (Quando o meu filho está aborrecido/zangadocomigo, explica-me claramente o que sente?). No item 6 (O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupações?). No item 7 (Gostaria que meufilho fosse criança para sempre?).

Análise de agrupamento (*Cluster*)

Na sequência foi realizada a Análise de *Cluster* que, de acordo com Malhotra (2006), é uma técnica usada para classificar grupos, relativamente, homogêneos chamados de agrupamentos ou conglomerados. Assim, os grupos em cada agrupamento tendem a ser semelhantes entre si, mas diferentes dos outros. Por isso, três questões fundamentais devem ser consideradas na aplicação da análise de agrupamento: a medida que diz respeito à similaridade dos dados encontrados, como formar os agrupamentos, e por fim, como decidir quantos grupos formar.

A técnica de agrupamento hierárquico interliga as amostras por suas associações, produzindo um dendrograma onde as amostras semelhantes, segundo as variáveis escolhidas, são agrupadas entre si. A suposição básica de sua interpretação é esta: quanto menor a distância entre os pontos, maior a semelhança entre as amostras. Os dendrogramas são especialmente úteis na visualização de

semelhanças entre as amostras ou objetos representados por pontos em espaço com dimensão maiordo que três, onde a representação de gráficos convencionais não é possível.

Existem muitas maneiras de procurar agrupamentos no espaço n-dimensional. A maneira matematicamente mais simples consiste em agrupar os pares de pontos que estão mais próximos, usando a distância euclidiana, e substituí-los por um novo ponto localizado na metade da distância entre eles. Este procedimento, quando repetido até que todos os pontos sejam agrupados em um só ponto, leva a construção do dendrograma, onde, no eixo horizontal são colocadas as amostras e, no eixo vertical, o índice similaridade, s_{ij}, entre os pontos i e j, calculado segundo a seguinte expressão:

$$s_{ij} = 1 - \frac{d_{ij}}{d_{max}}$$

Onde d_{ij} é a distância entre os pontos i e j e $d_{máx}$ é a distância máxima entre qualquer par de pontos. Os dendrogramas, portanto, consistem em diagramas que representam a similaridade entre pares de amostras (ou grupos de amostras) numa escala que vai de um (identidade) a zero (nenhuma similaridade).

O método de agrupamento não hierárquico utilizado foi o k-médias, consiste um procedimento em que, dado um número de cluster previamente determinado, sãocalculados pontos que representam os centros desses *clusters* e que são espalhados homogeneamente no conjunto de respostas obtidas por meio dos questionários e movidos, heuristicamente, até alcançar um equilíbrio estático (Hair et al, 2005).

Procedeu-se em seguida, a uma divisão de todos os casos obtidos pelos grupospreestabelecidos e a melhor partição dos N casos será aquela que otimizar

o critério escolhido. Em outras palavras, o procedimento inicia-se usando os valores dosprimeiros casos como estimativas temporárias das médias dos *clusters*. Os centroidesiniciais são formados por meio da designação de cada caso ao *cluster* de centro mais próximo. Com a inclusão de cada caso, a média altera-se, alterando assim o centroide.Um processo iterativo é usado para achar os centroides finais de cada *cluster*.

A cada passo, os casos são agrupados ao *cluster* de centro mais próximo, e novamente as médias são recalculadas. Este processo continua até que não haja mais alterações nas médias ou que um número pré-determinado de iterações aconteça, encerrando-se o processo (Hair et al, 2005; Marroco, 2020).

Para determinar a partir de quantos clusters foram criados, seguiu-se a orientação dada pela revisão de literatura e inspeção visual do método gráfico chamado de Dendrograma (hierárquico). Foram simuladas soluções com k = 3, k = 4e k = 5, sendo que a solução mais considerada mais adequada foi a de três *clusters*.

Procedeu-se a comparação de contagens e/ou as médias entre os indivíduos dos diferentes *clusters* e amostra total. Assim, permitiu a verificação da existência de diferenças entre os três grupos de indivíduos nas variáveis ao analisar. O objetivo deste estudo, de natureza descritiva, é explorar relações conjuntas entre os autores deagressão sexual, visando estabelecer as características dos grupos na população analisada. Partiu-se do pressuposto de que, apesar das pessoas analisadas apresentarem certo grau de homogeneidade quanto ao nível biosociodemográficos, é possível identificar determinadas características heterógenas. Essa identificação das características semelhantes e distintas relacionadas aos grupos permite intervenções específicas para a população

analisada.

Análise discriminante

Para confirmar a quantidade do número de *clusters* criados, aplicou-se em sequência uma técnica complementar aos dados, chamada de análise discriminante. Segundo Khattree e Naik (2000) a análise discriminante consiste em uma técnica da estatística multivariada utilizada para separação de variáveis de uma população em duas ou mais classes. E seu principal objetivo é determinar se existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois (ou mais) grupos já definidos (Johnson &Wichern, 2007).

A análise de c*luster* e a análise discriminante foram realizadas por meio do *software* SPSS, utilizado para a estimação dos parâmetros das funções discriminantese ferramenta para execução dos testes estatísticos a um nível de significância de 0,05.

A técnica *Stepwise* foi utilizada para eleger as variáveis com máximo poder de separação dos grupos de Pessoas. O processo combina a adição de variáveis com maior poder de separação dos grupos de Pessoas e elimina as de menor contribuição,com base no maior valor da estatística F e/ou menor valor do Lambda de *Wilks*.

Nesta análise exploratória (cl*uster e discriminante),* utilizou-se as variáveis da análise da descritiva, porém elas foram transformadas em dicotômicas (Bivariadas).

Na expressão do afeto e suporte emocional. No item 1 - O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo? (sim e não). No item 2 (Digo ao meu filho aquilo queé certo e errado? (sim e não). No item 3 (Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho?(sim e não). No item 4 (É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?

(sim e não). No item 5 (Explico regras ao meu filho? (sim e não). No item 6 (Digo que gosto do meufilho? (sim e não). No item 7 (Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioriadas regras estabelecidas? (sim e não). No item 8 (Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe? (sim e não). No item 9 (O meu filho gosta deconversar comigo? (sim e não). No item 10 (Procuro animar o meu filho quando ele está triste? (sim e não). No item 11 (Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?(sim e não). No item 12 - O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quaiseu gosto? (sim e não).

Na segunda dimensão os itens dicotômicos avaliados relacionam-se a disponibilidade parental para a comunicação. No item 1 (O meu filho está disponívelquando eu quero falar com ele? (sim e não). No item 3 (Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho? (sim e não). No item 4 (O meu filho entende aquilo que quero lhe dizer? (sim e não). No item 6 (O meu filho fala comigo num tomde voz carinhoso e caloroso? (sim e não). No item 7 (Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim? (sim e não). No item 8 (Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho? (sim e não).

Na terceira dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a metacomunicação. No item 1 (Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho? (sim e não). No item 2 (Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera? (sim e não). No item 3 (Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo? (sim e não). No item 4 (Tento compreender o ponto de vista do meu filho? (sim enão). No item 5 (Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando? (sime não). No item 6 (Perante o meu filho, admito que estou, ou

que estive, errado? (sime não). No item 7 Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê? (sime não). No item 8 (Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma? (sim e não).

Na quarta dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a Confiança/Partilha Comunicacional dos pais com os filhos. No item 1 (Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas? (sim e não). No item 2 (Sei que posso contar com o apoio do meu filho? (sim e não). No item 3 (Sinto que posso confiar no meu filho? (sim e não). No item 4 (Quando quero falar sobre algo, écom o meu filho que gosto de conversar? (sim e não). No item 5 (Converso com o meu filho sobre minha infância e da forma como fui criado? (sim e não). No item 6 (Acredito que meu filho será uma pessoa importante? (sim e não). No item 7(Converso com o meu filho quando me sinto triste ou com raiva? (sim e não).

Na quinta dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a Confiança/Partilha Comunicacional do filho para com o pai. No item 1 (Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar? (sim e não). No item 2 (Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar? (sim e não). No item 3 (Compreendo aquiloque o meu filho me conta quando conversa comigo? (sim e não). No item 4 (Compreendo os problemas e preocupações do meu filho? (sim e não). No item 5 (Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente? (sim e não). No item 6 (O meu filho vem conversar comigo quando tem algumadúvida ou preocupações? (sim e não). No item 7 (Gostaria que meu filho fosse criançapara sempre? (sim e não).

Durante a análise foi necessário retirar da dimensão disponibilidade parental para comunicação o segundo item (É fácil impor regras e limites ao meu

filho?). E oquinto item (Quando eu e o meu filho estamos com raiva discutimos conflituosamente?), visto que apresentaram resultados invertidos.

Foram ainda incluídas nas análises da comunicação afetiva as variáveis processuais e as biosociodemográficas. As variáveis bivariadas processuais foram: unidade penal (CTMABT e PEM II), situação jurídica (provisório e condenado), crime (artigo 217 e artigo 217-A (reincidência), nega o crime (sim e não), possui parentesco com a vítima (sim e não), qual o vínculo de parentesco (pai/padrasto e nãopai/padrasto)

As variáveis bivariadas biosociodemográficas foram: idade (idade menor e igual a 44 anos e idade acima de 44 anos), número de filhos (menor e igual a 3 filhos e mais de 3 filhos), cor/etnia (negro/pardo e não negro/pardo), religião (evangélicos e não evangélicos), escolaridade (sem Ensino fundamental e com ensino fundamental), estado civil quando preso (com relacionamento e sem relacionamento), estado civil atual (com relacionamento e sem relacionamento), número de relacionamentos (menos e/ou 2 e mais de 2), possui filhos (sim e não), responsável pelos cuidados na infância (somente a mãe e outras figuras parentais), faz uso de medicação (sim e não), tabagismo (sim e não), usuário de substância psicoativa (sim e não), quantidade de substância psicoativa (usuário de uma substância psicoativa e usuário de várias substâncias psicoativas)**.**

Considerações Éticas

O presente estudo foi autorizado pela SEAP, conforme documento de registro PAE de número 2050/2022 – SAGA (Anexo B). Posteriormente, foi submetido à plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanosdo Instituto de Saúde da UFPA, registrado pelo número 6213933 (Anexo C).

Resultados

Expressão do afeto e suporte emocional

Nesta primeira dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionavam-se a expressão do afeto e suporte emocional. No item 1 (O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo?), a M = 3,15 e o DP = 0,884. No item 2 (Digo ao meu filho aquiloque é certo e errado?), a M = 3,60 e o DP = 0,606. No item 3 (Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho?), a M = 3,35 e o DP = 0,930. No item 4 (É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?) a M = 3,35 e o DP = 0,837. No item 5 (Explico regras ao meu filho?) a M = 3,44 e o DP = 0,765. No item 6 (Digo que gosto do meu filho?), aM = 3,49 e o DP=0,826. No item 7 (Eu e o meu filho estamos de acordo em relação àmaioria das regras estabelecidas?) a M = 3,39 e o DP = 0,771. No item 8 (Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe?) a M = 3,39 e o DP = 0,771. No item 9 (O meu filho gosta de conversar comigo?) a M = 3,44 e o DP
= 0,824. No item 10 (Procuro animar o meu filho quando ele está triste?) a M = 3,47e o DP = 0,803. No item 11 (Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?) a M =3,53 e o DP = 0,803. No item 12 (O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto?), a M = 3,52 e o DP = 4,034.

Os dados desta dimensão da comunicação afetiva dos pais AVSCA inferem uma média > que 3 (três) aproximando-se do valor máximo da pontuação 4 (quatro) e um desvio padrão próximo de 1 (um), demonstrando uma homogeneidade dos dados. A média geral da somatória dos itens da dimensão a expressão de afeto e suporte emocional foi de M = 3,46 e desvios-padrão 1,41. Com esses dados infere-seque os pais AVSCA não apresentaram pontuação indicativa de dificuldade de expressar sentimentos com os filhos

Disponibilidade parental para a comunicação

Nesta segunda dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se à disponibilidade parental para a comunicação. No item 1 (O meu filho está disponívelquando eu quero falar com ele?) a M = 3,44 e o DP = 0,835. No item 3 (Sinto-mesatisfeito com as conversas que tenho com o meu filho?) a M = 3,37 e o DP = 0,849.No item 4 (O meu filho entende aquilo que quero lhe dizer?) a M = 3,41 e o DP =0,843. No item 6 (O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso?) aM = 3,40 e o DP = 0,820. No item 7 (Quando surge uma discussão entre mim e o meufilho ele ouve-me até ao fim?) a M = 3,41 e o DP = 0,843. No item 8 (Sinto-me sozinhoquando é necessário impor regras e limites ao meu filho?) a M = 2,95 e o DP = 0,951.

Os dados desta dimensão da comunicação afetiva dos pais AVSCA demonstram uma média > que 3 (três) aproximando-se do valor máximo da pontuação4 (quatro) e um desvio padrão próximo de 1 (um), demonstrando uma homogeneidadedos dados. A média geral da dimensão disponibilidade parental para a comunicaçãofoi de M = 3,32 e o desvios-padrão 1,01. Esse resultado demonstra que os pais AVSCA apresentaram pontuação indicativa de comportamento de abertura para comunicação com os filhos.

Metacomunicação

Nesta terceira dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a metacomunicação. No item 1 (Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho?) a M = 3,48 e o DP = 0,837. No item 2 (Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera?) a M = 3,41e o DP = 0,786. No item 3 (Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo?) a M = 3,39 e o DP = 0,844. No

item 4 (Tentocompreender o ponto de vista do meu filho?) a M = 3,44 e o DP = 0,777. No item 5 (Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando?) a M = 3,28 e o DP =0,852. No item 6 (Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado?) a M = 2,83 e o DP = 1 No item 7 Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê?) a M = 3,40 e o DP = 0,853. No item 8 (Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma?), a M = 3,34 e o DP = 0,856.

Os dados desta dimensão da comunicação afetiva indicaram uma média > que3 (três), aproximando-se do valor máximo da pontuação 4 (quatro) e um desvio padrãomenor que 1 (um), o que demonstra uma certa homogeneidade dos dados. A média geral da dimensão metacomunicação foi de M = 3,37 o desvio-padrão 0,89. No item 6 foi observado a menor média (M=2,83) no instrumento. Nesta terceira dimensão, referente a metacomunicação, percebeu-se pontuação indicativa da presença dessa forma de expressão comunicacional não-verbal.

Confiança/Partilha Comunicacional dos pais com os filhos

Nesta quarta dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a Confiança/Partilha Comunicacional dos pais com os filhos. No item 1 (Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas?) a M = 3,49 e o DP = 0,826. No item 2 (Sei que posso contar com o apoio do meu filho?) a M = 3,55 e o DP = 0,778. No item 3 (Sinto que posso confiar no meu filho?) a M = 3,45 e o DP = 0,847. No item 4 (Quando quero falar sobre algo, é com o meu filho que gosto de conversar?) a M = 2,85 e o DP = 1. No item 5 (Converso com o meu filho sobre minhainfância e da forma como fui criado), a M = 3,23 e o DP = 0,923. No item 6 (Acreditoque meu filho será uma pessoa importante?) a M =3,80 e o DP = 0,592. No item 7 (Converso com o meu filho quando me sinto triste ou com raiva?)

a M = 3,23 e o DP = 0,892.

Os dados desta dimensão da comunicação afetiva dos pais AVSCA inferem uma média > que 3 (três) aproximando-se do valor máximo da pontuação 4 (quatro) e um desvio padrão menor que 1 (um), demonstrando uma homogeneidade dos dados.A média geral da Confiança/Partilha Comunicacional dos pais com os filhos foi de M = 3,37 e desvios-padrão 0,89. Nesta dimensão, observou-se que o item 6 apresentou maior pontuação em detrimento aos outros itens do Roteiro. Observou-se pelos dadosa pontuação indica a presença de partilha e confiança dos pais com os filhos.

Confiança/Partilha Comunicacional dos Filhos com os pais

Nesta quinta dimensão do Roteiro Adaptado os itens relacionam-se a Confiança/Partilha Comunicacional do filho para com o pai. No item 1 (Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar?) a M = 3,67 e o DP = 0,697. No item 2(Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar), a M=3,55 e o DP = 0,778.No item 3 (Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo?)a M = 3,58 e o DP = 0,725. No item 4 (Compreendo os problemas e preocupações domeu filho?) a M = 3,52 e o DP = 0,742. No item 5 (Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente?) a M = 3,06 e o DP = 0,940. No item 6 (O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupações?) a M = 3,13 e o DP = 0,887. No item 7 (Gostaria que meu filhofosse criança para sempre?), M = 3,06 e o DP = 1,3. No item 8 a M = 3,15, DP = 0,88.

Os dados desta dimensão da comunicação afetiva dos pais AVSCA inferem uma média > que 3 (três) aproximando-se do valor máximo da pontuação 4 (quatro) e um desvio padrão menor que 1 (um), demonstrando uma

homogeneidade dos dados.A média geral da Confiança/Partilha Comunicacional dos filhos com os pais foi de M= 3,34 e os desvios-padrão 0,94. O resultado mostra pontuação que indica a presençaConfiança/Partilha Comunicacional dos filhos com os pais.

Na Tabela 11, seguem as médias gerais das dimensões do Roteiro Adaptado e os respectivos desvios padrões. No qual, infere-se maior média para dimensão de expressão de afeto e apoio emocional e menor média para dimensão de metacomunicação.

Tabela 11

Médias e desvio-padrão das dimensões do Roteiro Adaptado

Dimensão	M	DP
Expressão do afeto e suporte emocional	3,46	1,41
Disponibilidade parental para a comunicação	3,32	1,01
Metacomunicação	3,32	0,87
Confiança/Partilha Comunicacional dos pais com Filhos	3,37	0,89
Confiança/Partilha Comunicacional dos filhos com pais	3,34	0,94

Resultado da análise de *Cluster*

Para a análise descritiva, optou-se pela análise de *cluster* com o intuito de identificar grupos distintos sobre a comunicação afetiva entre pais-filhos. Para confirmar a quantidade de número de *clusters* criados, aplicou-se uma técnica complementar aos dados chamada de análise discriminante por meio de validação. Avalidação interna que representa a extensão em que os resultados observados representam essa população, consistiu em verificar a eficácia da classificação das observações originais e na validação cruzada.

A validação externa objetiva confirmaros resultados da validação interna, averiguando se essa aplicabilidade se estende forado contexto do estudo (Johnson

& Wichern, 2007). A validação das funções discriminantes e sua aferição são representados na Tabela 12 e permitem afirmar que 100% dos casos foram classificados de forma correta e apenas 0% foram classificadosde forma incorreta, pelo método estimado de duas equações discriminantes.

Tabela 12

Resultados da Classificação da amostra

Classificação do Resultado

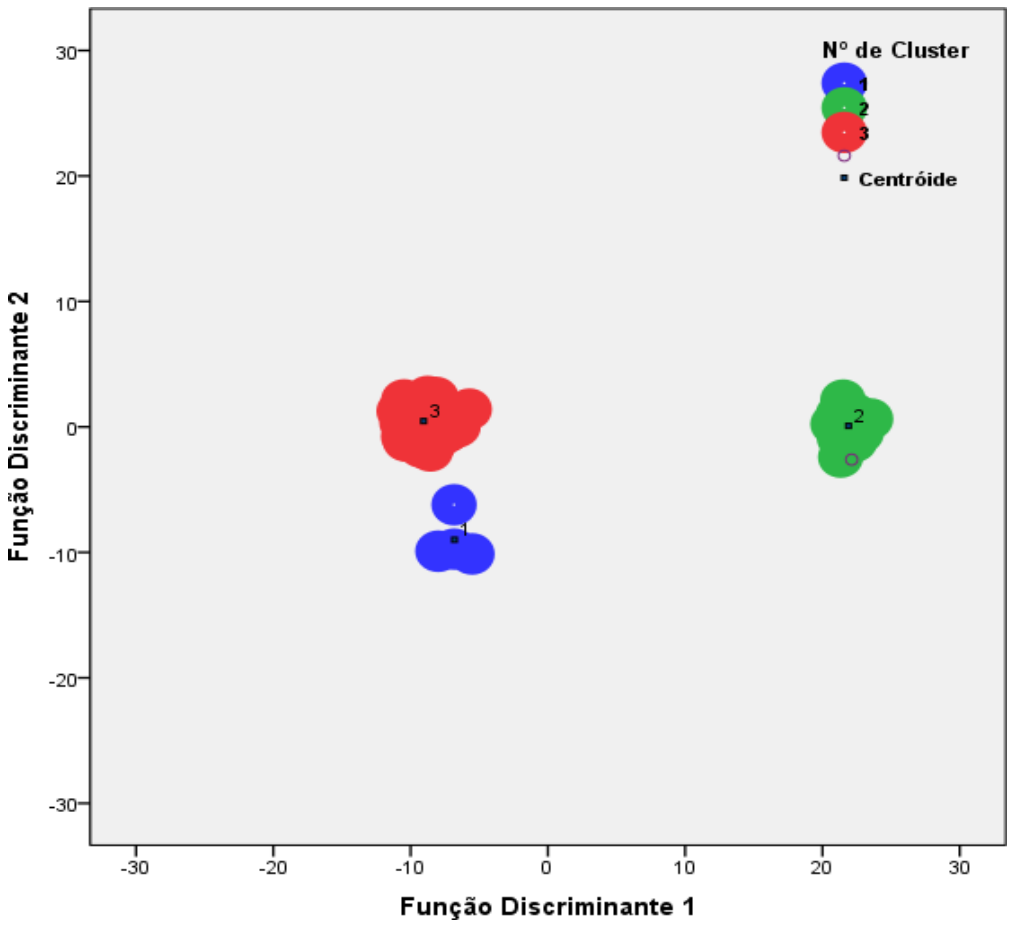
Número do Cluster			Probabilidade de pertencer aos grupos			
			Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**T**
Contagem Original[1]	Cluster	Cluster 1	4	0	0	4
		Cluster 2	0	31	0	31
		Cluster 3	0	0	73	73
	%	Cluster 1	100	0,0	0,0	100
		Cluster 2	0,0	100	0,0	100
		Cluster 3	0,0	0,0	100	100
Contagem Validação Cruzada[2]	Cluster	Cluster 1	2	0	2	4
		Cluster 2	0	31	0	31
		Cluster 3	7	1	64	73
	%	Cluster 1	50	0,0	50,0	100
		Cluster 2	0,0	100	0,0	100
		Cluster 3	9,7	1,4	88,9	100

(1)100% dos casos dos grupos originais estão corretamente classificados.
(2)100% dos casos na validação cruzada estão corretamente classificados.

Com a análise de *cluster* os participantes foram classificados em três grupos com características similares. No Grupo 1 ficaram agrupados quatro indivíduos, no Grupo 2 foram agrupadas 31 pessoas e no Grupo 3 são agrupados 73. Assim, a Figura7 mostra a discriminação dos três grupos de participantes com destaque para os centroides de cada grupo, mostrando a ideia das funções discriminantes separadas nosgrupos.

Figura 7

Mapa Discriminante



O Grupo 1, observaram-se pais autores que majoritariamente pertenciam a unidade do CTMABT, condenados, que não confessaram o crime, sem relação de parentesco com a vítima, crime com o Artigo 217-A, idade abaixo de 45, negro/pardo, evangélicos, sem Ensino fundamental, casados ou em união estável quando presos, atualmente sem relacionamento, média de dois relacionamentos com filhos, menos de três filhos, mãe responsável pelos cuidados na infância, não faziam uso de medicamento,fumante, filho atencioso e carinhoso, “Digo ao meu filho o que é certo e errado”, “Gosto de abraçar e beijar os filhos”, “Não é fácil dizer o que sinto” e “Explico sobre regras aomeu filho”.

No Grupo 2, observou-se pais autores em maioria pertenciam a unidade do PEM II, condenados, que não confessaram o crime, com relação de parentesco com

a vítima, crime com o Artigo 217-A, idade acima de 45, negro/pardo, casados ou em união estável quando presos, atualmente sem relacionamento, média de dois relacionamentos com filhos, mais de três filhos, cuidados na infância pela figura parental mãe, fumante, “Digo ao meu filho o que é certo e errado”, “Não gosto de abraçar e beijar os filhos”, “Não é fácil dizer o que sinto” e “Não explico regras ao meu filho”. Observam-se dois centroides na figura do grupo formado.

No Grupo 3, observou-se pais autores em maioria pertenciam a unidade do CTMABT, condenados, que não confessaram o crime, com relação de parentesco com a vítima, crime com o Artigo 217-A, idade abaixo de 45, negro/pardo, evangélicos, sem Ensino fundamental, casados ou em união estável quando presos, atualmente sem relacionamento, média de dois relacionamentos com filhos, menos de três filhos, cuidados, não faziam uso de medicamento, fumante, filho atencioso e carinhoso, “Digo ao meu filho o que é certo e errado”, “Gosto de abraçar e beijar os filhos”, “É fácil dizer o que sinto” e “Explico regras ao meu filho”.

Nos resultados gerais da análise de *cluster* as variáveis que os discriminam em grupos diferentes foram: o vínculo com a vítima, religião, mãe responsável pelos cuidados na infância, idade, o número de filhos, gostar de beijar e abraçar os filhos, dizer o que sente ao filho e explicar regras ao filho.

No Grupo 2, notou-se que o grupo formado apresentou itens discriminantes não consoantes de comunicação afetiva com os filhos (não gosto de abraçar e beijar os filhos, não é fácil dizer o que sinto e não explico regras ao meu filho). Além disso, apresentou-se como o grupo mais heterogêneo, com dois centroides (Figura 7). As variáveis biosociodemográficas importantes que discriminam esse grupo dos outros grupos foram: vínculo com a vítima, faixa etária acima de 45 anos, cuidados na

infância apenas pela mãe e possuir mais de 3 filhos. Na figura 8 segue quadro descritivo das variáveis que foram diferentes e semelhantes nos grupos formados.

Figura 8

Quadro das diferenças e semelhanças entre os grupos

Variáveis semelhantes	**G1**	**G2**	**G3**
Condenados	X	X	X
Artigo 217-A	X	X	X
Não confessaram o crime	X	X	X
Raça /cor negro e pardo	X	X	X
Dois relacionamentos com filhos	X	X	X
Atualmente sem relacionamento	X	X	X
Quando preso com relacionamento	X	X	X
Fumante	X	X	X
Digo o que é certo e errado ao meu filho	X	X	X
Variáveis diferentes	**G1**	**G2**	**G3**
PEM II		X	
CTMABT	X		X
Com vínculo		X	X
Sem Vínculo	X		
Faixa etária acima de 44 anos		X	
Faixa etária abaixo de 44 anos	X		X
Mãe responsável pelos cuidados na infância			
Evangélico	X		X
Mais de 3 filhos		X	
Menos de 3 filhos	X		X
Sem o Ensino Fundamental	X		X
Não fax uso de medicação	X		X
Filho atencioso/carinhoso	X		X
Gosta de beijar e abraçar os filhos	X		X
Diz o que sente ao filho			X
Explica regras	X		X

Discussão

Expressão do afeto e suporte emocional

Em relação à dimensão expressão de afeto e apoio emocional, segundo Portugal (2015), esta retrata as trocas de mensagens positivas e considera importantes características da comunicação, como: clareza, resolução de

problemas, suporteemocional, apoio verbal, afeto e empatia. Verificou-se que esta dimensão apresentoua maior média de pontuação no instrumento 3,43.

Para Miguel (2015), as expressões de afeto e apoio emocional não são uma reação única, mas um processo que envolve múltiplas variáveis. De acordo com Possebon e Pessebon (2029) caracteriza-se por uma condição complexa que provocaalterações em várias áreas do funcionamento psicológico e fisiológico do ser humano.E relaciona-se a frequência verbal pelo qual expressam-se o carinho e afeto.

Segundo Weber (2017) esse aspecto da comunicação afetiva é de grande relevância no exercício da parentalidade, pois representa uma prática de envolvimentodos pais com a vida dos filhos, e interfere na autoestima deles. Ségrin e Flora (2005)contribuem destacando que estão associadas às trocas de mensagens positivas entre os membros da família e são sinais importantes de demonstração de afeto e empatia.

Por seu torno, Franco (2016) pontua que esses aspectos da comunicação afetiva proporcionam um processo de ligação e de envolvimento entre os pais e a criança, com repercussão favorável para o desenvolvimento. Para Bronfenbrenner essas expressões que ocorrem em um microssistema familiar, ambiente imediato, da pessoa, o afeto é fundamental para as relações estabelecidas na família (Benetti et al., 2013).

Segundo Martins (2021) a exposição a um contexto de risco psicossocial pode influenciar a expressão da comunicação afetiva na interação pais-filhos, contribuindo para variações entre o elevado afeto e proximidade e a ausência de empatia e rejeiçãoem famílias de diferentes contextos. Os AVSCA apresentam risco psicossocial em suahistória de vida, como discutem Habigzang et al. (2005),

ao afirmarem que esses indivíduos frequentemente possuem história de rupturas familiares, abandono, negligência e falecimento dos pais. Contudo, os achados deste estudo i ditaram que os participantes relataram não apresentar dificuldade de expressar sentimentos com os filhos, quando se consideram seus relatos sobre essa experiência.

Disponibilidade parental para a comunicação

Em relação à dimensão disponibilidade parental que apresentou pontuação de média 3,32, trata de conteúdos relacionados à abertura comunicacional, frequência e qualidade do contato. Essa disponibilidade dos pais refere-se ainda a capacidade de interpretar os sentimentos dos filhos, que vão além de questões físicas como fome oudor, mas do fato de serem empáticos (Kirkman, Rosenthal & Feldman, 2005).

De acordo com Lum e Paris (2005) consiste na capacidade do pai em ser sensível, responsivo e de apoiar as necessidades emocionais do seu filho. Esses autores desenvolveram uma escala para para mensurar essa dimensão da comunicação afetiva. Martins (2023) aponta em seus estudos uma importanterelação entre disponibilidade Emocional e estilos educativos parentais. No entanto, essa dimensãofoi a menos encontrada na literatura, de acordo com Gökçe e Yılmaz (2018). e Criscuolo et al. (2023) há poucas pesquisas sobre o tema.

Estudos empíricos apontam que as mães são mais disponíveis para a comunicação em detrimento aos pais, essas pesquisas sobre a comunicação familiar enquadrada no exercício da parentalidade, sugerem a existência diferenças em funçãodo sexo relativamente ao estabelecimento da comunicação, existindo indicadores de que os adolescentes de ambos os sexos tendem a procurar mais as

mães do que os paispara comunicar (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002).

Segundo Logan (2019) para que um pai seja considerado indisponível, algumas situações podem estar presentes: capacidade física limitada para cuidar efetivamente da criança, capacidade mental limitada para cuidar efetivamente da criança, abuso ativo de drogas ou álcool ou história contínua de abuso de substâncias, inadequada supervisão, negligência crônica, encarceramento, morte, nenhum contato ou contato esporádico (por exemplo, não regularmente ou contato regular com meses sem contato) ou paradeiro desconhecido.

Metacomunicação

Em relação à dimensão metacomunicação, onde observou-se média de pontuação de 3,32. Os participantes relataram desenvolver metacomunicação eficiente, no entanto sugere-se que outras pesquisas possam avaliar a metacomunicação nas visitas realizadas com seus filhos.

O termo metacomunicação, de acordo com a teoria da comunicação, é a comunicação sobre a comunicação (Gomes et al., 2014). Watzlavick (1993) utilizou o termo comunicação analógica para representar a metacomunicação. Segundo este estudioso a metacomunicação faz uso recursos não-verbais por meio dos múltiplos canais da expressividade humana (expressões faciais, postura, olhar, movimentos do corpo, toque, entonação da voz, ritmo da fala). As informações trocadas fluem simultaneamente ao processo comunicativo, e referindo-se ao tipo, natureza ouqualidade da própria interação (Machado & Ribeiro, 2022).

Portugal e Isabel (2013) categorizam a metacomunicação como uma das dimensões da comunicação parento-filial, que se desdobram em diversas subcategorias. De acordo com esses autores, numa perspectiva teórica, tal

dimensão está relacionada com a troca de mensagens positivas entre os elementos da família possibilitando uma melhor gestão dos fatores de estresse. Assim a clareza comunicacional, a clarificação de papéis e a liberdade de expressão são característicasalcançáveis por meio da metacomunicação que podem contribuir para uma performance comunicacional de qualidade entre os elementos da família.

Confiança/partilha comunicacional dos pais com os filhos e dos filhos com os pais

Em relação à dimensão confiança/partilha comunicacional dos pais com os filhos e confiança/partilha comunicacional dos filhos com os pais, onde estão aspectosrelativos à partilha equilibrada de questões e problemas pessoais, de pais e de filhos, observou-se média de pontuação 3,37 e 3,34, respectivamente. Sugere-se que em estudos futuros possa ser aplicado o instrumento voltado para os filhos com o intuitode avaliar a percepção do filho na relação com o pai.

Estudos de Xiao, Li e Staton (2010) examinou a concordância entre as percepções parentais e as percepções filiais relativamente à comunicação mantida nas famílias bem como da associação desta comunicação percebida com o ajustamento psicossocial das crianças. Os autores concluíram que os filhos que apresentaram baixos níveis de comunicação aberta com os seus progenitores tendem a demonstrar um ajustamento psicossocial pobre, independentemente da percepção parental.

Em outro estudo, Dunn, O'Connor e Sturgess (2001) constataram que as crianças de famílias reconstituídas desenvolvem relações de menor confiança com ambos os progenitores, comparativamente às crianças de famílias nucleares intactas, enquanto as crianças de famílias monoparentais tendem a partilhar mais atividades com a família do que crianças que vivem em outras composições familiares. Segundo Kirkman et al. (2005) a comunicação baseada na

confiança/partilha equilibra problemas pessoais sobre trabalho, relacionamentos, amizades e família, gera confiança e estreita os laços de afeto.

De forma geral, a literatura demonstra que a comunicação entre progenitores e filhos é influenciada por diversas variáveis, tais como: sexo, estrutura familiar, nívelsocioeconómico, cultura/local de residência e nível de escolaridade (Segrin & Flora, 2005). Contudo, os indicadores confirmaram este resultado quantitativo que as médias dos participantes após a aplicação do instrumento foram próximas ao valor máximo do instrumento. Inferindo-se a presença de comunicação afetiva em pais AVSCA apesar de seu histórico adverso.

O conjunto de dados obtidos neste estudo, identificou um padrão de comunicação afetiva diferente das hipóteses previstas no projeto. Algumas problematizações sobre esse resultado podem ser identificadas, como por exemplo, variáveis que não foram controladas em razão da aplicação de uma versão adaptada do questionário pela pesquisadora, a percepção distorcida em ter uma comunicação adequada com seus filhos, ou ainda o autorrelato distorcido da comunicação com seusfilhos. Tais aspectos precisam ser melhor analisados em pesquisas futuras.

Ressalta-se ainda, que a aplicação do instrumento provocou mobilização emocional nos participantes, o que foi observado a partir do comportamento de choroem contato com a memória afetiva da comunicação que era estabelecida com os filhosno período anterior ao encarceramento. De acordo com Portugal e Alberto (2014) o COMPA possui indicação para aplicação em contextos distintos como avaliação, intervenção e investigação, assim como pode ser aplicada em populações específicas. Essa avaliação proporcionada pelo COMPA permite identificar a existência de eventuais discrepâncias que possam estar na base de mal-

entendidos entre pais e filhose, consequentemente, promover o desenvolvimento de padrões comunicacionais filio-parentais positivos que assegurem comportamentos adequados e uma boa saúde mental.

Análise de *Cluster*

A avaliação exploratória dos agrupamentos, realizados por meio da análise de*Cluster*, demonstrou que os conglomerados apresentavam uma homogeneidade interna, externamente, os 3 (três) conglomerados apresentaram heterogeneidade, especialmente o Grupo 2. Nesse Grupo 2, observou que os participantes com faixa etária acima de 44, mais de 3 filhos e oriundos de famílias monoparentais que não apresentaram itens em consonância com uma comunicação afetiva. Esse dado infere que parece haver uma possível relação entre essas variáveis e a comunicação afetiva de pais AVSCA. No entanto, percebe-se a necessidade de haver novos estudos que possam auxiliar nesta compreensão.

Sobre as características homogêneas dos pais AVSCA, observadas nos grupos do *Cluster,* destacam-se: o tabagismo, escolaridade, a cor/ raça e os relacionamentos. Sobre esses aspectos os estudos de Locatelli et al. (2023) buscaram oferecer um panorama das características homogêneas entre AVSCA pesquisados, identificando esses homens com características de solteiros, baixa escolaridade e que fazem uso desubstâncias psicoativas. Essas características biosociodemográficas também são descritas e associadas a população de AVSCA no estudo de Zilki e Resende (2022).

Sobre as características heterogêneas dos pais AVSCA, a mais evidenciada no*cluster* foi a faixa etária. Oliveira (2016) ressalta que essa população é conhecida pelasua heterogeneidade e destaca que por meio desta separação em grupos que se consegue estudar com clareza as características e obter um padrão de

características associadas a cada um deles e do seu *modus operandi*. Além disso, a caracterização feita em grupos, auxilia os profissionais que trabalham com estas populações a entender melhor suas características.

Percebe-se que a percepção é uma importante característica a ser compreendida. Entender a percepção de pais AVSCA sobre seus relacionamentos nocontexto de carceragem, seja com seus filhos, seus relacionamentos afetivos ou materno e paterno pode levar a reflexões socioemocionais, minimizando distorções cognitivas e promovendo mudanças na sua forma de percebe a si próprio e o seu contexto ao redor.

Conclusão

O Estudo III buscou analisar a percepção da comunicação afetiva em pais AVSCA. Os achados sinalizam a presença de comunicação afetiva em pais AVSCA,observados pela expressão de forte emoção as perguntas do instrumento e memória afetiva ao recorrer da relação que era estabelecida com os filhos no período anterior ao encarceramento.

Em relação às dimensões, na primeira, referente a expressão de afeto e apoio emocional, inferiu-se que os pais AVSCA não apresentaram dificuldade de expressar sentimentos com os filhos. Na segunda dimensão, relacionada a disponibilidade para comunicação, notou-se que os pais AVSCA apresentaram abertura para comunicação com os filhos. Na terceira dimensão, referente a metacomunicação, percebeu-se a presença dessa forma de expressão comunicacional. Assim como, na quarta e na quinta dimensões observou-se a presença de partilha e confiança.

Desta forma, a primeira hipótese testada foi confirmada. E embora, as evidências demonstrem que o pai AVSCA apresente histórico de vida com

experiências adversas e níveis graves de vulnerabilidade social, fatores colaborativos de comportamento disruptivo, em sua prática parental percebe e destaca a presença de percepção de comunicação afetiva com o filho. Por meio de dado observacional notou-se que a lembrança do processo interacional com o filho, pode mobilizar sentimentos de empatia, emoção, afeto e mobilizar planos de reconstrução de vida. Assim, percebeu-se a importância da comunicação afetiva como elemento favorável na inserção de novos estudos sobre o fenômeno da violência.

Ademais, a comunicação afetiva com os filhos pode ser considerada um fatorprotetivo de reabilitação social e conexão emocional de pais AVSCA, uma vez que oprocesso interacional com o filho pode mobilizar sentimentos positivos, com possibilidade de aplicabilidade em políticas públicas de assistência e prevenção de reincidência direcionadas a essa população.

Desta forma, sugere-se mais estudos sobre a comunicação afetiva em pais AVSCA, com a finalidade de que ela possa ser favorecida, estimulada e fortalecida como forma de reabilitação social e resgate de vínculos afetivos, inclusive no ambiente carcerário. Entende-se ainda, a necessidade de estudos que possibilitem que investiguem a comunicação afetiva em outros grupos, como encarcerados homicidas,dependentes químicos, psicóticos e antissociais.

Apesar da relevância do tema, a pesquisa apresentou limitações no que tange a execução da pesquisa, tendo em vista que foi aplicada apenas em duas unidades. Além disso, o acesso a informações sobre a população pesquisada não estava disponível no sistema da SEAP, sendo por isso necessário, primeiramente, aplicar o roteiro de entrevista semiestruturada para se conseguir chegar a amostra somente de pais AVSCA. Outro aspecto limitante da pesquisa foi a ausência de

estudos empíriconacionais sobre o tema, assim toda a discussão realizada foi baseada em literatura internacional.

No que se refere ao instrumento adaptado, observou-se que os testes demonstraram alta confiabilidade e consistência interna. Além disso, sua proposta multidimensional sobre a comunicação parento-filial demonstra possibilidades de aplicabilidade em populações peculiares, assim sugere-se estudos que possibilitem uma possível validação no Brasil.

Ressalta-se que este estudo foi desenvolvido em uma região do Brasil com características peculiares geograficamente. A Amazônia apresenta aspectos culturaise territoriais bem distintos das outras regiões do Brasil e este estudo reflete apopulação deste território.

Referências

Barnes, L., & Olson, D. (1985). Comunicação pais-adolescente e o modelo circunplexo. *Desenvolvimento Infantil*, 56, 438-447. 10.1111/14678624.ep7251647

Benetti, I., Vieira, M., Crepaldi, A., & Schneider, D. (2013). Fundamentos da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicología, 9*(16), 89-99.

Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model, Psychological Review, Washington, D., *American Psychological Association*, 101, 568-586.

Bronfenbrenner, U, & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon e R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: theoreticalmodels of human development*, (1), 993-1027. New York: John Wiley & Son

Criscuolo, M. et al. (2023). Disponibilidade Emocional Parental e Funcionamento Familiar em Subtipos de Anorexia Nervosa em Adolescentes. Saúde Mental Infantil, *Parentalidade, Resiliência Familiar e de Grupos em Crise,* 20(1) https://doi.org/10.3390/ijerph20010068

Dunn, J., Davies, L., O'Connor, T., & Sturgess, W. (2001). Vidas familiares e amizades: as perspectivas dos filhos em famílias com padrastos, monoparentais e sem padrastos. *Jornal de Psicologia Familiar*, 15 (2), 272–287. https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.2.272

Gil, A. (2018). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (7 ed). São Paulo: Atlas. 248p.

Gökçe, G., & Yılmaz, B. (2018). Disponibilidade emocional dos pais e saúde psicológica: o que medeia essa relação?. *Desenvolvedor adulto*, 25 , 37–47. https://doi.org/10.1007/s10804-017-9273-x

Gomes, L., Bolze, S., Bueno, R., & Crepaldi, M. (2014). As origens do pensamento sistêmico: Das partes para o todo. *Pensando familias,* 18(2), 3-16. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pd

Gonçalves, I., Chaves, M., & Lima, E. (2021). A atividade de comunicação emocional. *Notandum*, (56), 97-110. https://doi.org/10.4025/notandum.vi56.5379 Habigzang, L., Koller, S., Azevedo, G, & Machado, P. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348. https://doi.org/10.1590/S0102

Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (2005). Análise Multivariada de Dados. (5 ed). Porto Alegre: Bookman.

Harkness, S. & Super C. (1992). Parental ethnotheories in action. In I. E. Sigel, A. V.McGillicuddy-DeLisi, J. J. Goodnow (Orgs.), Parental belief systems: the

psychological consequences for children. (373-392). Hillsdale, NJ e Hove, UK : Lawrence Erlbaum Associates.

Jiménez, A., & Delgado, A. (2002). Comunicação e conflito familiar durante a adolescência. *Anales de Psicologia,* 18(2), 215-231.

Johnson, R., & Wichern, D. (2007) Applied Multivariate Statistical Analysis. 6th Edition, Pearson Prentice Hall, Upper Saddle River

Kaiser, H., Rice, J., & Mark , I.. (1974). Education and Psychological Measurement. Locatelli, T., Vieira, G., Lindner, S., Warmling, D., & Coelho, E.(2023). Características de homens e mulheres autores de violência sexual: uma revisão de Escopo. *Society and Development,* 12(4), 1-14. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.403751

Lopes, L. (2021). Violência intrafamiliar: suas formas e consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento,* 5(5), 161-173. 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar

Lum, J., & Phares, V. (2005). Assessing the Emotional Availability of Parents. *Journalof Psychopathology and Behavioral Assessment*, 27(3), 211-226. https://doi.org/10.1007/s10862-005-0637-3

Machado, C., & Ribeiro, C. (2022). Os cinco axiomas conjecturais da comunicação aplicados a um estudo de caso clínico. *Pensando familias*, 26(1), 245-262. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext

Malhotra, N., & Dash, S. (2006). Investigación de mercados: una orientación aplicada. *Puerto Alegre: Bookman.*

Martins, C. (2023). Disponibilidade Emocional Parental na perceção dos filhos: Um estudo de validação da LEAP em jovens adultos portugueses. *Universidade do Algarve (Portugal).* Faculdade de Ciências Humanas e

Sociais.

Martins, A., & Nascimento, A. (2017). Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(1), 107-121. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scr

Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3 ed.). Lisboa, Portugal:Edições Sílabo.

Maroco, J. (2021). Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações (3 ed.). Report Number.

Martins, D. (2021). Escala de Afeto e Comunicação na Relação Pais-Filhos: Estudo das Propriedades Psicométricas em Famílias Com e Sem Risco Psicossocial Associado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. *Universidadedo Porto*. https://hdl.handle.net/10216/138185

Mendes, D., & Pessôa, L. (2013). Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Estudos em Psicologia*, 18 (1), 15-25. doi: 10.1590/S1413-73722013000100003

Miguel, F. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional (2015). *Psico-USF*, 20 (1), 153-162. https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114

Mingoti, S. (2005). Análise de Dados Através de Métodos de Estatística Multivariada:Uma Abordagem Aplicada. Belo Horizonte: UFMG.

Nunes, A., & Sales, M. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciênciasem saúde coletiva*, 21 (3), 871-880. https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014

Oliveira, Y., Silva, D., Pombo, A., & Moura, R. (2020). Epidemiologia da

violência sexual infanto-juvenil no município de São Paulo. *Nursing (Ed. bras., Impr.)*,23(271), 5055-5066. http://pesquisa bvsaludgov

Pará. Secretaria de Estado de Administração Penitenciária – SEAP (2023). https://www.seap.pa.gov.br

Portugal, A., & Alberto, I. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: *Desafios e especificidades. Psychologica*, 2(52), 387-400.

Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A Comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 479-487.

Portugal, A., & Alberto, I. (2013). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: Estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 29(4), 381-391.

Portugal, A., & Marques, I. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85-103. https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06

Portugal, A., & Alberto, I. (2014). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA). In A. P. Relvas & S. Major (Eds.). Avaliação familiar – Funcionamento e intervenção Vol. I (44-67). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-0839-6_2

Portugal, A., & Alberto, I. (2015). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes: estudo das variáveis sociodemográficas. *Ciência & Saúde Coletiva,* 20(5), 1389-1400. https://doi.org/10.1590/1413-

81232015205.13222014

Possebon, E., & Possebon, F. (2020). Descobrir o afeto: Uma Proposta de Educação Emocional na Escola. *Contexto & Educação*, 35(110), 163-186. https://doi.org/10.21527/2179-1309.2020.110.163-186

Rencher, A (2002). Methods of Multivariate Analysis. (2 ed.). New York: John Wiley& Son.

Rodrigues, N., Relva, I., Monteiro, & Fernandes O. (2022). Parental Communication and the Sibling Relationship. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, *56*(2), 1598-1612. https://doi.org/10.30849/ripijp.v56i2.1598

Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family communication* London: Lawrence Erlbaum.

Segrin, C., & Flora, J. (2018). Family Communication (3 ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781351132596

Skinner, H., Steinhauer, P., & Sitarenios, G. (2000). Medida de avaliação familiar (FAM) e modelo de processo de funcionamento familiar, *Journal of Family Therapy*, 22(2), 190-210. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0839-6

Watzlawick, P., Beavin, J., & Jackson, D. (1993). *Pragmática da Comunicação Humana. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação* (9 ed.). São Paulo, SP: Cultrix. (Original publicado em 1967).

Weber, A.. A coparentalidade no contexto da guarda compartilhada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). http://www.repositorio.ufsm.br

Xiao, Z., Li, X., & Staton, B. (2010). Perceptions of parent-adolescent communicationwithin families: It is a matter of perspective. Psychology,

Health & Medicine,16(1), 53-65. doi:10.1080/1354856.2010.521563

Zilki, Á,, Aguiar, L., Perissinotto, R., & Resende, A (2020). Autores de Violência Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura. *Revista de Psicologia,* 29(1), 176-200. https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p176-200

Considerações finais da dissertação

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno multifatoriale gerador de problemas devastadores para as vítimas. As pesquisas sobre o tema tratam de forma secundária os autores de violência sexual contra criança e adolescente, sendo uma parte importante para a compreensão desse fenômeno. Assim,buscou-se com a presente pesquisa entender aspectos de sua parentalidade, sobretudo em situações referentes ao processo interacional de comunicação afetiva parento- filial, visto ser uma dimensão central do exercício da parentalidade.

A dissertação tentou alcançar os objetivos propostos que foram identificar e caracterizar a figura parental como autor de violência sexual contra criança e adolescente, descrever algumas características de sua parentalidade e entender sobre a comunicação afetiva dos pais AVSCA em processo interacional com seus filhos, evidenciando relevância ao tema.

O Estudo I caracterizou-se por ser um estudo documental e demonstrou a presença de características heterogêneas entre os pais AVSCA, dado semelhante ao que tem sido encontrado na literatura nacional e internacional sobre essa população. O Estudo II, com dados empíricos, foi desenvolvido em contexto carcerário e trouxe como principais achados dados heterogêneos sociodemográficos dos participantes e da sua parentalidade. E o Estudo III, realizado em contexto ecológico de cárcere, adotou uma abordagem Bioecológica para discutir fatores com influência sobre o desenvolvimento humano de forma contextualizada e em ambientes naturais, visandoapreender a realidade de forma abrangente. Este estudo sinalizou a presença de pais AVSCA com consciência de comunicação afetiva em processo interacional com os filhos, apesar de apresentar

também características heterogêneas conforme as análisesde *cluster*.

Entre as surpresas e dificuldades encontradas nesta pesquisa, citar-se como exemplo a própria resposta a aplicação do instrumento de comunicação afetiva e seusdesmembramentos. Essa surpresa, diz respeito, sobretudo, a resposta dos pais AVSCA a aplicação dos instrumentos envolvidos nos estudos II e III. Tais instrumentos, provocaram um efeito de mobilização emocional nos participantes, observado pelo comportamento de choro e no despertar de memórias afetivas de comunicação, estabelecidas com os filhos no período anterior ao encarceramento, demonstrando o afeto como um elemento de desenvolvimento. Esses aspectos foram observados de maneira recorrente e, de certa forma, imprevistos pela pesquisadora. Todas as vezes que aconteceu essa intensa mobilização emocional no pai AVSCA, foi comunicado a equipe biopsicossocial para que pudessem acompanhar o participante.

Pode ser, que esse sentimento de surpresa pela pesquisadora, esteja relacionado ao conjunto de preconceitos e a imagem social construída sobre essa população. Associados ao histórico de vida marcado por experiências adversas e as graves situações de vulnerabilidade social que esses participantes apresentam em sua trajetória de desenvolvimento e são apontados pela literatura, que permitiram deduzir que os pais AVSCA não iriam demonstrar tais tipos de sentimentos.

Talvez o instrumento possa ter acessado uma área sensível dos autores de violência sexual contra criança e adolescente, o afeto parental, isso pode indicar a possibilidade de que esse processo interacional se caracterize como um meio para setrabalhar aspectos como empatia e afetuosidade. No entanto, ainda é incipiente, necessitando de mais estudos e mais dados para se avaliar como um dos métodos

de intervenção.

Outra situação foi que a partir do Estudo III percebeu-se a necessidade e a relevância de uma possível validação do COMPA no Brasil para aplicação aos AVSCA e sua extensão a outras populações, devido ao seu grau de confiabilidade (analisado no Estudo III) na avaliação da comunicação afetiva. Além disso, entende-se a necessidade de investigações que obtenham a finalidade de esmiuçar possibilidades de intervenção a essa população, principalmente, com a utilização de elementos positivos da parentalidade como emoção e afeto.

Além destes aspectos, despertados pela aplicação do instrumento, a pesquisa suscitou muitos caminhos para estudos futuros, tais como a parentalidade feminina, a relação familiar com autores de violência sexual contra criança e adolescente, as autoras de violência, a interação de crianças e pais encarcerados e de mães e seus bebês no cárcere e seus processos interacionais de comunicação afetiva.

As dificuldades também se fizeram presentes: o acesso a essa população e a dinâmica do sistema penitenciário. O contexto em que foi desenvolvida a pesquisa parece ser outra questão norteadora para os estudos ecológicos. O ambiente de cárcere no Brasil, sobretudo no Pará, tem levado pesquisadores a terem menos acesso a essa população. Primeiramente pela invisibilidade da sociedade, seguido das políticas públicas que preferem não perceber essa população. Assim, como invisível pela academia que não estimula trabalhos científicos com tal população, com baixo investimento, levando a uma baixa produção científica com esses indivíduos, no Brasil.

A invisibilidade contribui para que essa população sofra mazelas e ofensas contra a sua dignidade humana. Essas condições desumanas ao qual a população

carcerária é submetida no país é refletida por unidades penitenciárias superlotadas, condições inadequadas de saúde, higiene, trabalho e educação. Aspectos que demonstram a invisibilidade da sociedade e de políticas públicas da população carcerária e a concepção social construída de que o encarcerado não é titular dedireitos.

Outra dificuldade diz respeito à dinâmica da instituição SEAP, o que levouum período prolongado para autorizar a realização da pesquisa nas unidades penais,delongando a submissão do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa para autorização. Este por sua vez também apresentou problemas de celeridade ao aprovar a pesquisa. Diante deste cenário, ainda se destaca a dificuldade ao acesso às unidades penais, localizadas em ramais distantes dos centros urbanos. Ficando evidente quepesquisas em contextos com essas características: acesso restrito, zona rural, área desegurança, rigor nos procedimentos de revista para adentrar e na entrada de materiaispara a pesquisa, necessitam, minimamente, de condução própria, uma equipe de apoio e recursos materiais adaptados as exigências da instituição. Portanto, requerem maiores incentivos financeiros dos órgãos de fomento à pesquisa.

No entanto, buscou-se ainda minimizar as dificuldades encontradas no percurso de dois anos da pesquisa, sendo que a coleta se delimitou a dois municípios,duas mesorregiões do Estado Pará. Talvez, não seja entendida como uma limitação, mas como uma tentativa de minimizar as dificuldades de um estado com ampla extensão territorial. Em virtude disso, entende-se a necessidade da continuidade nestatemática com esta população.

Uma limitação da pesquisa diz respeito à ampliação da amostra, incluindo outras mesorregiões do Pará, a fim de entender as características da parentalidade

dospais AVSCA, nesta peculiar parte da região Amazônica. Outra limitação é o tempo de acesso à população. Esta pesquisa permitiu um encontro com cada participante. Também não foi permitida a gravação das entrevistas, por motivo de segurança.

Além das dificuldades e das limitações, este trabalho fomentou uma diversidade de perguntas e sinaliza a necessidade de demonstrar a sua contribuição, seja na área, teórica, prática, acadêmica e científica. Assim quanto ao aspecto teórico, é possível afirmar que a estrutura conceitual construída pela pesquisa contribuiu paraa compreensão de um aspecto da parentalidade dos pais AVSCA, a comunicação afetiva em sua relação pareto-filial. Essa compreensão abre novas perspectivas de estudos no sentido de agregar, ao campo da violência sexual, mais uma alternativa teórico-metodológica, que, por sua vez pode favorecer experimentos transformadores que façam a conexão entre ciência e políticas públicas.

Ademais, verificou-se também, contribuições do campo teórico-prático no estudo relacionadas à aplicabilidade no campo das políticas públicas, em função das demandas geradas pelas características observadas, visto que essas informações podem orientar a elaborar estratégias de intervenção para atender esses indivíduos dentro das instituições judiciais ou unidades do sistema penitenciário, promovendo um atendimento especializado.

Em termos científicos, a pesquisa contribuiu no entendimento de uma parte importante do fenômeno da violência que são os autores de violência, permitindo um conhecimento teórico e empírico sobre um aspecto de sua parentalidade, a comunicação afetiva.

Pode-se dizer que, este trabalho avivou relevância profissional para a

autora. Primeiro, porque ampliou a compreensão sobre o processo interacional entre pais e filhos em ambiente carcerário. E segundo, por sinalizar o afeto como um elemento favorável para o desenvolvimento Bioecológico, traduzido pela capacidade de reconstruir relações e de estabelecer vínculos. Aspectos importantes para profissionaisque atuam com pessoas privadas de liberdade em processo de reabilitação.

Também, ressalta-se que as inúmeras adversidades encontradas nesse percursocientífico, possibilitou um desabrochar de aspectos científicos e afetivos de uma população que precisa ser mais estudada. Além de, descortinar-me a percebe, uma mulher do interior da Amazônia, advinda de uma terra de homens/mulheres fortes e valentes, que apesar de todas as dificuldades, tornou-se uma pesquisadora que pode contribuir para ciência e para um fazer profissional diferente.

Referências da Dissertação

Amaoui, S., et al. (2022). A mentalização social em homens perpetradores de violência por parceiro íntimo contra a mulher está associada à conectividade funcional em estado de repouso do Crus II. *Jornal de Pesquisa Psiquiátrica*, (150), 264-271. https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2022.03.044.

Aguiar, E., & Ferreira, C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas, cognitivas e emocionais: revisão integrativa de literatura. *Psicologia e Saúde em Debate*, 6(2), 80–96. https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A6

Alish, Y., et al. (2007). Schizophrenia sex offenders: a clinical and epidemiological comparison study. *Int J Law Psychiatry*, 30(6), 459-66. https://doi.10.1016/j.ijlp.2007.09.006.

Amazarray, M., & Koller, S. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, 11(3), 559-578. https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014.

American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (2012). Practice parameter for psychodynamic psychotherapy with children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *51*(5), 541-557. http://www.jaacap.com/article/890-8567%2812%2900141-4/pdf.

Arendt, H. (2022). *Sobre a violência*. Civilização Brasileira.15ª ed, 155p.

Asscher, J., Hermanns J., & Dekovic, M. (2008). Effectiveness of the Home-Start parenting support program: Behavioral outcomes for parents and children. *Infant Mental Health Journal*, 29(2), 95-113. doi: 10.1002/imhj.20171

Assis, D., Moreira, L., & Fornasier, R. (2021). Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças. *Research, Society and Development*, 10(10), 1-10. https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.19263

Aznar-Blefari, C., Schaefer, L., Pelisoli, C., & Habigzang, L. (2020). Atuação de Psicólogos em Alegações de Violência Sexual: Boas Práticas nas Entrevistas de Crianças e Adolescentes. *Psico-USF*, 25(4), 625-635. https://doi.org/10.1590/1413/82712020250403

Barcellos, T. (2021). Violência contra crianças: descrição dos casos em município da baixada litorânea do Rio de Janeiro. *Escola Anna Nery*, 25(4), 1-9. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0485

Barroso, R., & Machado, C. (2010) Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologia*, 52(1), 211-229. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10

Barreto, A. (2016). Paradigma Sistêmicono Desenvolvimento Humano e Familiar: ATeoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Psicologia em Revista*, 22(2), 275-293. https://dx.doi.org/doi-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P275

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon e R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*, (1), 993-1027. New York: John Wiley & Sons.

Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. (1994) Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model, Psychological Review, Washington, D.C., American Psychological Association, n.101, p. 568-586.

Bueno, R., Vieira, M., & Crepaldi, M. (2017). Envolvimento Paterno com Filhos Adotivos e a Estrutura Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33(1), 1-10. https://doi.org/10.1590/0102.3772e3342.

Burdon, W., & Gallagher, C. (2002). Coercion and Sex Offenders: Controlling Sex-Offending Behavior Through Incapacitation and Treatment. https://doi.org/10.1177/0093854802029001006

Butler, O., et al. (2018). Community violence exposure correlates with smaller graymatter volume and lower IQ in urban adolescent. *Wiley*, 39(5), 2088-2097. https://doi.org/10.1002/hbm.23988.

Bakir, A., Rosa, G., & Shoham, A. (2006). Estilo de comunicação de mães e pais e influência percebida das crianças na tomada de decisões familiares. *Jornal de Marketing de Consumo Internacional*, 19 (2), 75-95. https://doi.org/10.1300/J046v19

Lei de Execução Penal, nº 7.210 de 11 de julho de 1984. Diário Oficial da União.

Recuperado de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm>. Acessoem: 20 jan. 2022.

Café, M., & Nascimento, N. (2020). O psicodrama e o atendimento a autores de violência sexual. *Revista Brasileira de Psicodrama,* 20(2), 127–139. https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/270

Carvalho, B., Lobato, T., Carvalho, A., & Guimarães, J. (2017). Relação da criminalidade com os índices de desemprego: um estudo de caso. *Enciclopédia Biosfera*, 14(25). http://www.conhecer.org.br/enciclop/2017a/soc/relacao.pdf

Caldas, T., et al. (2023). Construção de indicadores da violência sexual contra crianças e adolescentes: um estudo de processos judiciais. *Boletim de Conjuntura*. 14 (42). https://doi.org/10.5281/zenodo.8025458

Capitão, C., & Romaro, R. (2008). Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes. *Psicologia para América Latina*, (13). http://pepsic.bvsalud.org/ Catherine A., et al. (1999). Revisão quantitativa dos efeitos do tratamento de

agressores sexuais na reincidência sexual

Cecconello, A., De Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. Psicologia em Estudo, (8), 45-54.https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007

Collins, W., et al. (2000). Pesquisa contemporânea sobre parentalidade: o caso da natureza e da criação. *American Psychologist, 55*(2), 218-232. https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.2.218

Coltro, B., Paraventi, L., & Vieira, M. (2020). Relações entre Parentalidade e Apoio Social: Revisão Integrativa de Literatura. *Contextos clínicos*, 13(1), 244-269. https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.12

Corrêa, F., & Hohendorff, J. (2020). Atuação da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente em Casos de Violência Sexual. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* 2020, 20(1), 09-29. 10.12957/epp.2020.50787

Cortoni, F., & Marshall, W. (2001). Sex as a coping strategy and its relationship to juvenile sexual history and intimacy in sexual offenders. *Sexual Abuse: a journal of research and treatment*, 13 (1). 27-43. https://doi.org/10.1177/1079063201010104

Costa, L., Cavalcante, L., & Reis, D. (2018). Autores de agressão sexual em contexto intra e extrafamiliar: revisão de literatura. *Mudanças: Psicologia e Saúde*, 26 (2), 61-69. https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69

Dahlberg, L., & Krug, E. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(2), 277-292. https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007

Diniz, E., & Koller, S. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar em Revista*, (36), 65-76. https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100006

Fazel, S., Sjostedt, G., Langstrom, N., & Grann, M (2007). Severe mental illness and risk of sexual offending in men: a case control study based on Swedish national registers. *J Clin Psychiatry*, (68), 588-96.

Ferreira, N., & Nascimento, D. (2019). Sentidos produzidos: homens encarcerados por crimes sexuais contra crianças e adolescentes. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 11(28), 131-150. https://doi.org/10.5007/cbsm.v11i28.69674

Ferraz, M., Xavier, M., & Cabral, I. (2021) Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Densidades*, (29), 134-150. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci-

928209

Fisher, D., Ward, T., & Beech, A. (2006). *Pedophilia*. In J. Fisher & W. O'Donohue (Eds.), Practitioner's guide to evidence-based psychotherapy. New York: Springer

Florentino, B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal*, 27(2), 39-144. https://doi.org/10.1590/1984-0292/805

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads

Glaser, B. (2003). Jurisprudência terapêutica: um paradigma ético para terapeutas em programas de tratamento de agressores sexuais. *Western Criminology Review*,*4*(2), 143–154.

Gil, A. (2018). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas. 248p.

Gorin, M., Mello, R., Machado, R., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_aS1677-

Gomes, Q., & Alvarenga, P. (2017). O Envolvimento Paterno em Famílias de Diferentes Níveis Socioeconômicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(03) https://doi.org/10.1590/0102-3772e323216

Granja, R., Cunha, M., & Machado, H.. (2013). Formas alternativas do exercício da parentalidade: paternidade e maternidade em contexto prisional. *Exaequo*, 2 (28), 73-86. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream

Guisso, L., Bolze, S., & Viera, M. (2019). Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 226-255. 10.4013/ctc.2019.121.10

Habigzang, L., Koller, S., Azevedo, G., & Machado, P. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348. https://doi.org/10.1590/S0102

Hall, R., & Hall, R. (2007). A profile of pedophilia: definition, characteristics of offenders, recidivism, treatment outcomes, and forensic issues. Mayo Clinic Proceedings, 82(4), 457-471.

Hair J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (2005). Análise Multivariada de Dados. (5 ed.) Porto Alegre: Bookman.

Hayeck, C. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira De História & Amp*, 1(1). https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353

Hodgins, S. (1992). Mental disorder, intellectual deficiency and crime: evidence from a birth cohort. *Arch Gen Psychiatry*; (49), 476-83.

Hoghughi, M. (2004). Parentalidade: uma introdução. Em M. Hoghughi & N. Long *Handbook of Parenting: Theory and Research for Practice*, (1 ed.), 2-18.Londres: Sage. doi: https://dx.doi.org/10.4135/9781848608160.n1.

Jeglic, E., Mercado, C., & Levenson, J. (2012). A prevalência e correlatos de depressão e desesperança entre agressores sexuais sujeitos a notificação comunitária e legislação de restrição de residência. *American Journal of Criminal Justice*, 37(1), 46–59. https://doi.org/10.1007/s12103-010-9096-9

Jespersen, A., Lalumière, M., & Seto, M. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: A meta-analysis. Child Abuse & Neglect 33, 179–192.

Kaiser, H., Rice, J., & Little, J. (1974). Education and Psychological Measurement. Kear-Colwell, J., & Boer, D. (2000). The Treatment of Pedophiles: Clinical Experience and the Implications of Recent Research. International Journal of

Offender Therapy and Comparative Criminology, 44 (5), 593-605.

Kobarg, A., Sachetti, V., & Vieira, M. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Journal of Human Growth and Development*, 16(2), 96-102. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext

La Fond, J. (2005). *Prevenção da violência sexual: como a sociedade deve lidar com os agressores sexuais*. Washington, D.: Associação Americana de Psicologia.

Lamb, M., Pleck, J., Charnov, E., & Levine, J. (1985). Paternal Behavior in Humans. American Zoologist, 25, 883-894. https://www.jstor.org/stable/3883043

Lordelo, E. (2006). Investimento parental e desenvolvimento da criança. https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2692.

Lopes, L. (2021). Violência intrafamiliar: suas formas e consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(5), 161-173. 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar

Machado, N., & Guimarães, I. (2014). A realidade do sistema prisional brasileiro e oprincípio da dignidade da pessoa humana. *Revista Eletrônica de Iniciação Científica*, 5(1), 566-581. https://www.univali.br/graduacao/direito-itajai/publicacoes/revista-de-iniciacao-cientifica-ricc

Manfroi, E., Macarini, S., & Vieira, M. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 59-69. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?

Marshall, W., & Pithers, W. (1994). Uma reconsideração do resultado do tratamento com agressores sexuais. *Justiça Criminal e Comportamento*, 21(1), 10-27. https://doi.org/10.1177/0093854894021001003

Marshall, W., et al. (2003). Características do terapeuta no tratamento de agressores

sexuais: dados provisórios sobre sua relação com índices de mudança de comportamento.*Journal of Sexual Aggression, (9),* 25-30.

Martins, C. (2008). Violência contra menores de 15 anos no município de Londrina, Paraná: Análise epidemiológica de suas notificações. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Merriam-Webster's Collegiate Dictionary (s/a). An Encyclopedia Britannica Company. https://www.merriam-webster.com

Mingoti, S. (2005). Análise de Dados Através de Métodos de Estatística Multivariada: Uma Abordagem Aplicada. Belo Horizonte: UFMG.

Miot, H. (2017). Jornal Vascular Brasileiro. *Avaliação da normalidade dos dados em estudos clínicos e experimentais*, 16(2), 88-91. https://doi.org/10.1590/1677-5449.041117

Miranda, M., & Granato, T. (2016). Pais encarcerados: narrativas de presos sobre a experiência da paternidade na prisão. *Psico*, 47, 309-318. https://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23413

Miranda, M. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise daprevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 54, 01-08. https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633

Minayo, M. (1994). A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(1), 7-18. https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500002.

Minayo, M. (2006). Violência e saúde. *Fiocruz*, 1-132. https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf

Minayo, M., Souza, E., Silva, M., & Assis, S. (2018). Institucionalização do tema daviolência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6),

2007-2016. https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04962018

Moura, A. (2007). A criança na perspectiva do abusador sexual. Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Rio Grande do Sul. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1566577&pid=S0 103

Moura, A., & Koller, S. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13 (1), 85-94. https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011

Nunes, A., & Sales, M. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 871-880. https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014

Odalia, N. O que é violência. São Paulo: Nova Cultural. Brasiliense, 2017. 95p.
Oliveira, J., et al. (2014) Violência sexual e ocorrências em crianças e adolescentes:

estudo das incidências ao logo de uma década. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(03), 759-771. https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.1833201

Oliveira, N., et al. (2019). Violência contra crianças e adolescentes em Manaus, Amazonas: estudo descritivo dos casos e análise da completude das fichas de notificação. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29 (1). https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100012

Organização Mundial da Saúde (2002). Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. https://www.cevs.rs.gov.br

Quayle, E., et al. (2006). *Apenas fotos? Trabalho terapêutico com agressores sexuais na internet*. Dorset, Reino Unido: Russell House.

Parente, M., Scherer, L., Zimmermann, N., & Fonseca, R. (2009). Evidências do

papel da escolaridade na organização cerebral. *Neuropsicologia Latinoamericana*, 1(1), 72-80. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php

Pasqual, K., Braccialli, L., & Volponi, M. (2010). Alojamento conjunto: espaço concreto de possibilidades e o papel da equipe multiprofissional. *Cogitar e Enfermagem***,** 15(2). http://dx.doi.org/10.5380/ce.v15i2.17872.

Paraventi, L. (2018). Construção e evidências de validade de uma medida das dimensões da parentalidade para pais e mães de crianças pré-escolares

Pechorro, P., Poiares, C., & Vieira, R. (2008). Caracterização psicologia de uma mostra forense de abusadores sexuais. Análise psicológica, 4 (26), 615-626.

Pelisoli, C., Pires, J., Almeida, M. & Dell'Aglio, D. (2010). Violência sexual contra crianças e adolescentes: dados de um serviço de referência. *Temas em Psicologia*, 18(1), 85-97. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artte

Phillips S., Heads T., Taylor P., & Hill G. (1999). Sexual offending and antisocial behavior among patients with schizophrenia. *J Clin Psychiatry*; 60(3), 170-4.

Platt, V., Back, I., Hauschild, D., & Guedert, J. (2018). Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019-1031. https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016

Pimentel, A. (2010). Avaliação psicológica na DEAM: um estudo de caso de violência sexual infantil. *Mal-Estar,*10(2), 585-603. ISSN 1518-6148.

Pleck, J. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*, 58–93. https://psycnet.apa.org/record/2010-04805-003

Politd. F., & Beck, C. (2018). Fundamentos da pesquisa em Enfermagem: Avaliação de Evidências para a Prática de Enfermagem. 9 ed. Porto Alegre: ArtMed.

Poeppl, T., et al. (2015). Conectividade e perfil funcional de estruturas cerebrais

anormais na pedofilia. https://doi.org/10.1002/hbm.22777

Porto, M. (2015). A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. *Sociedade e Estado,* 30(1), 19-37. https://doi.org/10.1590/S0102-69922015000100003.

Reis, D., Barros, A., & Cavalcante, L. (2015). Agressor sexual de crianças e adolescentes: uma discussão sobre o gênero dos participantes na literatura. *Psicologia em Revista*, 21(2), 252-272. https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P251

Reis, D. (2016). Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de vida. *Tese de doutoramento,* Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, UFPA. http://200.130.18.222/images/stories/download/pct/2017/MencoesHonrosas/Psicologia

Reis, D., & Cavalcante, L. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276.

Reis, D., & Cavalcante, L. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de criança e adolescente, AASCAS: Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php

Rencher, A. (2002). Methods of Multivariate Analysis. (2 ed.). New York: JohnWiley & Son.

Ribeiro, A. (2018). Programas de Reinserção para abusadores sexuais. Universidade do Porto.

Sacramento, L., & Rezende, M. (2006). Violências: lembrando alguns conceitos.

Aletheia, (24), 95-104. ttp://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scriptex

Sanfelice, M., & De Antoni, C. (2010). A Percepção do Abusador Sexual sobre a (Sua) Sexualidade. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 131-139. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420640014

Santiago, A., & Guimarães, G. (2019). Desemprego e crime: uma análise temporal para a região metropolitana de porto alegre. *Revista de Estudos Sociais*, 21(42), 84-98. https://doi.org/10.19093/res7158

Santos, E., et al. (2022). Violência sexual contra crianças e adolescentes durante a pandemia de covid-19: dados do ano de 2020 em um serviço de referência no estado do Pará. *Residência Pediátrica*. (1). https://doi.org/10.25060/residpediatrica

Santos, T. (2019). As consequências da escravidão na história do negro no Brasil. *Educação e Pesquisa*, 2(1), 47-57. https://www.revistas.uneb.br/index.php

Santos, M., Mascarenhas, M., Rodrigues, M., & Monteiro, R. (2018). Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola - Brasil, 2010-2014. Epidemiologia e Serviços de Saúde. 27(2), 2237-9622. https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000200010

Santos, L. (2017). Ser pai: concepções e práticas da parentalidade paterna Schmickler, M. (2006). O protagonista do abuso sexual: Sua lógica e estratégias. Rio de Janeiro: Argos. 270p.

Schmidt, B., Staudt, A., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9(1), 01-18. 10.4013/ctc.2016.91.01

Smith, A. (2000). Offence characteristics of psychotic men who sexually assault women. *Med Sci Law*, 40(3), 223-8.

Serafim, A., Saffi, F., Achá, M., & Barros, D. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), 143-147. https://www.scielo.br/j/rpc/a/VS6r7mDKrT5sjN/?format=pdf&lang=pt

Silva, M., & Vieira, M. (2018). Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 361-383. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?08-42812018000100020

Silva, M., Brito, A., Araújo, A., & Abath, M. (2013). Caracterização dos casos de violência física, psicológica, sexual e negligências notificados em Recife, Pernambuco no ano de 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 22(3), 403-412. https://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742013000300005

Silveira, R., & Pinheiro, R. (2014). Entendendo a necessidade de médicos no interior da Amazônia. *Revista brasileira de educação,* 38(4), 451-459. https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000400006

Soares, D., & Nascimento, M. (2019). Percepções de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual incestuoso sobre o lugar vivenciado: lembranças e relatos. *Revista Geografia em Atos,* 14(7), 51-73. https://revista.fct.unesp.br

Souza, W. (2021). Relações entre Parentalidade e Funções Executivas: Uma Revisão Sistemática *Estudos e Pesquisas em* Psicologia, 21(1). 10.12957/epp.2021.59386

Serran, G., Fernandez, Y., Marshall, W., & Mann, R. (2003). Questões processuais no tratamento: Aplicação a programas de agressores sexuais. *Psicologia Profissional: Pesquisa e Prática,* 4, 368-374.

Stroff, B., & Vieira, M. (2020). Autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes:

enfrentamento para além das grades da prisão. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão,* 11(2). https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/104297

Von Hohendorff, J., & Dapieve Patias, N. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, (49), 239-257.

Valença, A., et al. (2013). Revista de Psiquiatria Clínica, 40(3), 97-104

Vieira, S. (2010). Ofensores sexuais: das crenças ao estilo de pensamento. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade do Minho. 221p.

Unicef (2021). Fórum brasileiro de Segurança Pública: *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil.* https://www.unicef.org/brazil

World Health Organization (2016). INSPIRE: seven strategies for ending violence against children. 108p. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle

Waiselfisz, J. (2011). Mapa da violência dos jovens no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, Brasília, Distrito Federal. Ministério da Justiça.

Wermuth, M., & Nielsson, J (2019). A "carne mais barata do mercado": uma análise biopolítica da "cultura do estupro" no Brasil.: uma análise biopolítica da "cultura do estupro" no Brasil. *Revista da Faculdade de Direito da UERJ*, (34), 171–200. https://doi.org/10.12957/rfd.2018.26835

Yates, P. (2009). A negação do ofensor sexual está relacionada ao risco de ofensa sexual e à reincidência?. *Psicologia, Crime e Direito,* 15*(*2-3), 183-199. https://doi.org/10.1080/10683160802190905

Zárate, M., & Sapori, L. (2021). A dinâmica do desemprego e seus possíveis efeitos na dinâmica da criminalidade na região metropolitana de Belo Horizonte no

período de 2012 a 2019. *Revista do departamento de ciências sociais (PUC).* 3(2), 185-210. https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2021v3n2p186-210

Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382

Apêndices

Apêndice A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada com AVSCA

1. IDENTIFICAÇÃO		
Unidade Penal	Cidade	Aplicador: MARISA
Data:	Início	Término
Nome da Pessoa Privada de Liberdade		
Data de nascimento	Idade atual (2022)	Crime (artigo):
2. **DADOS PROCESSUAIS**		
Situação Jurídica:	Sentença Condenatória:	
Cidade do Crime:	Nega o delito? Sim ( ) Não ( )	
Relação de parentesco com a vítima? Sim ( ) Não ( ). Se sim, qual?		
3. INFORMAÇÕES BIOSSOCIODEMOGRÁFICAS		
Cor/etnia: ( ) Branca ( ) Negra ( ) Parda ( ) Amarela ( ) Indígena		
Grau de Escolaridade		Religião:
Possui profissão? Sim ( ) Não ( ) Se sim, qual?		
Estado civil quando foi preso ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) União estável ( ) Divorciado ( ) Viúvo		
Estado civil quando foi atual ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) União estável ( ) Divorciado ( ) Viúvo		
Possui alguma doença?	Faz uso de medicação?	
Tabagismo?	Início?	
É usuário de alguma substância psicoativa?	Início?	
4. CARACTERIZAÇÃO DA PARENTALIDADE		
Foi criado pelos pais biológicos na infância? Sim ( ) Não ( ). Se não, por quem foi criado?		
Possuía desejo de ter filhos?	Qual o número de filhos?	
Relacionamentos que geraram com filho? Sim ( ) Não ( ) Se sim, qual o número?		
Registrou os filhos? Sim ( ) Não ( ) Se não, indicar quantos não foram registrados?		
Contato frequente com o filho antes do cárcere? Sim ( ) Não ( ) Se sim, qual a frequência?		
Realizava atividades lúdicas com o filhos Sim ( ) Não ( ) Se sim, qual?		
Participava de alguma atividade do cotidiano do filho? Sim ( ) Não ( ) Se sim, qual?		

_____

Assinatura do Aplicador

Apêndice B – Roteiro adaptado de comunicação afetiva adaptado

EXPRESSÃO DO AFETO E APOIO EMOCIONAL				
(1) Nunca – (2) Raramente – (3) Muitas vezes – (4) Sempre	**1**	**2**	**3**	**4**
O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo?				
Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado?				
Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho?				
É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?				
Explico regras ao meu filho?				
Digo que gosto do meu filho?				
Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas?				
Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe?				
O meu filho gosta de conversar comigo?				
Procuro animar o meu filho quando ele está triste?				
Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?				
O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto?				

DISPONIBILIDADE PARENTAL PARA A COMUNICAÇÃO				
(1) Nunca – (2) Raramente – (3) Muitas vezes – (4) Sempre	**1**	**2**	**3**	**4**
O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele?				
É fácil impor regras e limites ao meu filho?				
Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho?				
O meu filho entende aquilo que quero lhe dizer?				
Quando eu e o meu filho estamos com raiva discutimos conflituosamente?				
O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso?				
Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim?				
Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho?				

METACOMUNICAÇÃO				
(1) Nunca – (2) Raramente – (3) Muitas vezes – (4) Sempre	**1**	**2**	**3**	**4**
Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho?				
Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera?				
Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo?				
Tento compreender o ponto de vista do meu filho?				

Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando?				
Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado?				
Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê?				
Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma?				

CONFIANÇA/PARTILHA COMUNICACIONAL DOS PROGENITORES PARA OS FILHOS				
(1) Nunca – (2) Raramente – (3) Muitas vezes – (4) Sempre	**1**	**2**	**3**	**4**
Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas?				
Sei que posso contar com o apoio meu filho?				
Sinto que posso confiar no meu filho?				
Quando quero falar sobre algo, é com o meu filho que gosto de conversar?				
Converso com o meu filho sobre minha infância e da forma como fui educado?				
Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante?				
Converso com o meu filho quando me sinto triste ou com raiva?				

CONFIANÇA/PARTILHA COMUNICACIONAL DOS FILHOS PARA OS PROGENITORES				
(1) Nunca – (2) Raramente – (3) Muitas vezes – (4) Sempre	**1**	**2**	**3**	**4**
Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar?				
Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo?				
Compreendo os problemas e preocupações do meu filho?				
Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente?				
O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação?				
Gostava que o meu filho fosse criança para sempre?				
O meu filho conversa comigo sobre as obrigações/responsabilidades que tem?				

OBSERVAÇÕES:

Apêndice C – Modelo do Termo de consentimento livre e esclarecido

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para você participar de um estudo intitulado "Prática parental de comunicação afetiva na relação diádica pai-filho: um estudo no ambiente carcerário com autores de violência sexual", do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento Humano (LED) do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), que tem como pesquisadoras responsáveis a professora Dr.ª Daniela Castro dos Reis e a mestranda Marisa Trindade Pereira.

O estudo visa caracterizar e compreender alguns aspectos da prática parentalreferente a comunicação afetiva de pais AASCA em relação diádica com seus filhos. Osparticipantes deverão ter faixa etária superior a 18 anos, terem filho, possuir sentençacondenatória e cumprindo pena privativa de liberdade em Unidade Penal do Estado Pará.Caso você aceite participar, será possível interromper sua participação a qualquer momento sem que isso acarrete retaliação ou represálias de qualquer natureza, devendoapenas ser avisada da sua desistência. E a aplicação dos instrumentos levará cerca de 30minutos. Que consistirão em um questionário e um roteiro adaptado. Esta pesquisa éanônima. Os dados fornecidos serão confidenciais e apenas utilizados para finscientíficos, podendo ser apresentados em congressos ou publicações científicas, não
havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Durante sua participação, é possível que você se sinta desconfortável ao responder algumas perguntas. Saiba que você tem a liberdade de interromper o preenchimento do questionário e de a escala a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo. Sua participação é voluntária.

Não há recebimento de benefícios diretos, porém, os dados coletados serão utilizados para expandir os conhecimentos atuais acerca dos autores de violência

sexualcontra crianças e adolescentes e contribuir para a elaboração de políticas públicas voltadas a essa questão. Os resultados obtidos permitirão o desenvolvimento de uma Dissertação de Mestrado, podendo também haver apresentações em eventos científicos e publicações, seja em formato de resumo ou artigo. Informo ainda que a SEAP autorizou a realização da pesquisa e dos procedimentos metodológicos propostos.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa, você deverá ligar para o Comitê deÉtica do Núcleo de Medicina Tropical (NMT), situado na Av. Generalíssimo Deodoro, 92 – Umarizal, primeiro andar, ou ainda pelo telefone: (91) 3201-0961, ou pelo e-mail: cepnmt@ufpa.br.

Leia a declaração abaixo e, caso concorde em participar da presente pesquisa, assine seu nome completo. Caso contrário, basta devolver o formulário.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo sido assim esclarecidos os objetivos, importância e o modo como os dadosserão coletados nessa pesquisa; os riscos e benefícios que ela trará para mim e todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa: “Prática parental de comunicação afetiva na relação diádica pai-filho: um estudo no ambiente carcerário com autores de violência sexual”.

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma, assim como os seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, confirmo minha participação napresente pesquisa.

_____,____/___/_____

_____

Assinatura do Participante

Apêndice D – Modelo do ofício encaminhado a SEAP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

Belém, 22 de agosto de 2022.

Ilmo. Sr.

Marco Antônio Sirotheau Correa Rodrigues

Secretário de Estado de Administração Penitenciária

Por meio deste ofício apresentamos o projeto de pesquisa intitulado **Prática parental de comunicação afetiva na relação pai-filho: um estudo no ambiente carcerário com autor de violência sexual,** proposto pela mestranda Marisa Trindade Pereira, discente do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, que deverá ser desenvolvido sob a minha orientação. Tal iniciativa aponta para a perspectiva de trabalho conjunto e cooperação técnico-científica entre a Universidade Federal do Pará e a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária de ações como: participação em entrevista, preenchimento de um instrumento do tipo de escala e da observação das visitas familiaresde autores de violência sexual contra crianças e adolescentes (AVSCA).

Este projeto, parte do pressuposto que a agressão sexual infanto-juvenil se caracteriza como todo envolvimento da criança e/ou adolescente em uma atividade sexual, na qual a vítima não está preparada em termos de desenvolvimento para compreendê-la (World Health Organization, 2016). Esse tipo de violência é considerado um problema para a sociedade, associado a uma relação assimétrica, que emerge em contexto de desigualdade de poder e tem como finalidade de obtenção de prazer sexual por parte do AASCA.

Estudos envolvendo o autor da agressão sexual e suas características são incipientes no Brasil. Assim, estudar os autores de agressão sexual contra criança e adolescente parece ser um aspecto essencial para a compreensão do complexo fenômenoda agressão sexual. Nesta complexidade, a parentalidade do AASCA é um assunto inexplorado. Embora as evidências empíricas revelem o alto índice de autores serem o pai ou o padrasto da vítima (Miranda et al., 2020, Soares & Nascimento, 2019 e Platt etal., 2018).

Assim, com o intuito de contribuir para as pesquisas sobre agressão sexual contracriança e adolescente, na perspectiva da parental do AASCA, este estudo propõe-se em analisar a prática parental referente a comunicação afetiva de pais autores de agressão sexual contra criança e adolescentes em relação com seus filhos. Neste sentido, o projeto apresenta como objetivos específicos: Caracterizar biosociodemograficamente os participantes da pesquisa (pais AASCA)

- ✓ Analisar a percepção dos pais AASCA sobre a comunicação afetiva com os filhos.
- ✓ Identificar a prática parental de comunicação afetiva de pais (AASCA), no contextodo cárcere no momento de visita de seus filhos (não vítimas).

Para se alcançar os objetivos propostos, entendemos ser necessário o envolvimento e a colaboração de instituições na esfera de Poder Público, no sentido de investigar e compreender as razões para esta forma de violência. Nessa direção, entendemos ser importante e valiosa a parceria da Universidade Federal do Pará com a Secretária de Administração Penitenciária, objetivando facilitar o acesso a informações e evidências que permitirão compreender aspectos importantes acerca dos autores da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Portanto, reafirmando nossa intenção de realizarmos estudos e trabalhos compartilhados entre as instituições envolvidas, solicitamos, para tanto, autorização

e apoio à realização da pesquisa proposta.

Anexo a este ofício segue

1- Cópia do projeto de pesquisa;

2- Dois instrumentos de avaliação;

3- Um termo de autorização do comitê de ética.

Atenciosamente,

Daniela Castro dos Reis
Professora do Programa de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Docente do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Fernando Augusto Ramos Pontes
Coordenador do Programa de Teoria e Pesquisa do ComportamentoDocente do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Apêndice E – Termo de concordância da SEAP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Estamos realizando uma pesquisa intitulada **Prática parental de comunicação afetiva na relação pai-filho: um estudo no ambiente carcerário com autor de violência sexual,** desenvolvida pela mestranda Marisa Trindade Pereira, membro Grupode Estudos de Autores de Violência (GEAV), do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientada pela professora Dr.ª Daniela Castro dos Reis, docente e pesquisadora do Programa de Pós- Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento UFPA. A pesquisa tem como objetivo analisar a prática parental referente a comunicação afetiva de pais autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes em relação pai-filho.

Para isso, será necessário realizarmos um estudo com uma amostra de 80 participantes, que envolverá a realização de entrevistas com os autores de violência e a aplicação de um instrumento (Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA) em quatro unidades prisionais, que de acordo com o mapa Mesorregional da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP, 2020) estão distribuídas da seguinte forma: a Central de Triagem Masculina de Abaetetuba (CTMABT), localizada no município de Abaetetuba pertencente a mesorregião Tocantins, Presídio Estadual Metropolitano II (PEM II), localizado no Complexo Penitenciário do município de Marituba, Centro de Recuperação do Coqueiro (CRC) uma unidade penal do municípiode Belém, localizado no bairro do Coqueiro e a Central de Triagem Metropolitana de Belém II (CTM II), localizados no município de Ananindeua.

E observações sistemáticas, das filmagens do momento da visita familiar, no qualexiste processo interacional de crianças com seus pais (AVSCA). Tendo como amostra 10 (dez) pais AVSCA que receberam a aplicação do instrumento COMPA e encontram-se custodiados no CTMABT e seus filhos (não-vítimas), na faixa etária de 6 e 12 anos, que mantêm o vínculo com o pai, por meio de visitas.

Será encaminhado um Termo de Consentimento aos próprios participantes, paraque estes apresentem concordância em relação a sua participação. A coleta de dados queenvolverá a entrevista e a aplicação da escala deverá levar em torno de 30 minutos cadauma, sendo previsto um encontro com cada participante. Os instrumentos serão aplicadosindividualmente para aqueles que apresentarem sua concordância em horário previamente marcado pela SEAP. As filmagens serão no período da visita familiar.

Os participantes deste estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo para ele. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntosrelacionados a este estudo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição envolvida, já que apenas a equipe de pesquisa terá acesso às informações obtidas na pesquisa. Todo o material desta pesquisa ficará armazenado no Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da UFPA e será destruído depois de um período de cinco anos. Informamos ainda que o estudo está de acordo com a resolução nº 196 de 10/10/1996 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando assim todos os aspectos éticos em pesquisa detalhados na resolução.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para o esclarecimento de algumas questões sobre o autor de violência sexual contra crianças e adolescentes. Desde já agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para o esclarecimento através do telefone do Programa em Teoria e Pesquisa do Comportamento da UFPA, fone/fax (91)3201-7662, Coordenação (91) 3201-8542, Secretária (91)3201-8476, e-mail: laurassilveira@outlook.com.

Data___/___/__

Daniela Castro dos Reis - Orientadora responsável Tel: (91) 98215-1992

Marisa Trindade Pereira - Mestranda responsável Tel: (91) 981404055

Autorizo a realização da pesquisa e que a equipe de pesquisa possa ter acesso as Unidades Penais.

_____

Marco Antônio Sirotheau Correa Rodrigues
Secretário de Estado de Administração Penitenciária

Apêndice F – Manual de categorização da entrevista e do Roteiro Adaptado

Manual para categorização de Entrevista Semiestruturada com pais autores de violência sexual contra crianças e adolescentes e para o roteiro adaptado de comunicação afetiva entre pai-filho

VALORES FIXOS	
SI = **99** Não se aplica = **50** Nenhum ou zero = **0**	
Aplicador	Marisa = **1**
Município	Abaetetuba = **1** Marituba = **2**
Unidade Penal	CTMABT = **1** PEM II= **2**
Informações Processuais	
Cidade do crime	**Anexo I**
Situação Jurídica	Provisório = **1** Condenado = **2**
Nega o crime	Sim = **1** Não = **2**
Crime (Artigo do Código Penal Brasileiro)	**Anexo II** Artigo 217-A **= 1** Artigo 217-A (Reincidência) **= 2** Artigo 217-A com artigo 226, inciso II **= 3** Artigo 217-A com o artigo 71 **= 4** Artigo 217-A com o artigo 147 **= 5** Artigo 217-A com 241-B (ECA) = **6** Artigo 217-A + 121 **= 7** Artigo 217-A + 69 **= 8** Artigo 217-A + 136 = **9** Artigo 217-A + 61 = **10**
Parentesco com a vítima	Sim = **1** Não = **2**
Qual o vínculo com a vítima	Não se aplica = **50** Padrasto = **1** Pai = **2** Irmão = **3** Avô = **4** Avôdrasto = **5** Primo = **6** Tio = **7** Cunhado = **8** q Cônjuge = **9**
Dados Sociodemográficos	
Idade	Valor absoluto
Cor/Etnia	Branco = **1** Negra = **2** Parda = **3** Amarela = **4**

	Indígena = **5**
Religião	Evangélico = **1** Católico **= 2** Cristão = **3** Sem religião **= 4** Judeus **= 5**
Escolaridade	Ensino Fundamental I (1° ao 5° ano) = **1** Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) = **2** Ensino Fundamental Completo = **3** Ensino Médio incompleto = **4** Ensino Médio completo= **5** Ensino Superior incompleto= **6** Ensino Superior completo= **7** Nível técnico = **8** Analfabeto = **9**
Ocupação (profissão)	Agricultor = **1** Extrativista = **2** Pescador **= 3** Trabalhador da pecuária= **4** Trabalhador de produção industrial = **5** Operador de máquina = **6** Condutor de veículo = **7** Trabalhador de comércio = **8** Trabalhador de serviço administrativo = **9** Sem ocupação = **11**
Estado Civil preso	Solteiro = **1** Casado = **2** União Estável = **3** Divorciado = **4** Viúvo = **5**
Estado Civil atual	Solteiro = **1** Casado = **2** União Estável = **3** Divorciado = **4** Viúvo = **5**
Número de relacionamentos?	Nenhum = **0** Não se aplica **= 50** Nos demais adotar o valor absoluto
Possui Filhos	Sim = **1** Não = **2**
Quantos filhos	Adotar o valor absoluto

Responsável pelos cuidados na infância	Mãe/Pai= **1** Mãe = 2 Pai = **3** Avô/Avó = **4** Irmãos = **5** Tia/Tio = **6** Adotivo = **7**
Possui alguma doença?	Sim = **1** Não = **2**
Faz uso de medicação?	Sim = **1** Não = **2**
Tabagismo	Sim = **1** Não = **2**
Idade que inicio?	Não se aplica **= 50** Adotar valor absoluto
Usuário de substância psicoativa?	Sim = **1** Não = **2**
Usou ou usa substância psicoativa?	Não se aplica **= 50** Álcool = **1** Maconha = **2** Cocaína = **3** Oxi = **4** Crack = **5** Usuário de várias substâncias psicoativas = **6**
Idade que iniciou?	Não se aplica **= 50** Adotar o valor absoluto
CARACTERIZAÇÃO DE PARENTALIDADE	
Desejo de ter filhos?	Sim = **1** Não = **2**
Registrou os filhos?	Sim = **1** Não = **2** Não registrou todos = 3
Possuía contato frequente com o filho antes do encarceramento?	Sim = **1** Não = **2** Não se aplica **= 50**
Quantos filhos?	Todos = **1** Nenhum **= 2** Maioria dos filhos = **2**
Realizava atividades lúdicas com os filhos?	Sim = **1** Não = **2**
Quais as atividades lúdicas com os filhos?	Não se aplica **= 50** Lazer = **1** Entretenimento **= 2** Esporte **= 3**
Participava de alguma atividade da vida do filho?	Não se aplica **= 50** Sim = **1** Não = **2**

Quais atividades participava?	Escolares = **1** Religiosa = **2** Social **= 3**
ROTEIRO ADAPTADO DE COMUNICAÇÃO AFETIVA ADAPTADO	
Expressão do afeto e apoio emocional	
O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Explico regras ao meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Digo que gosto do meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
O meu filho gosta de conversar comigo?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Procuro animar o meu filho quando ele está triste?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Disponibilidade parental para a comunicação	

O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
É fácil impor regras e limites ao meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
O meu filho entende aquiloque quero lhe dizer?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando eu e o meu filho estamos com raiva discutimos conflituosamente ?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Metacomunicação	
Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**

Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Tento compreender o ponto de vista do meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Confiança/partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	
Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Sei que posso contar com o apoio do meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Sinto que posso confiar no meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando quero falar sobre algo, é com o meu filho que gosto de conversar?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**

Converso com o meu filho sobre minha infância e da forma como fui educado?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Converso com o meu filho quando	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
me sinto triste ou com raiva?	
Confiança/partilha comunicacional dos filhos para os progenitores	
Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Compreendo os problemas e preocupações do meu filho?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
Gostava que o meu filho fosse criança para sempre?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**
O meu filho conversa comigo sobre as obrigações e responsabilidades que tem?	Nunca = **1** | raramente = **2** | Muitas vezes = **3** | Sempre = **4**

Anexo do Manual I

Abaetetuba = 1
Abel Figueiredo = 2
Acará = 3
Afuá = 4
Água azul do Norte = 5
Alenquer = 6
Almerim = 7
Altamira = 8
Anajás = 9
Ananindeua = 10
Anapu = 11
Augusto Corrêa = 12
Aurora do Pará = 13
Aveiro = 14
Bagre = 15
Baião = 16
Bannach = 17
Barcarena = 18
Belém = 19
Belterra = 20
Benevides = 21
Bom Jesus do Tocantins = 22
Bonito = 23
Bragança= 24
Brasil Novo = 25
Brejo Grande do Araguaia = 26
Breu Branco = 27
Breves = 28
Bujaru = 29
Cachoeira do Piriá = 30
Cachoeira do Arari = 31
Cametá = 32
Canaã dos Carajás = 33
Capanema = 34
Capitão Poço = 35
Castanhal = 36
Chaves = 37
Colares = 38
Conceição do Araguaia = 39
Concórdia do Pará = 40
Cumaru do Norte = 41
Curionópolis = 42
Curralinho = 43
Curua = 44
Curuçá = 45
Dom Elizeu = 46
Eldorado dos Carajás = 47
Faro = 48
Floresta do Araguaia = 49
Goianésia = 51
Garrafão do Norte = 50
Gurupá = 52
Igarapé Açu = 53
Igarapé-Miri = 54
Inhangapi = 55
Ipixuna do Pará = 56
Irituia = 57
Itaituba = 58
Itupiranga = 59
Jacareacanga= 60
Jacundá = 61
Juruti = 62
Limoeiro do Ajuru = 63
Mãe do Rio = 64
Magalhães Barata = 65
Marabá = 66
Maracanã = 67
Marapanim = 68
Marituba = 69
Medicilândia = 70
Melgaço = 71
Mocajuba = 72
Prainha = 99
Moju = 73
Mojui dos Campos = 74
Monte Alegre = 75
Mosqueiro = 76
Muaná = 77
Nova Esperança do Piriá = 78
Nova Ipixuna = 79
Nova Timboteua =80
Novo Progresso = 81
Novo Repartimento = 82
Óbidos = 83
Oeiras do Pará = 84
Oriximiná = 85
Ourem = 86
Ourilândia do Norte = 87
Pacajá = 88
Palestina do Pará = 89
Paragominas = 90
Parauapebas = 91
Pau D'Arco = 92
Peixe-boi = 93
Piçarra = 94
Placas = 95
Ponta de Pedras = 96
Portel = 97

Porto de Moz = 98 Primavera = 100
Quatipuru = 101
Redenção =102
Rio Maria =103 Rondon do Pará = 104 Rurópolis = 105
Salinópolis = 106
Salvaterra = 107
Santa Bárbara do Pará = 108 Santa Cruz do Arari = 109 Santa Isabel do Pará = 110 Santa Mª das Barreiras = 111 Santa Luzia do Pará = 112 Santa Maria do Pará = 113 Santana do Araguaia = 114
Santarém = 115
Santarém Novo = 116
Santo Antônio do Tauá = 117 São Caetano de Odivelas= 118
São Domingos do Araguaia = 119 São Domingos do Capim = 120 São Félix do Xingu = 121
São Francisco do Pará = 122 São Geraldo do Araguaia =123 São João da Ponta = 124
São João de Pirabas = 125 São João do Araguaia = 126 São Miguel do Guamá = 127
São Sebastião da Boa Vista = 128 Sapucaí = 129
Senador José Porfírio = 130 Soure = 131
Tailândia = 132 Terra Alta = 133 Terra Santa = 134 Tomé-Açu = 135
Tracuateua = 136
Trairão = 137
Tucumã = 138
Tucuruí = 139
Ulianópolis = 140
Uruará = 141
Vigia = 142
Viseu =143
Vitória do Xingu = 144 Xinguara=14

Anexo do Manual II - Tipificação dos crimes associados

Artigo 217-A - Crime de estupro de vulnerável - Ter conjunção carnal ou praticar ato libidinosocom menor de 14 (catorze) anos (Código Penal Brasileiro).

Artigo 217-A (Reincidência do Crime de estupro de vulnerável) - Nas reincidências comete-se o crime novamente, já tendo havido condenação do mesmo crime anteriormente.

Artigo 226, inciso II – Crime contra a família – A pena é aumentada da metade, se o agente é ascendente, padrasto ou madrasta, tio, irmão, cônjuge, companheiro, tutor, curador, preceptor ou empregador da vítima ou por qualquer outro título tiver autoridade sobre ela.

Artigo 71 – Crime continuado - Quando o agente, mediante mais de uma ação, pratica dois ou mais crimes da mesma espécie e, pelas condições de tempo, lugar, maneira de execução e outras semelhantes, devem os subsequentes ser havidos como continuação do primeiro, aplica-se a pena de um só dos crimes, se idênticas, ou a mais grave, se diversas.

Artigo 147 – Crime de ameaça - Quando o agente ameaçar, por palavra, escrito ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico, de causar-lhe mal injusto e grave.

Artigo 241-B do ECA – Crime de Pornografia infantil- Quando o agente adquiri, possui ou armazena, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente.

Artigo 121 – Crime de Homicídio - Consiste na prática de matar.

Artigo 69 – Crimes concorrentes – Quando o agente, mediante mais de uma ação ou omissão, pratica dois ou mais crimes, idênticos ou não, aplicam-se cumulativamente.

Artigo 136 - Crime de maus-tratos - Considera como ilícito a exposição da criança ou adolescentesob a responsabilidade do agressor, seja pela educação, privação de refeições ou cuidados essenciais, submissão de trabalhos excessivos ou inadequados por abuso dos meios de correção oudisciplina.

Artigo 61 - Enquadra-se quando as circunstâncias agravam a pena (reincidência, contra familiar, contra criança).

Apêndice G – Matriz de Correlações para o instrumento adaptado.

Matriz de Correlação		**P1**	**P2**	**P3**	**P4**	**P5**	**P6**	**P7**	**P8**	**P9**	**P10**	**P11**	**P12**	**P13**	**P14**	**P15**	**P16**	**P17**	**P18**	**P19**	**P20**	**P21**	**P22**	**P23**	**P24**	**P25**	**P26**	**P27**	**P28**	**P29**	**P30**	**P31**	**P32**	**P33**	**P34**	**P35**	**P36**	**P37**	**P38**	**P39**	**P40**
P1	**Correlação P-Valor**	**1**																																							

P2	**Correlação P-Valor**	,608**	**1**	
		,000		
P3	**Correlação P-Valor**	,568**	,550**	**1**
		,000	,000	

	Correlação	,350**	,477**	,422**	
P4	**P-Valor**	,000	,000	,000	**1**

	Correlação	,593**	**,732****	,571**	,491**		
	P-Valor	,000	,000	,000	,000		
P5		0	0	0	0	**1**	
	Correlação	,673**	**,723****	,604**	,498**	**,773****	
	P-Valor	,000	,000	,000	,000	,000	
P6		0	0	0	0	0	**1**

P7	**Correlação P-Valor**	,5479***	,6393***	,5377***	,4242***	**,709***	**,700***	**1**	
		,000	,000	,000	,000	,000	,000		
P8	**Correlação P-Valor**	,6090***	,6561***	,6158***	,3888***	**,725***	,6557***	,6554***	**1**
		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	

	Correlação	,675**	,621**	,708**	,413**	**,773****	**,710****	,696**	,711**	
P9	**P-Val**	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	**1**

	or											
	Correlação P-Valor	**,55284***	**,64141***	**,61447***	**,46767***	**,72885***	**,69545***	**,74230***	**,71290***	**,74040***		
P10		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		
	or	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**	
	Correlação P-Valor	,558**4***	,595**7***	,636**8***	,535**7***	,688**8***	,640**4***	,707**0***	,692**2***	,730**0***	,770**0***	
P11		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
	or	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**

P12	**Correl**	,457**	,450**	,537**	,369**	,568**	,520**	,599**	,599**	,563**	,572**	,560**	**1**	
	açãoP-Valor													
	Correlação	,662**	,566**	,546**	,441**	,606**	,511**	,599**	,628**	,674**	,646**	,664**	,505**	
P13	**Valor**	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	**1**

	Correlação	,482**	,568**	,579**	,270**	,599**	,504**	,491**	,591**	,564**	,509**	,561**	,354**	,688**	
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
P14	**Valor**	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**
	Correlação	,435**	,559**	,566**	,294**	,636**	,561**	,631**	,551**	,595**	,583**	,577**	,471**	,643**	,623**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
P15	**Valor**	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 **1**

	Correlação P-Valor																
P16	Correlação P-Valor	,000	,000	,000	,008	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	1
P17	Correlação P-Valor	,430	,597	,550	,382	,577	,575	,588	,544	,588	,597	,632	,435	,603	,557	,685	,574	1

	Correlação	Valor	Correlação	Valor	
P18	,396**	,000	,479**	,000	1
	,395**	,000	,573**	,000	
	,367**	,000	,572**	,000	
	,331**	,000	,351**	,000	
	,439**	,000	,619**	,000	
	,475**	,000	,607**	,000	
	,445**	,000	,561**	,000	
	,509**	,000	,677**	,000	
	,480**	,000	,649**	,000	
	,445**	,000	,604**	,000	
	,436**	,000	,662**	,000	
	,356**	,000	,547**	,000	
	,367**	,000	,600**	,000	
	,380**	,000	,654**	,000	
	,292**	,000	,514**	,000	
	,240**	,012	,685**	,000	
	,420**	,000	,593**	,000	
P19	,000	,000	,000	,000	1

	Correlação P-Valor																				
	,	,	,	,	**,**	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,			
	4	6	5	3	**7**	6	6	6	6	6	5	6	5	5	7	5	6	4	6		
	9	7	6	6	**1**	5	6	9	5	7	8	1	9	9	0	0	3	3	3		
	2	5	9	3	**3**	9	1	2	6	0	9	1	0	8	6	0	6	8	7		
	*	*	*	*	*****	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*		
	*	*	*	*	*****	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*		
P	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,		
2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**	
	Correlação P-Valor																				
	,	**,**	,	,	,	,	,	,	,	**,**	,	,	,	,	,	,	,	,	,	**,**	
	4	**7**	5	4	6	6	6	6	6	**7**	5	5	6	5	5	5	5	4	6	**7**	
	9	**0**	5	3	5	0	2	2	3	**0**	9	3	2	3	9	2	7	2	1	**5**	
	4	**3**	9	5	7	8	3	3	1	**1**	9	5	3	7	9	6	2	0	4	**5**	
	*	*****	*	*	*	*	*	*	*	*****	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*****	
	*	*****	*	*	*	*	*	*	*	*****	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*****	
P	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	
2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**
	Correlação																				
	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	**,**	**,**
P	5	6	5	3	6	5	5	6	6	6	5	5	6	7	5	5	5	4	6	**7**	**7**
2	2	5	4	8	5	8	5	3	0	5	8	1	5	0	8	6	8	2	9	**1**	**9**
2	2	2	9	8	4	8	7	5	0	7	8	9	0	3	3	2	3	0	5	**7**	**0**	**1**

	elação P-Valor Correlação P-Valor Correlação P-	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
		,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,					
		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0					
		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0					
		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0					
		,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,				
		4	5	5	4	6	6	5	5	6	6	6	5	5	5	5	4	4	5	5	5	6	7				
		7	6	5	4	1	1	3	8	2	6	7	4	7	8	0	2	9	2	4	9	3	0				
		6	6	9	0	6	9	1	8	1	7	2	0	3	0	4	9	1	4	5	7	9	5				
		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*				
		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*				
		,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,				
P		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0				
2		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0				
3		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**			
		,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,			
		3	4	4	3	4	4	4	4	4	5	5	4	3	2	2	3	4	3	4	3	4	4	4			
		6	4	0	6	8	8	2	6	7	5	1	8	6	4	9	9	1	0	3	6	7	9	8			
		6	1	5	9	7	9	4	0	6	3	8	2	9	9	2	0	4	6	2	1	9	1	3			
		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*			
P		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*			
2		,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,	,			
4	**P-**	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**1**		

	ValorCorrelação-ValorP	ValorCorrelação-ValorP	ValorCorrelação-ValorP	ValorCor
	0,544*****	0,513*****	0,000000	0,565***
	0,604*****	0,592*****	0,000000	0,536***
	0,614*****	0,610*****	0,000000	0,633***
	0,342*****	0,363*****	0,000000	0,363***
	0,692*****	0,673*****	0,000000	0,634***
	0,705*****	0,716*****	0,000000	0,644***
	0,644*****	0,638*****	0,000000	0,594***
	0,611*****	0,688*****	0,000000	0,622***
	0,737*****	**0,742*****	0,000000	0,672***
	0,692*****	0,721*****	0,000000	**1**
	0,714***	**0,741*****	0,000000	0,632***
	0,540*****	0,516*****	0,000000	0,515***
	0,680*****	0,658*****	0,000000	0,638***
	0,660*****	0,623*****	0,000000	0,619***
	0,595*****	0,581*****	0,000000	0,554***
	0,558*****	0,554*****	0,000000	0,545***
	0,558*****	0,554*****	0,000000	0,545***
	0,464*****	0,488*****	0,000000	0,454***
	0,627*****	0,624*****	0,000000	0,615***
	0,783***	**0,781*****	0,000000	0,739***
	0,668*****	0,682*****	0,000000	0,659***
	0,728***	**0,743*****	0,000000	0,683***
	0,429*****	0,423*****	0,000000	0,419***
P25	0,000000	0,000000	0,000000	**1**
	0,000000	0,000000	0,000000	0,000*

	relação P-Valor Correlação P-Valor Correlação																												
P28	6***	2***	7***	9***	5***	9***	2***	2***	9***	0***	5***	5***	3***	**1***	9***	5***	6***	8***	5***	4***	7***	**2***	**8***	4***	5***	9***		
	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000		
	,6042*	,6815***	,6233***	,4211***	,6966***	,6446***	,6246***	,6707***	**,7011***	,6414***	**,7316***	,5216***	**,7169***	**,7096***	,6269***	,5564***	,6246***	,5026***	,6115***	,6574***	,6210***	,6701***	,7423***	,4306***	**,7676***	**,6993***	**,8773***		
	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000		
	,5656***	,5663***	,5662***	,3228***	,5840***	,5460***	,6005***	,6573***	,6320***	,6031***	,6225***	,5518***	,6634***	,6609***	,5589***	,5503***	,5340***	,4059***	,5596***	,6446***	,6096***	,5927***	,6277***	,3714***	,6135***	,6838***	**,7782***	**,8226***	
P29	5***	3***	6***	8***	7***	0***	0***	7***	2***	3***	1***	8***	3***	9***	9***	5***	7***	9***	9***	6***	9***	2***	7***	7***	4***	5***	**8***	**6***	
	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	,0000	**1**

	P-Valor Correlação	P-Valor Correlação	P-Valor Correlação	P-Valor
P30	,000 ,000 ,000 ,001 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000	,293974******** ,399728******** ,287725******** ,225201******** ,365065******** ,311015******** ,341426******** ,486862******** ,374644******** ,424477******** ,377333******** ,334737******** ,311772******** ,282000******** ,328059******** ,354109******** ,540818******** ,308639******** ,399155******** ,431315******** ,441354******** ,371146******** ,446446******** ,366636********		
P31	,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000		,483130******** ,610902******** ,494124******** ,441446******** ,624401******** ,601155******** ,515048******** ,622088******** ,558394******** ,558398******** ,489183******** ,518324******** ,486245******** ,445192******** ,451949******** ,519048******** ,488859******** ,448813******** ,589062******** ,626213******** ,565836******** ,538866******** ,375466******** ,546626******** ,526611******** ,551102******** ,545572******** ,572********	
P32	,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000			,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 ,000 **1**

| | Correlação P-Valor | | |

	ão P-Valor	Correlação	ão P-Valor	Correlação	ão P-Valor	Correlação	ão P-Valor		
	,0000	,451**	,0000	,445**	,0000	,445**	,0000		
	,0000	,612**	,0000	,602**	,0000	,602**	,0000		
	,0000	,538**	,0000	,437**	,0000	,437**	,0000		
	,0016	,336**	,0000	,408**	,0000	,408**	,0000		
	,0000	,566**	,0000	,620**	,0000	,620**	,0000		
	,0000	,556**	,0000	,564**	,0000	,564**	,0000		
	,0000	,526**	,0000	,493**	,0000	,493**	,0000		
	,0000	,560**	,0000	,575**	,0000	,575**	,0000		
	,0000	,594**	,0000	,552**	,0000	,552**	,0000		
	,0000	,550**	,0000	,600**	,0000	,600**	,0000		
	,0000	,574**	,0000	,509**	,0000	,509**	,0000		
	,0000	,508**	,0000	,455**	,0000	,455**	,0000		
	,0000	,571**	,0000	,559**	,0000	,559**	,0000		
	,0000	,587**	,0000	,675**	,0000	,675**	,0000		
	,0000	,632**	,0000	,495**	,0000	,495**	,0000		
	,0000	,533**	,0000	,487**	,0000	,487**	,0000		
	,0000	,601**	,0000	,481**	,0000	,481**	,0000		
	,0000	,311**	,0000	,379**	,0000	,379**	,0000		
	,0000	,580**	,0000	,494**	,0000	,494**	,0000		
	,0000	,629**	,0000	,564**	,0000	,564**	,0000		
	,0000	,596**	,0000	,698**	,0000	,698**	,0000		
	,0000	,607**	,0000	,659**	,0000	,659**	,0000		
	,0000	,492**	,0000	,612**	,0000	,612**	,0000		
	,0000	,380**	,0000	,407**	,0000	,407**	,0000		
	,0000	,588**	,0000	,542**	,0000	,542**	,0000		
	,0000	,594**	,0000	,601**	,0000	,601**	,0000		
	,0000	,672**	,0000	,648**	,0000	,648**	,0000		
	,0000	,565**	,0000	,605**	,0000	,605**	,0000		
	,0000	,630**	,0000	,559**	,0000	,559**	,0000		
	,0000	,338**	,0000	,355**	,0000	,355**	,0000		
	,0000	,439**	,0000	,560**	,0000	,560**	,0000		
	,0003	,366**	,0000	,157**	,0000	,104	,0000		
	,0000	,425**	,0000	,565**	,0000	,400**	,0000		
	,0000	,771**	,0000	,716**	,0000	,000	,0000		
P36	,0000	,000	,0000	,000	,0000	,000	,0000	,000	**1**
	,0000	,441**	,0000	,443**	,0000	,443**	,0000		
	,0000	,602**	,0000	,602**	,0000	,602**	,0000		
	,0000	,437**	,0000	,437**	,0000	,437**	,0000		
	,0000	,408**	,0000	,408**	,0000	,408**	,0000		
	,0000	,620**	,0000	,620**	,0000	,620**	,0000		
	,0000	,564**	,0000	,564**	,0000	,564**	,0000		
	,0000	,493**	,0000	,493**	,0000	,493**	,0000		
	,0000	,575**	,0000	,575**	,0000	,575**	,0000		
	,0000	,552**	,0000	,552**	,0000	,552**	,0000		
	,0000	,600**	,0000	,600**	,0000	,600**	,0000		
	,0000	,509**	,0000	,509**	,0000	,509**	,0000		
	,0000	,455**	,0000	,455**	,0000	,455**	,0000		
	,0000	,559**	,0000	,559**	,0000	,559**	,0000		
	,0000	,675**	,0000	,675**	,0000	,675**	,0000		
	,0000	,495**	,0000	,495**	,0000	,495**	,0000		
	,0000	,487**	,0000	,487**	,0000	,487**	,0000		
	,0000	,481**	,0000	,481**	,0000	,481**	,0000		
	,0000	,379**	,0000	,379**	,0000	,379**	,0000		
	,0000	,494**	,0000	,494**	,0000	,494**	,0000		
	,0000	,564**	,0000	,564**	,0000	,564**	,0000		
	,0000	,698**	,0000	,698**	,0000	,698**	,0000		
	,0000	,659**	,0000	,659**	,0000	,659**	,0000		
	,0000	,612**	,0000	,612**	,0000	,612**	,0000		
	,0000	,407**	,0000	,407**	,0000	,407**	,0000		
	,0000	,542**	,0000	,542**	,0000	,542**	,0000		
	,0000	,601**	,0000	,601**	,0000	,601**	,0000		
	,0000	,648**	,0000	,648**	,0000	,648**	,0000		
	,0000	,605**	,0000	,605**	,0000	,605**	,0000		
	,0000	,559**	,0000	,559**	,0000	,559**	,0000		
	,0000	,355**	,0000	,355**	,0000	,355**	,0000		
	,0000	,560**	,0000	,560**	,0000	,560**	,0000		
	,0000	,157**	,0000	,565**	,0000	**,716****	,0000	**,752****	
P37	,0000	,104	,0000	,400**	,0000	,000	,0000	,000	**1**

	Correlação	P-Valor	Correlação	P-Valor		
P38	,379**	,000	,506**	,000		
	,511**	,000	,553**	,000		
	,487**	,000	,499**	,000		
	,383**	,000	,422**	,000		
	,468**	,000	,578**	,000		
	,470**	,000	,505**	,000		
	,493**	,000	,527**	,000		
	,493**	,000	,554**	,000		
	,481**	,000	,611**	,000		
	,517**	,000	,570**	,000		
	,450**	,000	,559**	,000		
	,450**	,000	,488**	,000		
	,499**	,000	,590**	,000		
	,543**	,000	,556**	,000		
	,473**	,000	,513**	,000		
	,366**	,000	,430**	,000		
	,355**	,000	,441**	,000		
	,453**	,000	,404**	,000		
	,518**	,000	,545**	,000		
	,571**	,000	,588**	,000		
	,628**	,000	,681**	,000		
	,665**	,000	,663**	,000		
	,584**	,000	,541**	,000		
	,320**	,000	,436**	,000		
	,539**	,000	,577**	,000		
	,565**	,000	,606**	,000		
	,536**	,000	,563**	,000		
	,526**	,000	,601**	,000		
	,397**	,000	,468**	,000		
	,546**	,000	,484**	,000		
	,586**	,000	,579**	,000		
	,108*	,266	,122*	,209		
	,494**	,000	,458**	,000		
	,447**	,000	,524**	,000		
	,424**	,000	,477**	,000		
	,514**	,000	,536**	,000		
	1		,786**	,000		1

| | | |

-.123	-.084	-.060	**,951**[a]	-.140	-.067	-.154	-.169	.252	.042	-.277	.127	-.097	.110	.257	-.275	.104	.016	-.198	.050	.066	-.005	-.056	-.018	.041	-.050	-.142
-.237	-.069	-.042	-.140	**,972**[a]	-.052	-.043	.014	.010	.035	-.052	-.021	-.150	-.057	-.093	-.060	-.129	-.098	.016	-.002	-.204	-.072	-.175	-.086	-.186	-.014	-.093
-.068	-.032	-.189	-.067	-.167	**,966**[a]	-.313	.134	.015	-.026	-.041	-.020	-.103	-.064	.027	-.118	-.032	.129	-.079	-.098	-.227	.060	-.216	-.036	.021	-.052	-.104
.011	.048	-.237	-.154	-.043	-.313	**,945**[a]	-.081	.050	-.198	.147	-.055	.092	-.222	-.131	.041	-.158	-.190	.062	.249	-.064	-.212	.228	-.138	-.079	-.082	-.035
-.075	.082	.103	-.169	-.014	.134	-.081	**,950**[a]	-.235	-.005	.023	-.202	-.216	.047	-.137	.201	-.299	-.043	.004	-.110	-.122	-.030	-.129	-.086	.002	-.140	-.146
-.125	-.009	-.167	.252	.010	-.015	.050	-.235	**,948**[a]	-.254	-.267	-.022	.088	-.052	.147	-.109	.095	-.050	-.186	.081	-.016	-.233	.144	-.063	-.019	.065	-.182
.072	-.067	-.016	.042	.035	-.026	-.198	-.005	-.254	**,951**[a]	-.118	-.023	-.086	.082	.192	-.217	-.179	.083	-.178	-.186	-.073	-.021	.073	-.197	.057	-.128	-.173
-.191	.023	.028	-.277	.052	-.041	.147	-.267	-.118	**,944**[a]	-.294	-.059	.008	-.318	.136	-.025	.083	-.178	-.136	-.055	-.162	-.126	.069	-.116	-.233			

.006	.033	-.064	.127	-.021	-.020	-.055	.2022	-.052	-.023	-.294	**,950ª**	-.349	-.3	.074	.021	-.169	-.065	.151	-.172	.018	.135	.096	-.332	.010	-.192	-.023	-.099
-.117	.082	-.059	-.097	.1150	-.1003	.092	-.216	-.088	-.086	-.059	-.349	**,9600ª**	-.238	-.238	-.081	.061	-.223	.132	.093	.039	-.065	-.103	.103	-.099	-.059	-.051	-.031
.022	-.052	.150	.110	-.057	-.064	-.222	.047	.052	.082	.008	.074	-.238	**,9544ª**	-.125	-.127	-.149	-.139	.093	.039	.010	.097	.251	-.254	.169	.188	-.130	.073
.019	-.161	-.057	.257	-.093	.027	-.131	.137	.147	.192	-.318	.021	-.081	-.125	**,9343ª**	-.499	-.110	.198	-.139	.198	-.060	-.038	.069	.121	.021	.039	.155	-.320
.110	-.091	.091	-.275	-.060	-.118	.041	.201	.109	-.217	.136	-.169	.061	-.127	-.499	**,9433ª**	.060	.008	-.218	.008	.059	-.038	.014	.046	-.080	-.046	.006	.260
.200	-.229	-.047	.104	-.129	-.032	.158	-.299	.095	-.179	.025	-.065	-.223	-.040	.003	.060	**,9477ª**	-.443	-.443	-.174	.170	-.131	-.031	.031	-.047	-.069	.116	.034
-.245	.091	-.060	.016	-.098	.129	-.190	-.043	.008	-.008	.083	-.151	.132	-.149	-.110	-.218	-.443	**,9447ª**	-.392	-.143	-.047	-.005	.053	-.008	.134	.039	.077	-.064
.165	.053	-.139	-.198	.016	-.079	.062	.004	-.050	.186	-.178	.172	.093	-.139	.198	.008	-.174	-.392	**,9455ª**	.020	.159	.091	.105	.167	.039	.093	.158	

.127	-.038	-.194	.0500	-.002	-.098	.249	-.110	.0811	-.196	-.186	.0118	.0390	.0100	-.060	.0559	.1700	-.143	.0200	**,81 7[a]**	-.041	**,960 0[a]**	-.239	**,937 7[a]**	-.4481	**,913 3[a]**	.0100	**,930 0[a]**	-.4900	**,946 6[a]**	-.2467	**,968 8[a]**	.0445	**,954 4[a]**
-.079	.1000	-.0366	.0664	-.2047	.2276	-.0644	.1222	-.0161	-.0611	-.0735	.1355	-.0652	.0970	-.0389	-.0598	-.1311	-.0471	.1559	-.0411	-.2391	-.3271	-.4811	-.0319	.0557	-.1004	-.0844	-.1422	-.2076	-.0581	-.1004	-.0274	-.0741	-.0662
.156	-.0611	.1088	-.0056	.1725	.0600	-.2128	.2300	-.2333	-.0211	-.0555	.1623	-.3322	.2551	-.1033	.0691	-.0311	.0145	-.0911	-.2239	-.3271	-.4811	-.0319	.0019	.0573	-.0844	-.1422	-.2076	-.0581	-.1004	-.0274	-.0741	-.0662	-.0521
-.178	-.0229	.0122	-.0561	.0863	-.2162	.2288	-.1294	.1444	.0733	-.1626	-.3322	.1033	-.2541	.1211	.0533	-.0311	-.0463	.1055	.1205	-.3271	-.4811	-.0319	.0100	.0422	-.1422	-.2076	-.0581	-.1004	-.0274	-.0741	-.0662	-.0521	-.0807
.203	-.0200	-.1922	-.0418	-.1866	.0216	.1388	-.0866	-.0634	.1977	-.1266	.0100	-.0999	-.1691	.0211	-.0800	-.0471	-.0555	.1675	.0555	-.0311	-.0191	.0100	-.0570	-.4900	-.2076	-.0581	-.1004	-.0274	-.0741	-.0662	-.0521	-.0807	-.0452
-.052	-.0470	.0652	-.0410	-.1866	.0216	-.0792	.0022	-.0197	-.0573	.0692	-.1922	-.0599	.1888	.0391	-.0460	.0692	-.0122	.0393	-.0122	-.0580	-.0570	.0422	-.4900	-.2076	-.0581	-.1004	-.0274	-.0741	-.0662	-.0521	-.0807	-.0452	-.0911
.007	-.0947	-.0070	-.0500	-.0140	.0522	-.0822	-.1400	.0652	-.1285	-.1166	-.2330	-.0231	-.0511	-.1555	-.0066	.1166	-.0111	.0933	-.0111	-.1000	-.0840	-.1422	-.2076	-.0581	-.1004	-.0274	-.0741	-.0662	-.0521	-.0807	-.0452	-.0911	-.0963
-.096	.1911	-.0211	-.1422	-.0933	-.1044	-.0350	-.1466	-.1822	-.1733	.2333	-.0999	-.0311	.0733	-.3200	.2600	.0340	-.0644	-.1580	-.0011	-.0270	-.0744	-.0662	-.0521	-.0807	-.0452	-.0911	-.0963	-.0544					

Apêndice I – Manual para categorização Bivariada das características parentais

VALORES FIXOS	
Unidade Penal	CTMABT = **1 (**Central de Triagem Masculino de Abaetetuba**)** PEM II= **2** (Presídio Estadual Metropolitano II)
INFORMAÇÕES PROCESSUAIS	
Situação Jurídica	Provisório = **1** Condenado = **2**
Crime (Artigo do Código Penal Brasileiro)	Artigo 217-A **= 1** Artigo 217-A (Reincidência) **= 2**
Nega o crime	Sim = **1** Não = **2**
Possui vínculo de parentesco com a vítima	Sim = **1** Não = **2**
Qual o vínculo de parentesco com a vítima	Pai/ padrasto = **1** Não pai/ padrasto = **2** Não se aplica = **50**
DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	
Idade	Idade inferior a 44 anos = 1 Mais de 3 filhos = 2
Cor/Etnia	Não negro/pardo = **1** Negro/pardo = **2**
Religião	Evangélico = **1** Não evangélico **= 2**
Escolaridade	Sem o Ensino Fundamental =1 Com o Ensino Fundamental = 2
Estado Civil quando preso	Com relacionamento = 1 Sem relacionamento = 2
Estado Civil quando atual	Com relacionamento = 1 Sem relacionamento = 2
Número de relacionamentos?	Menos e/ou 2 = **1** Mais de 2 = **2**
Possui Filhos	Sim = **1** Não = **2**
Número de filhos	Menos e/ou 3 filhos = **1** Mais de 3 filhos = **2**
Responsável pelos cuidados na infância	Somente a mãe = **1** Outras figuras parentais = **2**
Faz uso de medicação contínua?	Sim = **1** Não = **2**
Tabagismo	Sim = **1** Não = **2**
Usuário de substância psicoativa?	Sim = **1** Não = **2**

Quantas substância psicoativa?	Usuário de uma substancia psicoativa = **1** Usuário de várias substâncias psicoativas = **2** Não se aplica **= 50**
CARACTERIZAÇÃO DE PARENTALIDADE	
Possuía desejo de ter filhos?	Sim = **1** Não = **2**
Registrou os filhos?	Sim = **1** Não = **2**
Contato frequente com o filho antes do cárcere?	Sim = **1** Não = **2**
Realizava atividades lúdicas com os filhos?	Sim = **1** Não = **2**
Quais atividades lúdicas	Lazer = **1** Entretenimento/esporte **= 2** Não se aplica **= 50**
Participava de alguma atividade da vida do filho?	Sim = **1** Não = **2**
Qual atividade da vida do filho?	Escolares = **1** Religiosa/social = **2** Não se aplica **= 50**

Apêndice J – Manual para categorização Bivariada de COMPA (Cluster)

VALORES FIXOS	
SI = **99** Não se aplica = **50** Nenhum ou zero = **0**	
Município	Abaetetuba = **1** Marituba = **2**
Unidade Penal	CTMABT = **1 (**Central de Triagem Masculino de Abaetetuba**)** PEM II= **2** (Presídio Estadual Metropolitano II)
INFORMAÇÕES PROCESSUAIS	
Situação Jurídica	Provisório = **1** Condenado = **2**
Nega o crime	Sim = **1** Não = **2**
Crime (Artigo do Código Penal Brasileiro)	Artigo 217-A **= 1** Artigo 217-A (Reincidência) **= 2**
Possui vínculo de parentesco com a vítima	Sim = **1** Não = **2**
Qual o vínculo de parentesco com a vítima	Não se aplica = **50** Pai/ padrasto = **1** Não pai/ padrasto = **2**
DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	
Idade	Idade inferior a 44 anos = 1 Mais de 3 filhos = 2
Cor/Etnia	Não negro/pardo = **1** Negro/pardo = **2**
Religião	Evangélico = **1** Não evangélico **= 2**
Escolaridade	Sem o Ensino Fundamental =1 Com o Ensino Fundamental = 2
Estado Civil quando preso	Com relacionamento = 1 Sem relacionamento = 2
Estado Civil quando atual	Com relacionamento = 1 Sem relacionamento = 2
Número de relacionamentos?	Nenhum = **0** Não se aplica **= 50** Nos demais adotar o valor absoluto
Possui Filhos	Sim = **1** Não = **2**

Quantos filhos	Menos de 3 filhos = **1** Mais de 3 filhos = **2**
Responsável pelos cuidados na infância	Mãe= **1** Não mãe = **2**
Possui alguma doença?	Sim = **1** Não = **2**
Faz uso de medicação contínua?	Sim = **1** Não = **2**
Tabagismo	Sim = **1** Não = **2**
Usuário de substância psicoativa?	Sim = **1** Não = **2**
Quantas substância psicoativa?	Não se aplica **= 50** Usuário de uma substancia psicoativa = **1** Usuário de várias substâncias psicoativas = **2**
ROTEIRO ADAPTADO DE COMUNICAÇÃO AFETIVA ADAPTADO	
Expressão do afeto e apoio emocional	
O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo?	Não = 1 Sim = 2
Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado?	Não = 1 Sim = 2
Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho?	Não = 1 Sim = 2
É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Explico regras ao meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Digo que gosto do meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas?	Não = 1 Sim = 2
Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o envergonhe?	Não = 1 Sim = 2
O meu filho gosta de conversar comigo?	Não = 1 Sim = 2
Procuro animar o meu filho quando ele está triste?	Não = 1 Sim = 2
Preocupo-me com os sentimentos do meu filho?	Não = 1 Sim = 2
O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto?	Não = 1 Sim = 2

Disponibilidade parental para a comunicação	
O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele?	Não = 1 Sim = 2
É fácil impor regras e limites ao meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho?	Não = 1 Sim = 2
O meu filho entende aquilo que quero lhe dizer?	Não = 1 Sim = 2
Quando eu e o meu filho estamos com raiva discutimos conflituosamente?	Não = 1 Sim = 2
O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso?	Não = 1 Sim = 2
Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim?	Não = 1 Sim = 2
Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Metacomunicação	
Procuro escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera?	Não = 1 Sim = 2
Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolvê-lo?	Não = 1 Sim = 2
Tento compreender o ponto de vista do meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Sou capaz de dizer ao meu filho o que está me incomodando?	Não = 1 Sim = 2
Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado?	Não = 1 Sim = 2
Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê?	Não = 1 Sim = 2
Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma?	Não = 1 Sim = 2
Confiança/partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	
Sinto que posso confiar no meu filho e lhe contar os meus problemas?	Não = 1 Sim = 2

Sei que posso contar com o apoio do meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Sinto que posso confiar no meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Quando quero falar sobre algo, é com o meu filho que gosto de conversar?	Não = 1 Sim = 2
Converso com o meu filho sobre minha infância e da forma como fui educado?	Não = 1 Sim = 2
Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante?	Não = 1 Sim = 2
Converso com o meu filho quando me sinto triste ou com raiva?	Não = 1 Sim = 2
Confiança/partilha comunicacional dos filhos para os progenitores	
Sei como o meu filho se sente sem ter que lhe perguntar?	Não = 1 Sim = 2
Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo?	Não = 1 Sim = 2
Compreendo os problemas e preocupações do meu filho?	Não = 1 Sim = 2
Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente?	Não = 1 Sim = 2
O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação?	Não = 1 Sim = 2
Gostava que o meu filho fosse criança para sempre?	Não = 1 Sim = 2
O meu filho conversa comigo sobre as obrigações e responsabilidades que tem?	Não = 1 Sim = 2

Anexo A – Parecer Circunstanciado do Comitê de Ética (Estudo I)

NÚCLEO DE MEDICINA TROPICAL-NMT/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Agressor Sexual de Crianças e Adolescentes

Pesquisador: Daniela Castro dos Reis

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 18209313.1.0000.5172

Instituição Proponente: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Patrocinador Principal: CONS NAC DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLOGICO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 650.210

Data da Relatoria: 30/04/2014

Apresentação do Projeto:

projeto objetiva compreender a violência sexual contra criança e adolescente na percepção do agressor sexual. Os dados serão coletados por meio de entrevista individuais, com homens e mulheres acima de 18 anos de idade que tenham processo transitado e julgado pelo crime de violência sexual contra criança e adolescente, que se encontrem, em liberdade ou cumprindo pena em regime de cárcere. A pesquisadora já possui autorização dos dirigentes das unidades, com garantia de espaço e proteção para coleta dos dados.

Objetivo da Pesquisa:

O trabalho pretende estudar o perfil biopsicossocial de agressores sexuais de crianças e adolescente e os fatores de risco e proteção presentes em sua trajetória de vida.

Objetivo Específico:

Identificar e analisar as características biopsicossociais dos agressores nos processos jurídicos que tramitam na Vara da Infância e Juventude na Comarca de Belém, na Promotoria da Infância e Juventude do Ministério Público do Pará, e Vara de Execução Penal de Belém/PA;

Compreender a violência sexual contra criança e adolescente na percepção do agressor sexual;

Verificar e analisar os fatores de risco e proteção presentes nos contextos ecológicos do desenvolvimento de agressores sexuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O TCLE deverá ser modificado incluindo as seguintes informações: 1- convite formal para participar do estudo; 2- Enfatizar a justificativa para o estudo; 3- enfatizar a guarda das informações pelo pesquisador; 4- Por motivo de segurança da pesquisadora sugere-se colocar endereço institucional fazendo referência também ao comitê de ética para esclarecimentos caso necessário(endereço, telefone e e-mail; 5- Precisa ser informado o tempo de realização do estudo com início e fim; 6- Esta ausente informações sobre o processo de devolução dos dados para os participantes; 7-Redigir o termo em papel timbrado da instituição. Deverá ser anexado a declaração Judicial dos Órgãos competentes

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todas as recomendações foram acatadas pelo proponente.

Recomendações:

Considerando que as recomendações foram incluídas no documento apresentado, sou de parecer favorável a aprovação do estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BELEM, 16 de Maio de 2014

Assinado por:
ANDERSON RAIOL RODRIGUES
(Coordenador)

Anexo B - Autorização da SEAP para pesquisa nas Unidades Penais.

Governo do Estado do Pará
Secretaria de Estado de Administração Penitenciária
Escola de Administração Penitenciária

GOVERNO DO PARÁ

OFÍCIO INTERNO Nº 005/2023 - CPP/EAP/SEAP

Belém, 27 de fevereiro de 2023.

Aos Senhores Diretores

Assunto: **ENTRADA DA PESQUISADORA MARISA TRINDADE.**

Senhores Diretores,

1. Considerando a solicitação de autorização do projeto de pesquisa acadêmica para, **DANIELA CASTROS REIS** orientadora da pesquisa da **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**, para realização de pesquisa nesta SEAP, que tem como objetivo a elaboração de uma tese intitulada "Prática Parental de comunicação afetiva na relação pai-filho: um estudo no ambiente carcerário com autor de violência sexual".

2. Encaminhamos a referida pesquisa para providências quanto à liberação de entrada da discente **MARISA TRINDADE PEREIRA** nos recintos do **CTMABT, CTMII E PEM 2** para coletar dados através de roteiros aplicado aos pais de autores de violência sexual contra criança e adolescente que se encontram custodiados e seus filhos (não vítimas) na faixa etária de 6 a 12 anos. Ressalta-se, que o projeto de pesquisa apresenta o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE na qual os entrevistados irão assinar, assim como preservação do sigilo e privacidade dos participantes que será mantida em anonimato.

3. Por fim, informa-se que a discente desta pesquisa é servidora desta SEAP e já passou pela fase de investigação social, desse modo solicitamos que após conhecimentos sobre a pesquisa retornem os autos para **Escola de Administração Penitenciária** para demais diligências cabíveis como **data e horário** de disponibilidade das casas penais quanto à entrada e acompanhamento da pesquisadora durante a coleta de dados.

4. Na oportunidade, colocamos a Escola de Administração Penitenciária à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio do telefone (91) 3342-2375.

Atenciosamente,

PAULO ROCHA CUNHA
Diretor da Escola de Administração Penitenciária

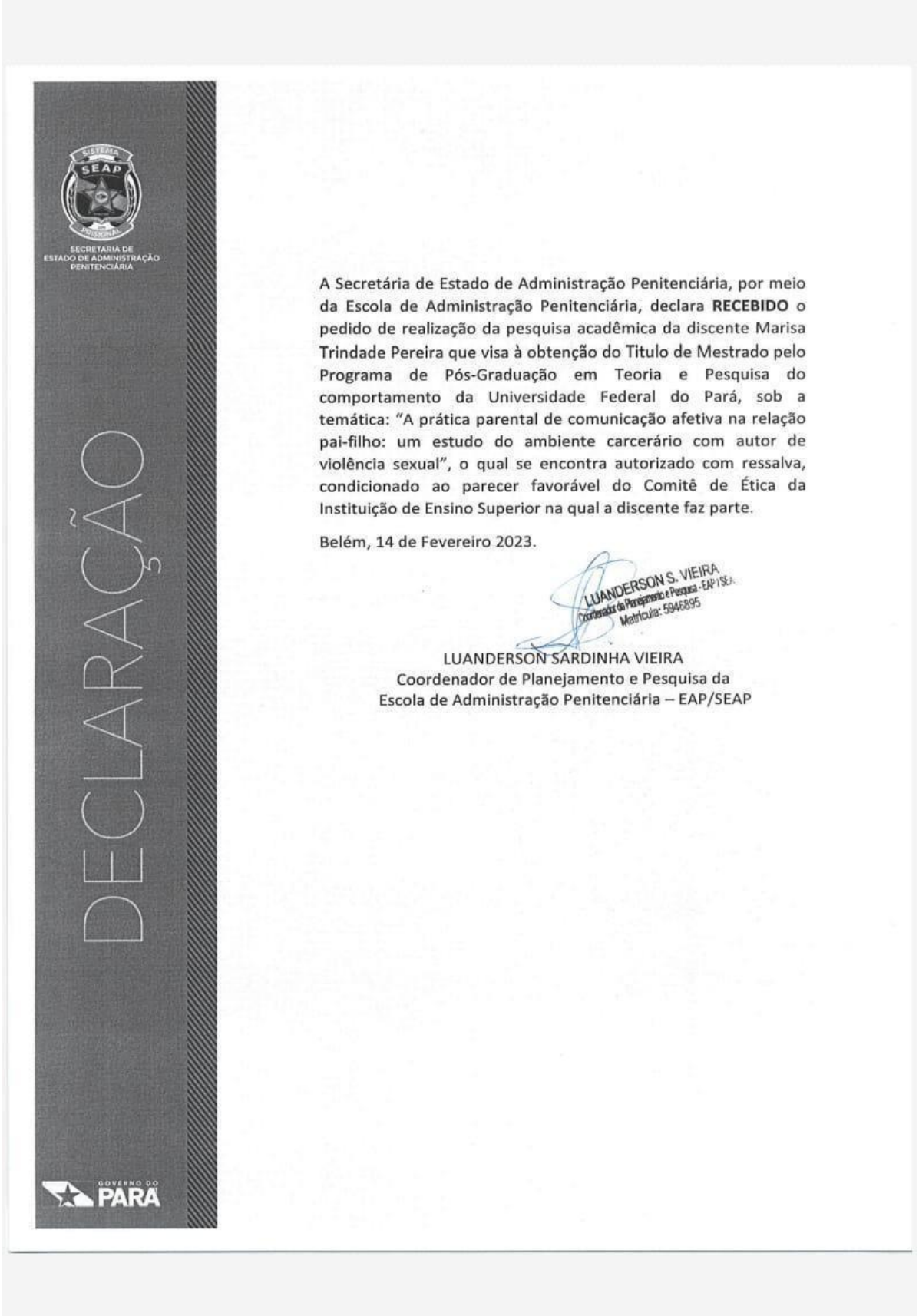
LUANDERSON VIEIRA
Coordenador de Planejamento e Pesquisa Acadêmica

Escola de Administração Penitenciária
Rua Santo Antônio, S/N, Campina, Belém - PA, CEP: 66010-105, Telefone (91) 3342-2350
E-mail: eap.seap@gmail.com

Confira a autenticidade deste documento em https://autenticidade.pa.gov.br/validacao-protocolo
Nº do Protocolo: 2023[illegible] Código Sequencial: 1

ASSINADO ELETRONICAMENTE PELO USUÁRIO: ana laura da silva magalhães (Lei 11.419/2006)
EM 27/02/2023 14:33 (Hora Local) - Aut. Assinatura: 8A5798310F3F0704.922A8F9128EC4EA.256A39C3CA86D50.566C79B280CEF87

Anexo C – Declaração da SEAP de recebimento do projeto e do ofício



SECRETARIA DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA

DECLARAÇÃO

A Secretária de Estado de Administração Penitenciária, por meio da Escola de Administração Penitenciária, declara **RECEBIDO** o pedido de realização da pesquisa acadêmica da discente Marisa Trindade Pereira que visa à obtenção do Titulo de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do comportamento da Universidade Federal do Pará, sob a temática: "A prática parental de comunicação afetiva na relação pai-filho: um estudo do ambiente carcerário com autor de violência sexual", o qual se encontra autorizado com ressalva, condicionado ao parecer favorável do Comitê de Ética da Instituição de Ensino Superior na qual a discente faz parte.

Belém, 14 de Fevereiro 2023.

LUANDERSON S. VIEIRA
Coordenador de Planejamento e Pesquisa - EAP/SEAP
Matrícula: 5946895

LUANDERSON SARDINHA VIEIRA
Coordenador de Planejamento e Pesquisa da
Escola de Administração Penitenciária – EAP/SEAP

GOVERNO DO PARÁ

Anexo D - Parecer Circunstanciado do Comitê de Ética (Estudo II e III)

UFPA - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A comunicação afetiva na interação pai-filho: um estudo em ambiente carcerário com autores de violência sexual

Pesquisador: MARISA TRINDADE PEREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70280923.1.0000.0018

Instituição Proponente: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.213.933

Apresentação do Projeto:

A agressão sexual contra crianças e adolescentes emerge no contexto de desigualdade de poder, com finalidade de obtenção de prazer sexual.

Estudos sobre o autor da agressão sexual em crianças e adolescentes (AASCA) são incipientes, especialmente no Brasil, sua socialização primária

e trajetória de vida constituem-se um tema complexo e cercado de tabus. Na complexidade que cerca o assunto, a parentalidade é abordada pela

literatura, tendo em vista que existe maior probabilidade de o AASCA serem o pai ou padrasto da vítima. No entanto, o delineamento da figura

paterna, visto que o AASCA em sua maioria pertence ao gênero masculino, em sua perspectiva de pai, reflete um estudo inovador da literatura. O

foco do presente estudo, relaciona-se à variável ter filho, frequentemente observada em estudos sociodemográficos, apresentados apenas como um

dado quantitativo e sem pretensão investigar as características deste pai AASCA, enquanto figura de prática de cuidado dos filhos que podem ter

sido as vítimas da agressão sexual ou não. Estudos apontam que esse intercâmbio entre os pais e a criança deve ser carregado de fatores

emocionais porque ocorrem como elementos estimuladores para o desenvolvimento humano. A

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

comunicação afetiva reflete a uma interação entre
pai e filho positiva, que contribuem ou reforçam um vínculo afetivo. Basear-se em a comunicação afetiva é uma habilidade linguística, cooperativa e
empática, atrelada também ao desenvolvimento das competências socioemocionais e que pretende-se investigar nos pais AASCA.

Objetivo da Pesquisa:

Caracterizar pais autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes e analisar o comportamento de comunicação afetiva no processo de
interação pai-filho, em ambiente de carcerário.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos da pesquisa envolvem: desconforto ao responder algum tópico, vergonha, possibilidade de constrangimento, disponibilidade de tempo
para responder aos instrumentos e participar da entrevista e responder a questões sensíveis, como práticas educativas negativas destinadas às
crianças.

Benefícios:

A pesquisa poderá contribuir com um novo elemento para a compreensão do complexo fenômeno da violência sexual contra crianças e
adolescentes. Assim como, indicar possível direcionamento para o tratamento de autores se eles apresentarem comunicação afetiva com os filhos

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta de pesquisa apresenta os requisitos exigidos pelo CEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão de acordo com o padrão estabelecido pelo CEP.

Recomendações:

A pesquisa está de acordo com as normas do CEP. Parabenizo pela iniciativa e desejo sucesso na pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ.

UFPA - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Continuação do Parecer: 6.213.933

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2098294.pdf	05/06/2023 15:46:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	05/06/2023 15:45:13	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura.docx	05/06/2023 15:40:22	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Declaração de concordância	TERMO.pdf	29/03/2023 22:25:06	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	29/03/2023 22:11:19	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Outros	carta.pdf	29/03/2023 21:56:39	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Outros	onus.pdf	29/03/2023 21:40:50	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Outros	Aceite.pdf	29/03/2023 20:52:45	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	29/03/2023 20:14:25	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.pdf	06/03/2023 12:27:38	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	06/03/2023 12:24:35	MARISA TRINDADE PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Continuação do Parecer: 6.213.933

BELEM, 02 de Agosto de 2023

Assinado por:
Wallace Raimundo Araujo dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br